


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

CELSO FRANCISCO DO Ó

**IMPLEMENTAÇÃO DA SOCIOLOGIA NA REDE  
ESTADUAL DE SÃO PAULO:** Análise das narrativas e  
manifestações dos agentes públicos



ARARAQUARA-SP  
2021

CELSO FRANCISCO DO Ó

**IMPLEMENTAÇÃO DA SOCIOLOGIA NA REDE  
ESTADUAL DE SÃO PAULO:** Análise das narrativas e  
manifestações dos agentes públicos

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho,  
Programa Educação Escolar da Faculdade de  
Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como  
requisito para obtenção do título de Mestre.

**Linha de pesquisa:** Política e Gestão Educacional

**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo Ribeiro

ARARAQUARA-SP  
2021

O999i Ó, Celso Francisco do  
IMPLEMENTAÇÃO DA SOCIOLOGIA NA REDE ESTADUAL  
DE SÃO PAULO : Análise das narrativas e manifestações dos agentes  
públicos / Celso Francisco do Ó. -- Araraquara, 2021  
174 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientador: Ricardo Ribeiro

1. Sociologia. 2. Educação Básica. 3. Ensino Médio. 4. Análise de  
narrativas. 5. Educação Paulista. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CELSO FRANCISCO DO Ó

**IMPLEMENTAÇÃO DA SOCIOLOGIA NA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO:** Análise das narrativas e manifestações dos agentes públicos

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em 2021.

**Linha de pesquisa:** Política e Gestão Educacional  
**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo Ribeiro

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** **Prof. Dr. Ricardo Ribeiro**  
Universidade Estadual Paulista

---

**Membro Titular:** **Prof. Dra. Claudete Pagotto**  
Universidade Metodista de São Paulo

---

**Membro Titular:** **Prof. Dr. Alvaro Martim Guedes**  
Universidade Estadual Paulista

**Local:** Araraquara, 22 de fevereiro de 2021.  
Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

Para todas e todos que acompanharam e  
contribuíram de alguma forma para esse  
trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Chegar nesta parte da produção de todo o trabalho e olhar um pouco para trás, lembrar de todo caminho trilhado, os altos e baixos, os momentos de ansiedade que foram praticamente constantes, até mesmo ter o entendimento ao vislumbrar a conquista de chegar até aqui. Muitas e muitas pessoas queridas e importantes estiveram observando essa jornada, puderam me ouvir falando um pouco dos meus sentimentos, seja acompanhando mais de perto em outros momentos mais distantes, desde minhas idas e vindas de Araraquara, os desafios de cumprir meus créditos, mas antes disso a decisão de me afastar momentaneamente da docência para ir atrás de um sonho e do objetivo que sempre almejei conquistar.

Essa conquista, assim como qualquer outra na minha vida, não foi algo fácil, sempre foi um desafio para mim mesmo, por saber que tinha a capacidade de ir além, por notar que o incentivo me deu suporte para acreditar na minha capacidade. Às vezes, confesso que fiquei muito em dúvida, e até pensando como lidar com tudo isso que vim conquistando nestes últimos anos, por cada passo à frente e cada incentivo eu sou extremamente grato!

Agradeço primeiramente a minha mãe, Dona Nelita, por sempre acreditar em mim, me dando incentivo a buscar oportunidades melhores, seja no trabalho como principalmente nos estudos. Percebo seu orgulho ao falar sobre minhas conquistas, desde cursar minha primeira graduação em Ciências Sociais, e ficando emocionada ao ver na formatura da Pedagogia mais uma vitória, acredito que essa seja mais uma vitória e principalmente a que faço enorme questão de dedicar.

A UNESP por ser um ambiente tão acolhedor, que proporcionou a oportunidade de dar mais esse passo na minha vida acadêmica, contribuindo com minha formação profissional. Essa história se iniciou no curso de Pedagogia oferecido pelo NEaD UNESP, que me deu condições de participar do Congresso de Iniciação Científica, abrindo as portas da FCLAr Araraquara, onde fui muito bem recebido.

Quero expressar também o enorme sentimento de gratidão ao meu orientador Prof. Ricardo Ribeiro, por acreditar no meu trabalho, e me auxiliar nessa empreitada, sendo muito humano. Me recordo até hoje do dia em que fui fazer a prova de ingresso no mestrado quando me deu carona até o campus e ao me cumprimentar fez a seguinte fala: “Que essa seja a primeira de muitas vezes que você venha para Araraquara”. De fato, minhas idas passaram a ser frequentes, e além das orientações, as conversas sempre bem humoradas, mesmo falando sobre o contexto político. Gratidão pela sua amizade!

Aos meus amigos Henrique, Romero, Vagner e Derivaldo por sempre estarem por perto nestes 20 anos de amizade, nos momentos de dúvidas e incerteza, me chamando atenção quando pensava em desistir. Derivaldo mesmo de longe foi acompanhando e torcendo por mim. Vagner ao me encontrar mencionando da capacidade e experiência no magistério como potência no desenvolvimento da minha pesquisa. Romero sempre me mostrando uma simplicidade necessária para compreender temas complexos e me mostrando como poderia refletir até mesmo sobre minha prática. Henrique por ouvir meus desabafos, e também pelos puxões de orelha quando necessário mostrando que estava seguindo o caminho certo.

Meu muito obrigado ao pessoal da UAB-UniCEU Casa Blanca, Silvia, Gildézio, Gláucia, Fábio, Emerson, Elisângela e Adriana por acompanharem meu ingresso no mestrado mesmo sem ter concluído a segunda graduação, me dando apoio na busca por essa caminhada acadêmica, me fortalecendo acreditando que seria possível.

Destaco também minha gratidão a Tenda Espiritualista de Umbanda Pai João do Congo e Baiano Zé Pimenta, ao Pai Rogério e Mãe Eliane pelos seus ensinamentos muito importantes, as irmãs e irmãos, mas principalmente a cada entidade que durante todo esse período me trouxeram palavras de muito esclarecimento, conforto e incentivo neste momento desafiador que vivenciei.

Obrigado a Tânia e sua amizade desde a época que comecei na DE me motivando sempre a buscar o mestrado. A Tanija pela parceria e incentivo a utilizar parte da experiência do mestrado em formações. Ao Hugo grande camarada que admiro, e aprendo muito sempre que temos oportunidade de conversar. A Cintia por me ajudar na revisão do texto e ouvir meus desabafos. Ao José Roberto que tive a grande satisfação de reencontrar e me dar dicas para organizar esse trabalho. A Carolina e suas sugestões certeiras para realizar as transcrições que não foram fáceis. A Vânia pelos momentos de companheirismo. Ao pessoal da Diretoria de Ensino Sul 1 Wagner, Nath, Carina, Pedro, Priscila.

Também agradeço aos novos amigos que fiz no programa de pós-graduação, Prof. Sebastião Lemes (Kuka) que toda a tarde acompanhava para ir comer no engasga gato da FCLAr. Caio meu parceiro, grande fã do Di Mello e piloto de twingo. Ao Lucas, Eliane, Evelin, Rejane, Rodolfo, Adriana, Eric, Rose (a gerente) e Vanda por compartilharem experiências e expectativas.

Como diz o poeta Vinicius, a vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro, nesse percurso encontrei muitas pessoas que agradeço por serem importantes para mim e mesmo na correria diária ainda falamos um pouco para saber se está tudo bem. Direta ou indiretamente as amigas e amigos que acabaram acompanhando minha trajetória e

compreenderam os momentos que não pude ficar por perto, entretanto, mesmo assim, entenderam o quanto esse trabalho foi importante para mim, além de todas e todos que gostaria de lembrar aqui, mas essas breves linhas não são suficientes para demonstrar meu agradecimento. Por isso, meu muito obrigado!



“conheci um gênio hoje no  
trem  
tinha uns 6 anos,  
sentou-se a meu lado  
e enquanto o trem  
seguia ao longo da costa  
nos deparamos com o oceano  
e então ele me olhou  
e disse,  
não é bonito.

foi a primeira vez em que me dei  
conta  
disso”

Charles Bukowski (2016, p. 147)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir como a Sociologia foi implementada na educação básica da rede estadual paulista, utilizando como principal referencial de análise a narrativa dos agentes públicos que atuaram como responsáveis por esse componente curricular em uma das coordenadorias da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, a CGEB (atual COPED), onde desenvolveram diversas ações, no período de 2008 a 2017. Para abarcar a maior quantidade de informações qualitativas pertinentes às essas ações, a metodologia adotada foi no formato de entrevista livre não estruturada, que ofereceu aos entrevistados a oportunidade de falar livremente sobre seu cotidiano dentro da Secretaria. O intuito desta dissertação é exatamente o de compreender como estes agentes públicos enxergavam, não apenas a política pública, mas principalmente, a política educacional atrelada a implementação do componente Sociologia na educação básica, rememorando os trabalhos desenvolvidos por eles a frente da pasta: as formações para professoras e professores, as análises e produções de materiais voltados para o ensino da Sociologia os desafios e os espaços de enfrentamento, mas também as parcerias e a construção dos diálogos que tornaram possíveis algumas conquistas.. As narrativas demonstram uma linha cronológica e conectam histórias de um contexto prático, onde cada enredo vai sendo ligado a uma estrutura, demonstrando assim que os fatos apresentados por cada um destes agentes não foram desempenhados como fatos isolados, mas enquanto conjunto de práticas que foram sendo complementadas. Contar um pouco dessa história possibilita entender, além dos desafios, um pouco sobre a estrutura da educação na maior rede pública de ensino no país.

**Palavras-chave:** Sociologia. Educação básica. Ensino Médio. Análise de narrativas. Educação paulista.

## ABSTRACT

This work aims to discuss how Sociology was implemented in basic education in the state network of São Paulo, using the narrative of public agents who acted as responsible for this curricular component in one of the coordinators of the São Paulo State Education Department as the main reference for analysis, CGEB (now COPED), where they developed several actions, from 2008 to 2017. To cover the largest amount of qualitative information pertinent to these actions, the methodology adopted was in the form of unstructured free interview, which offered to the interviewees the opportunity to speak freely about their daily lives within the Secretariat. The purpose of this dissertation is exactly to understand how these public agents saw, not only public policy, but mainly, the educational policy linked to the implementation of the Sociology component in basic education, recalling the work developed by them in front of the portfolio: training for teachers and professors, the analysis and production of materials aimed at teaching Sociology the challenges and spaces for confrontation, but also the partnerships and the construction of dialogues that made some achievements possible. The narratives demonstrate a chronological line and connect stories from a practical context, where each plot is linked to a structure, thus demonstrating that the facts presented by each of these agents were not performed as isolated facts, but as a set of practices that were being complemented. Telling a little of this story makes it possible to understand, in addition to the challenges, a little about the structure of education in the largest public school system in the country.

**Keywords:** Sociology. Basic education. High school. Analysis of narratives. São Paulo education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Organograma da Secretaria da Educação de São Paulo	21
<b>Figura 2</b>	Matriz Curricular Diurno, 2008	36
<b>Figura 3</b>	Matriz Curricular Diurno – Três Turnos, 2008	36
<b>Figura 4</b>	Matriz Curricular Noturno, 2008	37
<b>Figura 5</b>	Matriz Curricular Diurno, 2011	38
<b>Figura 6</b>	Matriz Curricular Diurno – Três Turnos, 2011	38
<b>Figura 7</b>	Matriz Curricular Noturno, 2011	39

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** Agentes Públicos por período de atuação na SEE-SP

60

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ASESP</b>	Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CCJ</b>	Comissão de Constituição e Justiça
<b>CEC</b>	Comissão de Educação e de Cultura
<b>CENP</b>	Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
<b>CGEB</b>	Coordenadoria de Gestão da Educação Básica
<b>CGRH</b>	Coordenadoria de Gestão de Recursos Humanos
<b>CIMA</b>	Coordenadoria de Informação Monitoramento e Avaliação Educacional
<b>CISE</b>	Coordenadoria de Infraestrutura e Serviços Escolares
<b>COPEP</b>	Coordenadoria Pedagógica
<b>DCN</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais
<b>DCNEM</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio
<b>DE</b>	Diretoria de Ensino
<b>DER</b>	Diretoria de Ensino Região
<b>EFAF</b>	Ensino Fundamental dos Anos Finais
<b>EFAP</b>	Escola de Formação de Professores
<b>EFAPE</b>	Escola de Formação dos Profissionais da Educação
<b>ELSP</b>	Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo
<b>ELSP</b>	Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo
<b>EM</b>	Ensino Médio
<b>Fundeb</b>	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
<b>Fundef</b>	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
<b>LDBEN</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>MPV</b>	Medida Provisória
<b>OCN</b>	Orientações Curriculares Nacionais
<b>OCNEM</b>	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PCNP</b>	Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico
<b>PCOP</b>	Professor Coordenador de Oficina Pedagógica
<b>PL</b>	Projeto de Lei
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação

**SBS** Sociedade Brasileira de Sociologia  
**SEE- SP** Secretaria da Educação do Estado de São Paulo  
**USP** Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>I. Minha Trajetória</b>	<b>16</b>
<b>II. A Proposta de Pesquisa deste trabalho</b>	<b>18</b>
<b>III. Como se desenvolveu a pesquisa</b>	<b>22</b>
<b>IV. A abordagem de cada capítulo</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO DA SOCIOLOGIA: DA DISCIPLINA AO COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>27</b>
<b>1.1 Breve histórico da Sociologia/Ciências Sociais</b>	<b>28</b>
<b>1.2 A Sociologia na legislação de 1961 a 1996</b>	<b>30</b>
<b>1.3 A Sociologia a partir de 2008 em São Paulo</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO 2: INTRODUÇÃO DA SOCIOLOGIA NA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO</b>	<b>42</b>
<b>2.1 Educação no Estado de São Paulo: Criação da Proposta Curricular</b>	<b>43</b>
<b>2.2 Desdobramentos da legislação em relação ao ensino de Sociologia na Educação Básica</b>	<b>44</b>
<b>2.3 Material de apoio pedagógico utilizado na rede estadual de São Paulo</b>	<b>48</b>
<b>2.4 Os conteúdos e métodos utilizados no <i>São Paulo Faz Escola</i> de Sociologia</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO 3: QUEM SÃO OS AGENTES PÚBLICOS? CONTEXTUALIZAÇÃO DO APORTE METODOLÓGICO E PONTOS DE ANÁLISE</b>	<b>59</b>
<b>3.1 Minha narrativa</b>	<b>62</b>
<b>3.2 Aporte metodológico para análise das entrevistas</b>	<b>65</b>
<b>3.2.1 Pontos de análise: estabelecendo agrupamentos</b>	<b>70</b>
<b>CAPÍTULO 4: O AGENTE PÚBLICO E SEU EMBATE POLÍTICO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS</b>	<b>72</b>
<b>4.1 Agrupamento 1: Proposta Curricular, Currículo, grade curricular</b>	<b>74</b>
<b>4.1.1 Composição da equipe de agentes públicos: Da Proposta ao Currículo</b>	<b>74</b>



<b>4.1.2 Organização da grade curricular</b>	<b>77</b>
<b>4.2 Agrupamento 2: Formação, PCNPs, professores</b>	<b>80</b>
<b>4.2.1 Análise da Formação e histórico de algumas ações</b>	<b>80</b>
<b>4.2.2 Diálogos com os PCNPs</b>	<b>85</b>
<b>4.3 Agrupamento 3: São Paulo Faz Escola, material, cadernos</b>	<b>87</b>
<b>4.3.1 Incorporação do material pela rede e processo de revisão</b>	<b>89</b>
<b>4.4 Agrupamento 4: Reforma, Ensino Médio, BNCC</b>	<b>92</b>
<b>4.4.1 Saindo da estabilidade para a reforma</b>	<b>93</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO A – TRANSCRIÇÕES</b>	<b>111</b>

## INTRODUÇÃO

*“Eu faço figa pra essa vida tão sofrida  
Terminar bem sucedida”  
BaianaSystem*

O desenho desta pesquisa foi despertado por inquietações de minha própria trajetória profissional, por este motivo me propus a pensar os fatores relacionados ao retorno da Sociologia à educação básica no Estado de São Paulo. Alguns questionamentos iniciais foram: quais seriam os sujeitos envolvidos neste retorno, de que maneira o processo de implementação ocorreu inicialmente a partir da lei de obrigatoriedade, com o passar do tempo como se deu a consolidação deste componente na rede. Busquei respostas para estas dúvidas a partir da narrativa dos agentes públicos responsáveis pelo componente curricular dentro da SEE-SP, os profissionais que estiveram envolvidos neste processo entre 2008 e 2017 trabalhando diretamente no planejamento de ações por meio de formações que se desdobravam pela rede estadual. Ao participar destes desdobramentos formativos decidi desenvolver esse trabalho conforme irei narrar na minha trajetória.

### I. Minha trajetória

A motivação para realizar essa pesquisa tem origem na minha própria trajetória, atuando como professor na rede estadual de ensino desde 2007, quando me formei e comecei a lecionar Sociologia. Com o tempo fui me aproximando e conhecendo os debates, desafios e uma variedade de situações que faziam, e ainda fazem, parte de minha vivência profissional, fatos esses que vieram agregar um conhecimento muito interessante tanto na formação enquanto cientista social como em minha atuação docente, principalmente. Após superada a lacuna deixada pela Resolução SE-92 de 19-12-2007<sup>1</sup>, que efetivou a ausência do componente da grade curricular<sup>2</sup> em 2008, vi a possibilidade de retomada da minha prática pedagógica, após ficar afastado durante esse ano, justamente por essa falta, com um novo retorno, agora

---

<sup>1</sup> A referida resolução apresenta uma Matriz Curricular do Ensino Médio sem a Sociologia na parte diversificada que será apresentada mais a diante.

<sup>2</sup> Optei em utilizar o termo a partir da pesquisa sobre sua origem, e por perceber também a nova nomenclatura apresentada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) além dos novos currículos e documentos orientadores passaram a substituir o termo disciplina. Cheguei a esse entendimento a partir da análise dos seguintes documentos: Parecer CNE 05/1997 que regulamenta a Lei nº 9.394/1996; Parecer CNE 16/2001 o qual faz a menção ao conjunto de saberes e habilidades que configuram o termo; Parecer CNE 38/2006, que estabelece a unificação dos termos correlatos no referido termo devido a sua abrangência; e Parecer CNE 11/2009 ao mencionar a necessidade de reforçar a inovação curricular. Ambos os documentos dialogam e endossam a estrutura proposta pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio.

amparado pela Resolução SE-76 de 7-11-2008<sup>3</sup>. Em 2009, foi possível voltar à sala de aula e retomar o aprimoramento das metodologias, conhecer a proposta curricular, que logo em seguida se tornaria o currículo, além dos demais materiais, como o *São Paulo Faz Escola*<sup>4</sup>, livros didáticos, entre outros.

Vivenciei a mudança da Matriz Curricular estabelecida por outra legislação, a Resolução SE-81 de 16-12-2011, que indicava para o ano seguinte a ampliação da quantidade de aulas, que passaram de uma aula por turma semanalmente para duas aulas semanais para cada turma, tornando o trabalho mais produtivo e possibilitando o desenvolvimento de atividades com mais qualidade. Atuei pouco tempo nessa grade nova, pois ao final do primeiro semestre de 2012 participei de um processo seletivo para assumir a função de Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico (PCNP), sendo responsável pelo componente Sociologia na Diretoria de Ensino Região (DER) Sul 1. Minha aprovação neste processo seletivo e a designação para a função ocorreu em agosto do mesmo ano; onde comecei realizando acompanhamento de unidades escolares, e, posteriormente, atuando com projetos ligados aos grêmios estudantis, diversidade de gênero, direitos humanos, formações para professores do componente e professores coordenadores das 90 escolas pertencentes a DER localizada na região sul de São Paulo. Nessa empreitada, por ser um dos poucos PCNPs de Sociologia com formação em licenciatura plena em Ciências Sociais, fui convidado para a revisão do material de apoio utilizado na rede, o *São Paulo Faz Escola* de Sociologia, e com isso passei a ter maior contato com a equipe curricular da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB)<sup>5</sup> e a conhecer como funcionava a rede e a execução de algumas políticas educacionais.

Nesse contato com a rede de ensino estadual por outro prisma, pude perceber que havia poucos profissionais formados em Ciências Sociais – o grupo de referência era composto por apenas 4 (quatro) PCNPs numa rede com 91 (noventa e uma) DERs, um

---

<sup>3</sup> Essa resolução foi estabelecida para atender a Lei nº 11.684/2008, aprovada em 02/06/2008. No decorrer da dissertação irei tratar com mais detalhes sobre essa política educacional.

<sup>4</sup> O *São Paulo Faz Escola* foi colocado em prática no governo de José Serra (2007-2010) e à frente da SEE-SP estava Maria Helena Guimarães de Castro; houve a elaboração e distribuição desse material de apoio pedagógico que atendia várias frentes no contexto educacional como: equipes gestoras das escolas, professores e alunos. Reservei um espaço mais adiante para abordar as ações que estão ligadas à elaboração desse material e à construção da Proposta Curricular de São Paulo.

<sup>5</sup> Antes da reorganização de 2011 estabelecida na SEE-SP, vigorava o Decreto nº 7.510 de 29 de janeiro de 1976, que criou a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP). Conforme o Decreto nº 57.141, de 18 de julho de 2011, foi instituída a Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB) que assume a função de viabilizar ações educativas a partir do currículo oficial do estado, selecionando materiais didáticos condizentes com as necessidades da rede, e realizar orientações técnicas com o objetivo de estabelecer a formação continuada para a rede em parceria com a Escola de Formação e o Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza” (EFAP).

cenário que mostra o tamanho da lacuna existente na rede entre 2012 e 2015. Isso contribuiu para a formulação de vários questionamentos, um deles era: por que havia tão poucos formadores com a formação específica em Ciências Sociais para dar conta da Sociologia? Qual foi o histórico da Sociologia na educação básica? A literatura sobre o tema indica que o ensino de Sociologia sempre passou por diversas idas e vindas na educação básica, e isso aconteceu devido a diferentes contextos políticos, como aponta Amaury Moraes (2011). Desde momentos de um diálogo mais conservador, estabelecido, por exemplo, no Estado Novo, durante a Ditadura Militar ou em governos que associam a Sociologia apenas como reprodução de conceitos marxistas, não a reconhecendo em sua importância como ciência, na qual o componente foi sendo retirado da grade curricular, até em outros contextos mais progressistas, como os períodos democráticos, que passam a entender a Sociologia como ciência importante para a formação dos jovens, e na qual ela se faz presente nas escolas. Esse vai e vem, com o retorno do ensino de Sociologia restabelecido, trouxe a partir de 2009, diversas discussões para a educação, como: quais instrumentos conceituais utilizar, o direcionamento de sua abordagem, o tipo de formação continuada a ser ofertado aos profissionais, materiais didáticos necessários e, principalmente, qual o currículo a ser seguido.

Essa intermitência do componente curricular de Sociologia na educação básica fez esses espaços de discussões se abrirem e se fecharem muitas vezes. Segundo Amaury Moraes (2011), as lacunas criadas entre a retirada e a volta do ensino de Sociologia à educação básica, fez com que muitos diálogos se perdessem ao longo do tempo. Entretanto, desde 2008, estudos e pesquisas vêm sendo retomados para refletir sobre como a Sociologia pode contribuir, enquanto componente curricular, e sobre suas possibilidades de desenvolver a aprendizagem de jovens e adultos que frequentam o Ensino Médio, tendo como foco oferecer-lhes a percepção de como a cidadania pode ser desempenhada na sociedade, a possibilidade de compreender diferentes comportamentos culturais e os mais variados tipos de divergências vivenciados no cotidiano.

## **II. A proposta de pesquisa deste trabalho**

Este trabalho de pesquisa pretende estabelecer algumas reflexões amparadas pela linha de pensamento weberiana, dialogando sobre o entendimento da ciência e política enquanto vocações, considerando, também, a reflexão apresentada por Ileizi Silva (2010), que trata da Sociologia como componente na educação básica, destacando, ainda sua trajetória ao longo do tempo, e, apresentando os desafios educacionais para estruturar as práticas pedagógicas,

como: planos de aulas, metodologias de ensino, abordagem de conteúdos, avaliações, entre outros elementos que venham a constituir as características e os instrumentos didáticos.

O desenho desta pesquisa foi desenvolvido levando em conta as informações sobre o componente Sociologia, apresentadas por Ileizi Silva (2010), com um olhar mais pontual em relação aos marcos legais e aos atores envolvidos nesse processo, pois mesmo sendo citado na Lei nº 9.394 de 1996, o componente curricular não é posto como obrigatório na educação básica, sendo ainda considerado como parte diversificada da grade curricular, o que por si só já é um fator fundamental para se pensar seu campo de disputas.

Outro ponto, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que passou a tramitar em 1988, inicialmente tendo como seu relator o deputado federal Jorge Hage (PDT-BA), que abandonou sua função sendo substituído pelo senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), quando da sua promulgação em 1996. Mesmo passando pelos relatores, a lei acaba sendo aprovada fazendo menção a Sociologia e Filosofia sem um direcionamento claro, apenas se referindo a necessidade do domínio sobre os conhecimentos, ao invés de mencionar sua obrigatoriedade. Essa não obrigatoriedade, disposta na lei, gerou uma fragilidade para o componente curricular, tornando a Sociologia uma disciplina optativa para algumas escolas da rede estadual de São Paulo, haja vista que nem todas as escolas ofereciam a parte diversificada do currículo para seus alunos, num cenário onde muitos estudantes até desconheciam a existência ou até mesmo o tipo de abordagem do componente.

Nesse contexto, deixado pela LDBEN, a então secretária da educação Maria Helena Guimarães de Castro estabeleceu novas diretrizes para organizar a grade curricular do ensino fundamental e médio, conforme a Resolução SE-92 de 19-12-2007, que retira a Sociologia da parte diversificada. Em paralelo, o trâmite do PL 1.641/2003, que propõe mudanças na legislação para tornar a Sociologia disciplina obrigatória, vai seguindo no Congresso e, posteriormente, no início do segundo semestre de 2008, se tornando lei.

Assim, a Sociologia foi inserida novamente como componente curricular obrigatório da educação básica em 2008, a partir da alteração na LDBEN pela Lei nº 11.684 de 2008. Fato esse que possibilitou a cada Estado tomar as decisões necessárias para organizar suas grades curriculares. Os direcionamentos da rede, em boa parte, vinham de indicações da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) e de decisões técnicas dos agentes públicos envolvendo questões pontuais, como, por exemplo, definir as formações sobre o Currículo do Estado de São Paulo (2010) e sua utilização junto com o material do programa *São Paulo Faz Escola* e livros didáticos. Além das ações formativas desenvolvidas a partir de 2009 para a rede estadual, ocorriam, basicamente a cada bimestre, ações presenciais com os

representantes das Diretorias de Ensino ou através de videoconferências para os demais profissionais nas escolas, havendo tanto uma abordagem geral do currículo e quanto ações pontualmente direcionadas para cada componente curricular.

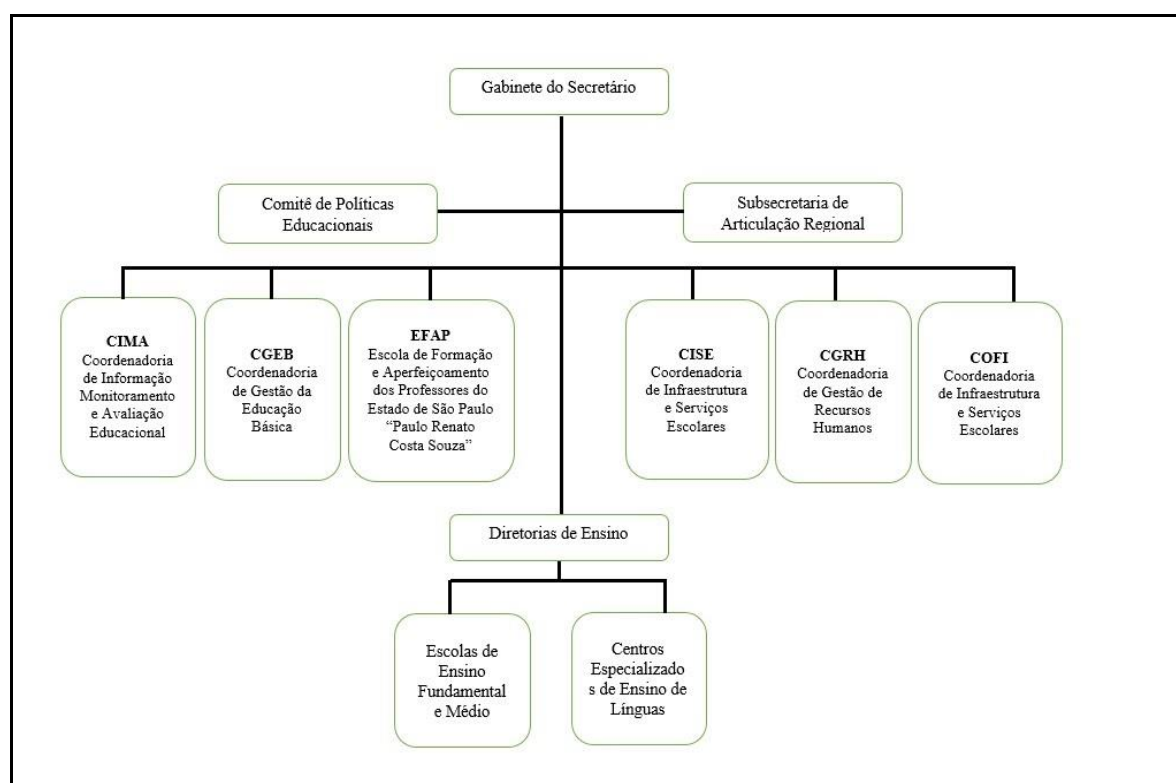
O foco dessas ações formativas era na capacitação de todos os profissionais da rede estadual, com o intuito de fomentar a utilização dos materiais, tendo como metodologia o desenvolvimento de habilidades e competências de acordo com a Matriz de Referência do SARESP (2009). Os agentes públicos geralmente convidaram (e ainda o fazem) professores de universidades públicas, além de autores renomados em suas respectivas áreas para darem pareceres sobre os materiais didáticos, a fim de que contribuíssem para a aprendizagem estabelecida a partir do currículo. Os elementos citados como formações e pareceres, são fatores importantes e necessários que mostram como uma política educacional vai sendo constituída a partir da legislação para ser colocada em prática. O processo de implementação do ensino de Sociologia serve de exemplo para apresentarmos a questão que norteou essa pesquisa, ou seja, um dos objetivos é compreender como os agentes públicos no exercício de sua função atuaram para colocar em prática o que estava proposto na sua função técnica enquanto formadores.

A legislação que direciona essa nova nomenclatura para a educação faz com que a SEE-SP reorganize novamente seus componentes curriculares até o final de 2008 mudando sua Matriz Curricular para o Ensino Médio<sup>6</sup>. A nova organização também acaba sendo realizada na Pasta responsável por gerir a educação pública da rede estadual que dispunha da seguinte estrutura:

---

<sup>6</sup> Resolução SE-81 de 16-12-2011, a tabela com a grade está disponível no subitem 2.3 A Sociologia a partir de 2008 em São Paulo.

Figura 1 - Organograma da Secretaria da Educação de São Paulo



Fonte: Elaboração própria.

Durante esse momento temos a construção da Proposta Curricular, em que cada componente passaria a ter os conteúdos necessários às habilidades e competências a serem desenvolvidas com os alunos conforme cada ano/série. A política pública se propõe a direcionar e demandar uma nova organização dentro da SEE-SP e, para isso, ocorreu um movimento de redirecionamento dos profissionais, que ofereciam condições de contribuir na execução prática dessa reorganização, dando conta das questões que emergiram, como: movimentar a rede para ações formativas e de capacitação dos profissionais, acompanhamento da produção do Currículo, estudo dos materiais didáticos necessários, livros, fascículos do *São Paulo Faz Escola* para professores e alunos.

Nesse contexto surge a questão chave desta dissertação: **como os agentes públicos atuaram e contribuíram para implementar a Sociologia na rede estadual de São Paulo?** Para chegar a uma resposta, me propus a entender o contexto histórico da Sociologia, pontuando seus momentos de intermitência no âmbito nacional, seus reflexos no contexto estadual, e como as discussões foram ocorrendo ao longo dos anos até culminar neste momento mais recente, estabelecido a partir de 2008.

Deste modo, considerando como foi sendo estabelecido o debate de formar profissionais para atuarem na educação básica e no meio acadêmico, assim como verificar

quais desdobramentos ocorreram a partir das Leis de Diretrizes e Bases de 1961, 1971 e 1996, para assim, entender os trâmites legais da rede estadual de São Paulo que direcionaram como a Sociologia deveria ser implementada enquanto componente curricular no ano letivo de 2009 e sua efetiva consolidação com ações formativas realizadas por agentes públicos até 2017, ou seja, compreendendo a maneira como o componente se estabeleceu na estrutura do Estado, suas implicações e definições.

Para isso, procurei conhecer e estabelecer a relação entre o levantamento histórico e o desdobramento das decisões oriundas da SEE-SP, a partir da narrativa dos agentes públicos que atuaram na construção de um currículo e de um material pedagógico de apoio, durante a execução de inúmeras formações, e, diante desse contexto, realizar um comparativo desses conceitos com a narrativa dos agentes públicos ao desempenharem suas ações no cotidiano durante a implementação da Sociologia, tendo como referencial o Currículo do Estado de São Paulo (2010).

### **III. Como se desenvolveu a pesquisa**

Assim, a pesquisa se desenvolveu partindo dessa inquietação, onde busquei **identificar quais foram os desdobramentos das ações realizadas, a partir de 2008, pelos agentes públicos para a implementação desse componente curricular, que à época voltou para a educação básica, e, como foram desenvolvidas as ações formativas pelos agentes públicos da CGEB na SEE-SP, responsáveis pela Sociologia e o diálogo destes com sua rede.** A análise das narrativas e seus enredos oferecem subsídios para compreender como ocorreu essa implementação, identificando o que foi realizado por esses agentes públicos. As principais descobertas no exercício da função, as divergências que foram surgindo tanto na equipe curricular quanto na rede, os avanços e as conquistas a cada ação formativa, os temas e conteúdos que foram ganhando mais destaque e a necessidade de reafirmação da importância do componente curricular para a educação básica, dão corpo a essa dissertação.

Em outro ponto deste estudo buscamos relacionar as narrativas dos agentes públicos às teorias sobre a Sociologia na educação básica realizadas por estudiosos como: Florestan Fernandes (1955), ao mencionar a importância de ter como foco o diagnóstico do contexto social brasileiro incentivando novas pesquisas; Ileizi Silva (2010), ao falar da legitimação e do histórico com seus marcos legais, sendo desafios teóricos e práticos; Amaury Moraes (2011), que apresenta os embates pela periodização, passando pela campanha da obrigatoriedade até os métodos de ensino mais adequados para a educação básica. Estudos



que estabeleceram reflexões importantes sobre o componente curricular em questão e seu papel nesse segmento, os contextos históricos, a construção de materiais didáticos e documentos normativos que propiciam abordagens acerca dos conteúdos do currículo e práticas didáticas interessantes que podem ser vinculadas a ações na formação de professores e sua utilização na sala de aula.

Além da legislação federal que modifica a LDBEN, tomei como base a análise de fatos recorrentes da Resolução SE-92 de 19-12-07, que retira a Sociologia da parte diversificada, e da Resolução SE-76 de 07-11-2008, que a estabelece novamente como componente curricular na grade das escolas estaduais da referida rede de ensino. Busquei conhecer como foi estabelecido o eixo norteador a partir das normatizações determinadas nas Resoluções. Vale destacar, que as atribuições dessa equipe eram: fornecer suporte pedagógico, a partir de metodologias que contribuíssem com a aprendizagem, analisar materiais didáticos e paradidáticos, revisar materiais como o *São Paulo Faz Escola* e realizar ações formativas com base nas habilidades e competências propostas no Currículo do Estado de São Paulo (2010), contemplando as particularidades do componente e sua interdisciplinaridade com os demais componentes curriculares.

Assim, identifiquei quais foram as ações realizadas para ajustar a Sociologia na grade curricular do Ensino Médio paulista. Esse processo de identificação da metodologia mais adequada, ocorreu na construção do instrumento de pesquisa, na elaboração das questões abertas as quais possibilitaram entrevistas livres em profundidade com as pessoas que atuaram enquanto agentes públicos responsáveis por esse processo (GUERRERO, 2009). Com as narrativas destes profissionais busquei entender os desdobramentos desse contexto de inserção da Sociologia e como ela foi sendo executada entre os anos de 2008 e 2017, período em que havia um ou mais profissionais atuando na CGEB, que eram professoras e professores formados com licenciatura plena em Ciências Sociais. Cabe destacar que todos os agentes que atuam nos órgãos centrais como CGEB e EFAP, atualmente COPED e EFAPE, respectivamente, precisavam ser professores efetivos, ou seja, concursados. No período ocorreram dois concursos<sup>7</sup>, um em 2010 para provimento de 10.083 (dez mil e oitenta e três) vagas e, outro em 2014 com provimento de 59.000 (cinquenta e nove mil) vagas, ambos para cargos de Professor Educação Básica II, contemplando assim todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental dos Anos Finais (EFAF) e Ensino Médio (EM). Além do

---

<sup>7</sup> Ao buscar informações na CGRH e nos editais, não há o detalhamento das vagas para cada componente curricular, apenas o número total das vagas oferecidas em cada certame.

requisito de ser aprovado nas diferentes etapas de seleção do concurso, como prova objetiva, dissertativa e perícia médica, era necessário, ainda, obter diploma com licenciatura plena.

Para conhecermos as ações, direcionadas a Sociologia, observamos a estrutura da SEE-SP que divide a CGEB em equipes por cada área de conhecimento e agentes públicos responsáveis pelos componentes curriculares, como já mencionado anteriormente. Todos os membros destas equipes são professoras e professores da educação básica designados para exercer uma função técnica. Durante o período escolhido para análise, de 2008 a 2017, houve ao longo desse tempo, sete profissionais que atuaram enquanto representantes de Sociologia. Buscando conhecer e compreender mais a fundo o referido período, optei em utilizar como elemento disparador das entrevistas: a) o questionamento sobre a percepção das atividades realizadas, b) qual sua contribuição na execução, além de c) destacar uma ou mais ações que consideraram importantes na consolidação da Sociologia. Considerando as narrativas como elementos essenciais desta pesquisa, optei por colocar gradualmente algumas falas que além de dialogarem com a bibliografia de referência, puderam contribuir para a pesquisa mostrando sua percepção, suas experiências e histórias e o enredo no qual estavam inseridos, passando por debates internos, locais e nacionais, conforme cada momento vivenciado.

#### **IV. A abordagem de cada capítulo**

Essa dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo o último das considerações finais: o primeiro estabelece um breve levantamento histórico de como a Sociologia foi colocada na educação básica partindo da LDBEN de 1961 fazendo uma contextualização do cenário nacional e de São Paulo; o segundo capítulo, apresenta um pouco do histórico da Sociologia no Estado de São Paulo, levando em consideração as idas e vindas do componente na rede estadual de ensino, além de mencionar a construção e disseminação de ações ligadas ao Currículo do Estado de São Paulo (2010); o terceiro capítulo estabelece uma breve apresentação de quem são os agentes públicos que atuaram enquanto responsáveis pela Sociologia, bem como os critérios para definir o perfil e, durante o período de análise estabelecido na pesquisa; no quarto capítulo é desenvolvida a análise da narrativa dos agentes públicos, apresentando os debates vivenciados por cada um, além de contextualizar o momento vivenciado e dialogando com a bibliografia que propõe conceitos sobre o ensino na educação básica; e as considerações finais apresentam o resultado de toda a pesquisa.

Na parte inicial deste trabalho, no *Capítulo 1: Contexto Histórico da Sociologia: Da Disciplina ao Componente Curricular*, busquei destacar um pouco do contexto histórico da

Sociologia, conforme apontamentos de Ileizi Silva (2010), Florestan Fernandes (1955) e Amaury Moraes (2010), passando pela promulgação das LDBENs: de 1961, no contexto que antecede golpe civil-militar de 1964, e deixa em aberto a estrutura curricular; de 1971, já em pleno regime militar, restringindo e dando continuidade em alguns pontos da lei anterior; e de 1996, tempos depois da redemocratização, texto legal que ampliou as possibilidades da estrutura educacional nos seus segmentos. Em síntese, apresento como a Sociologia, na maior parte do tempo, acabou permanecendo como disciplina da parte diversificada do currículo, sendo esse um fator que contribuiu para a sua intermitência na educação básica, além do distanciamento com o ensino superior. Já direcionando para o objeto da pesquisa em si, apresento como as grades curriculares foram sendo modificadas a partir de 2008 e os ajustes que ocorreram, destacando a significativa mudança uma para duas aulas semanais/ano-série.

No *Capítulo 2: Introdução da Sociologia na Rede Estadual de São Paulo*, dando uma continuidade e aprofundando a análise sobre como a Sociologia foi encaixada na grade curricular, e a maneira pela qual a SEE-SP passa a direcionar uma ação em relação ao ensino que deve ser oferecido na sua rede, concentrei especial atenção aos materiais construídos e escolhidos para serem utilizados como instrumento de aprendizagem no cotidiano escolar. Nessa parte, começo a estabelecer uma ligação das narrativas com os conceitos que direcionam o Currículo do Estado de São Paulo (2010), que acabam por determinar os conteúdos necessários para a Sociologia em cada série do Ensino Médio. A esta altura, procurei, ainda, estabelecer uma análise entre o que é proposto legalmente e as ações realizadas pelos agentes públicos em relação às decisões tomadas a partir da realidade vivenciada, as demandas, o conhecimento e o embasamento técnico que vão fornecer a estrutura necessária para realizarem suas práticas cotidianas. Faço uma breve apresentação sobre o tipo de material pedagógico elaborado para ser utilizado na rede, a relação que se estabeleceu com o material do *São Paulo Faz Escola*, popularmente conhecido como apostilas utilizadas por alunos.

O *Capítulo 3: Quem são os Agentes Públicos? Contextualização do Aporte Metodológico e Pontos de Análise* apresenta como foi realizado o levantamento dos atores, ou seja, dos agentes públicos que fizeram parte da pasta de Sociologia no período estipulado no recorte da pesquisa, considerando para o desenvolvimento do estudo, a realização de entrevistas abertas, e a partir dessas o levantamento das narrativas, conforme metodologia escolhida. Para contextualizar o leitor, começo o capítulo apresentando a minha narrativa ao realizar as entrevistas, um pouco da percepção que tive dos entrevistados que contaram um pouco de suas histórias, bem como suas percepções no exercício da função. Logo em seguida,

no *Capítulo 4: O Agente Público e Seu Embate Político: Análise das Narrativas* apresento os agrupamentos organizados a partir da fala desses agentes públicos, para aprofundar a análise dessas narrativas, das quais me debrucei verificando as particularidades de cada agente em sua prática, como também os pontos comuns das histórias e enredos, que mesmo em momentos distintos, acabaram sendo recorrentes no exercício da função.

Por fim, no último capítulo, das *Considerações Finais*, estabeleço uma linha de análise entre os conceitos que norteiam o ensino da Sociologia na educação básica e as influências dos teóricos no entendimento dos agentes públicos ao realizarem suas ações no cotidiano da SEE-SP. Explorei o material coletado nas entrevistas, utilizando as narrativas e entrelaçando-as com o aporte teórico, onde ambos vão também estabelecendo uma identidade da equipe curricular no seu tratamento perante a rede estadual. Apresento aqui a percepção da abrangência proporcionada pelo trabalho e quais enredos vão realizando a junção dessas histórias, que em algum momento contribuíram para a consolidação da Sociologia enquanto componente curricular.

## **CAPÍTULO 1: CONTEXTO HISTÓRICO DA SOCIOLOGIA: DA DISCIPLINA AO COMPONENTE CURRICULAR**

*“No meu jardim eu vou plantar uma flor  
No coração eu quero paz e amor”  
BaianaSystem*

Para chegar a análise da Sociologia, e seu lugar no Ensino Médio na atualidade, é necessário compreender brevemente o histórico na educação brasileira, a partir do contexto nacional, percebendo o direcionamento e as normatizações geradas conforme cada uma das três leis que colocaram marcos legais conforme cada contexto histórico, sendo a primeira Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4.024 de 1961 –, a segunda Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus – Lei nº 5.692 de 1971 –, ambos marcos legais que estabelecem a normatização educacional um pouco antes e, logo depois do golpe civil-militar de 1964, e a terceira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, também conhecida como Lei Darcy Ribeiro – Lei nº 9.394 de 1996. Cada uma destas leis gera um reflexo, isso se desdobra na organização adotada por cada um dos entes federativos e, para contribuir no foco desta dissertação, direcionei o olhar ao estado de São Paulo, levantando a hipótese de como cada lei teve seu impacto no ensino de Sociologia na educação básica.

Além da parte sobre a legislação foi estabelecido um diálogo entre as teses de: Florestan Fernandes (1955), que levanta uma reflexão de como a Sociologia pode agregar na aprendizagem da então escola secundária a atuação de especialistas formados em Ciências Sociais lecionando na educação básica oferecendo uma grande possibilidade de aprimorar os conhecimentos sociológicos, além de ser um ambiente propício para mostrar como o olhar do especialista pode contribuir na aprendizagem; Amaury Moraes (2011), que ao realizar o levantamento histórico percebe a intermitência, e, conseqüentemente, influenciou no surgimento de poucos cursos direcionados a licenciatura em Sociologia com renome que pudessem garantir uma qualidade à formação de profissionais que pudessem atender adequadamente esta demanda; Ileizi Silva (2010), que também contribui para essa análise ao tratar dos marcos históricos e algumas perspectivas que retiram e colocam a Sociologia da educação básica, construindo uma trajetória do componente na relação com o ensino superior, além do reflexo na constituição da grade curricular, e elaboração do currículo.

## 1.1 Breve histórico da Sociologia/Ciências Sociais

Conforme Ileizi Silva (2010) a cronologia das Ciências Sociais/Sociologia, pode ser entendida em dois contextos: a) a área da pesquisa e b) formação profissional e do componente na educação básica. Os dois caminhos são complementares, e proporcionam uma variedade de pesquisas envolvendo ambos os contextos e, nesse sentido, procurei trazer um pouco do cenário cronológico para compreender melhor sobre o ensino de Sociologia no contexto básico, na formação dos docentes com suporte da atuação dos agentes públicos da SEE-SP.

Ao longo do tempo essa relação entre pesquisa e formação profissional contribuiu para a incorporação dos conceitos e teorias sociológicas de origem iluminista, positivista e evolucionista. Como relata Amaury Moraes (2011), houve várias situações que interferiram na cronologia para a permanência, como componente curricular, por exemplo. É possível perceber isso ao olhar o contexto histórico que acabou estabelecendo-se a partir da segunda metade do século XIX, gerando:

As disputas entre as explicações católicas e jurídicas *versus* as explicações positivistas, evolucionistas e cientificistas duraram várias décadas e aparecerão nos Manuais de Sociologia que proliferaram após 1925, quando a Reforma de João Luis Alves-Rocha Vaz incluiu a Sociologia nas Escolas Normais e na Escola Secundária (MEUCCI, 2000). Esse é um dos marcos fundamentais para a institucionalização das Ciências Sociais/Sociologia no sistema de ensino e no processo de sistematização dos conhecimentos sociológicos (SILVA, 2010, p. 20).

Sendo ensinada nas escolas ampliou-se a circulação de conteúdos, que com o tempo foi sendo estruturado. O primeiro mercado organizado foi o de livros didáticos, na sequência foram surgindo faculdades e universidades para garantir a formação de professores especialistas. Ileizi Silva (2010), destaca uma década entre 1931 e 1941 como sendo a segunda fase de disseminação das Ciências Sociais/Sociologia que apresentam uma caracterização da Sociologia no Ensino Superior e na Escola Secundária. Todas as reformas nesse período acabaram favorecendo a capilaridade da disciplina na estrutura da educação brasileira, arrisco dizer que isso acaba sendo bem semelhante com a sequência de fatos recorrentes entre 2008 e 2018, sendo uma quarta fase no estado de São Paulo que retomarei mais adiante. Assim,

podemos afirmar que todo esse contexto dos anos de 1930 a 1964, com a expansão do capitalismo, urbanização e industrialização provocaram mudanças profundas nos sistemas simbólicos e seus aparatos culturais e educacionais. Essas mudanças abriram possibilidades para a formalização das Ciências Sociais/Sociologia (SILVA, 2010, p. 22).

Foi um momento de continuidade com crescimento e solidificação das Ciências Sociais enquanto ciência, constituindo espaços para formação, tanto na graduação e pós-graduação, como também para a disciplina Sociologia na Escola Secundária, os chamados anos dourados de 1925 a 1941 (SILVA, 2010). Entretanto, a parte formativa perdurou mais tempo, durante duas décadas do regime militar e depois durante a redemocratização, infelizmente essa perenidade não foi a mesma na Escola Secundária.

Em 1934 a Universidade de São Paulo (USP) é fundada, porém um ano antes, em 1933, já havia o curso de Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) que utilizava uma visão técnica. Na USP o curso de Ciências Sociais tinha um foco diferente, voltado para pesquisa, contando com muitos estrangeiros lecionando. Cada curso tinha uma influência que caracterizava seus estudos, a USP seguia uma linha oriunda da Europa, enquanto a ELSP seguia a linha das escolas americanas.

Um ano depois, em 1935, a Universidade do Distrito Federal criou o terceiro curso de Ciências Sociais no país. Vale destacar que nenhum destes cursos seguia apenas a vertente sociológica, mas traziam no seu conjunto a Ciência Política como carro chefe, seguida da Antropologia, enquanto a Sociologia vinha como uma linha que se soma às outras duas. Estes direcionamentos criavam um distanciamento entre o ensino superior e a educação básica, e cada curso estabelecia sua linha de conhecimento e foco para a atuação dos seus formandos. Neste momento inicial das Ciências Sociais, os cursos apenas capacitavam seus estudantes para atuar em quadros da burocracia estatal ou privada, além de direcionarem para formação de pesquisadores<sup>8</sup>, valorizando pouco a carreira docente na educação básica.

Mesmo estabelecendo cursos direcionados para formação docente não havia uma clareza de como seria capacitar esses futuros professores, nem de quais linhas teóricas ou metodológicas deveriam ser utilizadas. Como menciona Amaury Moraes (2011), na própria USP os alunos tinham a opção de cursar apenas 6 disciplinas de licenciatura, sendo uma quantidade de disciplinas muito menor do que as oferecidas para o bacharelado, que eram em média de 42 disciplinas das quais poderiam variar de acordo com as optativas escolhidas pelo estudante. Podemos pensar que a formação em Ciências Sociais, assim como outros cursos que oferecem licenciatura, não conseguem situar adequadamente os futuros docentes sobre quais desafios de fato vão enfrentar no cotidiano do ambiente escolar. Nesse sentido, segundo

---

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que a carreira acadêmica se mostra muito mais atrativa para os estudantes universitários dos cursos de ciências sociais do que a carreira docente na educação básica. Infelizmente tentar entender tal situação seria necessário em uma temática complexa e polêmica, a qual vai além do objetivo proposto por este trabalho, mesmo sendo um debate importante e com uma relevância considerável, será apenas como um exemplo dentro das variáveis a serem debatidas no decorrer da pesquisa.

Florestan Fernandes (1955), a educação básica não deve ser considerada como um espaço para apenas depositar e acumular informações, mas ampliar a formação de quem dialoga com diferentes métodos para adquirir novos conhecimentos.

No ano de 1942, com este contexto das universidades onde os cursos eram considerados muito novos, as Ciências Sociais ainda não haviam consolidado sua legitimidade enquanto ciência e nem mesmo enquanto licenciatura, por não corresponder aos requisitos mínimos para atender o ensino clássico ou científico. A organização curricular das Ciências Sociais mostra a evolução burocrática no que seria a área educacional, a estrutura passa a ser definida a partir 1942 e dura até 1971, passando pela LDBEN 4.024/1961 até a LDBEN 5.692/1971.

## **1.2 A Sociologia na legislação de 1961 a 1996**

Observando o histórico da legislação direcionada à educação brasileira, as mudanças acontecem de maneira bem espaçada e, mesmo ocorrendo algumas reformas, essas mudanças levam um tempo até chegarem à escola e, de fato, serem incorporadas ao seu cotidiano. Um exemplo disso, foi a LDBEN 4.024/61, mesmo sendo promulgada em um momento democrático, não houve mudanças consideráveis em relação a Reforma de Capanema<sup>9</sup>, a Sociologia ficou como opcional entre tantos outros componentes curriculares, ou seja, ficando a margem do currículo.

A legislação brasileira em relação à educação básica, inicialmente em 1961, deixa mais abrangente os direcionamentos sobre a organização curricular, estabelecendo que haveriam disciplinas obrigatórias e optativas. Inicialmente a estrutura proposta pela LDBEN de 1961, no seu artigo 35, indica que deveria haver até cinco (5) disciplinas obrigatórias, ficando a critério dos Conselhos Estaduais decidirem como completar a grade com outras disciplinas optativas. A LDBEN de 1961 deixou em aberto, sem nenhum indicativo de quais disciplinas deveriam ser obrigatórias ou optativas, apenas fazendo uma ressalva de que as redes de ensino deveriam dar “relevo” ao ensino de português. Além disso, no artigo 44 indica que o ensino secundário pode admitir uma variedade de currículos, e por isso as matérias optativas poderiam ser conforme a preferência dos estabelecimentos de ensino.

---

<sup>9</sup> Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de Abril de 1942, conhecido como Reforma de Capanema que retira a obrigatoriedade do ensino de Sociologia, que durou apenas de 1925 até 1942. e no contexto como foi colocado em prática, dava a entender que se tratava de razões ideológicas. As mudanças dividiam o ensino secundário em ginásial e colegial, oferecendo duas opções, clássico ou científico que dariam condições de acesso à educação superior.



Os conceitos e as diferentes teorias produzidas pelas Ciências Sociais começaram a entrar na conhecida escola secundária com a introdução da disciplina Sociologia. Ela, enquanto disciplina, oferece a possibilidade de dialogar em pé de igualdade com outras matérias, como História e Geografia, e até abarca assuntos abordados em Moral e Cívica, além de Estudos Sociais. Estabelecer e definir como seriam os currículos já mostra o espaço de disputa, começando pela definição da carga horária ideal, até a inserção da disciplina na grade curricular, considerando a importância de sua presença em todas as séries ou apenas em uma delas. Conforme a LDBEN de 1961 algumas escolas atendem a parte diversificada, outras não, além de fomentar a hierarquia entre diferentes componentes curriculares, onde alguns possuem mais destaque em relação a outros.

Para Amaury Moraes (2011), a retirada da Sociologia está menos ligada a questões ideológicas e mais a questão de identificação de sua função enquanto componente curricular, capaz de abranger uma concepção de educação, sendo vista mais como um caráter formativo do que preparatório na configuração de educação estabelecida na época. Em 1964 houve uma proposta no Congresso Nacional para a retirada dos cursos universitários de Ciências Sociais, já que após o golpe de 1964 tivemos a introdução da disciplina Educação Moral e Cívica, ocupando o lugar do que seria o ensino de Filosofia e Sociologia.

A ideologização da exclusão da disciplina tem servido para justificar a volta da Sociologia ao ensino médio, marcando-a como o índice de democracia – de governantes e de interlocutores. Em parte, isso se explica pelo fato de que, quando a Sociologia retorna à escola secundária (2º grau), no início dos anos de 1980, ela já trazia essa marca de certo modo decorrente do contexto desse retorno: a redemocratização do país (o governo Montoro em São Paulo, por exemplo); e em parte porque esse retorno foi resultado da campanha efetivada por associações profissionais (sociólogos), que tinha então um caráter duplo – tal como aconteceu recentemente: visava-se mais amplamente a formação dos jovens e visava-se a ampliação do mercado de trabalho para egressos dos cursos de Ciências Sociais (MORAES, 2001, p. 366).

Temos tanto a aceitação quanto o reforço de uma provável característica ideológica da então disciplina, que também tem suas tensões internas. Por exemplo, na década de 1940 se tendia a um viés conservador, voltado para o controle social, totalmente distante dos pensamentos para uma análise crítica.

O Governo Militar instituiu os Estudos Sociais utilizando como argumento e justificativa que a referida área conseguiria contemplar e aprofundar conhecimentos relacionados aos temas de História, Geografia, Economia, Sociologia e Antropologia, usufruindo de seus conceitos científicos. Fazendo o levantamento histórico do componente curricular de Sociologia, no então conhecido ensino secundário e posteriormente na educação básica, foi possível perceber os diferentes desafios para se constituir documentos norteadores,

materiais didáticos, ou até mesmo quais conteúdos deveriam ser ensinados e, em qual série. “A cronologia sobre o ensino de sociologia na escola secundária, faz parte de algumas interpretações do recurso à ditadura militar como patrocinadora da exclusão do ensino da disciplina por motivos ideológicos” (MORAES, 2011, p. 360).

A partir da década de 1970, o Brasil desenvolveu propostas que concentravam no Governo Federal a estrutura e organização dos currículos para os então chamados primeiro e segundo graus. A produção foi desenvolvida em parceria com uma assessoria técnica americana, a qual contribuiu na inserção dos Estudos Sociais reorganizando a área de ciências humanas.

Outrossim, quando nos propomos a refletir sobre a história do ensino das Ciências Sociais/Sociologia enredamos por um caminho cruzado pelo campo das ciências e pelo campo da educação. O modo como o Brasil constituiu seu sistema de educação e seu sistema científico e como cada área se desenvolveu no interior desses sistemas é na verdade um enorme e complexo objeto de estudos para historiadores e sociólogos do conhecimento, da ciência e da educação. As relações entre esses dois campos, o da ciência e o da educação, a relação entre as áreas e os sistemas científico e de educação também são elementos importantes quando pensamos a constituição do ensino de qualquer disciplina no interior dos currículos elaborados nos sistemas de reprodução cultural, notadamente no educacional (SILVA, 2010, p. 18).

A proposta apresentada em 1964, no Congresso Nacional, acabou sendo concretizada na LDBEN de 1971, no artigo 7, tornando como obrigatório o ensino de Moral e Cívica para todos os estabelecimentos de 1º e 2º graus. Um ponto no qual considero interessante ao buscar informações sobre essa lei, foi de não haver muitas informações sobre seus desdobramentos, entretanto, ao realizar uma leitura comparativa, consegui perceber apenas uma continuidade do que estava proposto anteriormente na legislação de 1961. Devido a esta intermitência surgiram poucos cursos de licenciatura em Ciências Sociais e Sociologia de renome, que pudessem garantir uma qualidade na formação de profissionais e atendessem adequadamente esta demanda tempos depois no contexto de reabertura democrática. Nessa situação surge a hipótese de que professores de outras disciplinas da área de humanas estariam assumindo as aulas, havendo situações em que até advogados e outros profissionais acabam assumindo as aulas de sociologia em caráter emergencial, o que infelizmente acaba se apresentando como algo constante.

Os anos de 1980 são o marco do retorno da Sociologia à educação básica, praticamente quatro décadas depois de ser excluída do currículo, a disciplina voltou a grade curricular, mesmo não sendo obrigatória. Encabeçando essa postura, o estado de São Paulo passa a recomendar a inclusão do ensino de Sociologia em uma das séries da educação básica, conforme disposto na Resolução SE-236, de 03-10-1983. A resolução dá legitimidade ao

componente curricular, e até realizou concurso público para criação de uma equipe técnica, com base nos professores que atuavam na rede. Nesse contexto, ainda havia uma limitação dos profissionais da rede, o que acabava recaindo sobre sua importância na grade curricular e, conseqüentemente, sobre a necessidade dos jovens estudarem assuntos pertinentes a esse componente curricular.

Em 1993 houve mais um concurso para o preenchimento de novas vagas de Sociologia na rede estadual de São Paulo. No entanto, nesse mesmo contexto, houve uma reestruturação da rede, que reduziu a jornada de aulas. A mudança de 30 para 25 aulas semanais afeta a disciplina Sociologia por haver uma tradição mais evidente em relação a outros componentes curriculares, um exemplo disso é Língua Portuguesa e Matemática. Ainda falando sobre o histórico dos docentes formados em Ciências Sociais, Ileizi Silva (2010), menciona a atuação de professores enquanto polivalentes, lecionando outros componentes curriculares. Esse movimento acontece em ambos os sentidos, porém quando é posto para o lado da Sociologia temos um leque muito maior de professores e professoras de outras áreas lecionando.

A nova LDBEN 9.394/96, que teve o apoio de Darcy Ribeiro, dá um novo patamar à educação nacional e, mesmo trazendo ainda resquícios das leis anteriores, é a primeira que coloca Sociologia e Filosofia – como parte da grade curricular da educação básica. No entanto, sem deixar clara a sua obrigatoriedade. Com isso, temos o surgimento de um primeiro projeto de lei, o PL 3.178/97, o qual propõe a obrigatoriedade dos componentes Sociologia e Filosofia. Esse PL vai tramitar pelo Congresso até ser aprovado em setembro de 2001, porém é vetado integralmente pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que justifica o veto alegando um gasto para as redes estaduais, devido à nova contratação de professores.

Fazendo um comparativo entre as LDBENs, a mais recente de 1996, foi a que melhor possibilitou direcionamentos mais claros para a educação básica, e, com isso, diversos estados passaram a tomar iniciativas na organização das suas redes educacionais. Entretanto, como qualquer legislação, com o passar do tempo precisou de ajustes para contemplar as novas demandas da sociedade. Conforme o debate foi ganhando força, diversos grupos, como sindicatos de sociólogos e professores de educação básica e universitários, órgão de universidades e associações científicas, foram elencando as primeiras demandas a serem atendidas e a partir delas novas passaram a ser estabelecidas. Uma dessas demandas foi colocar Sociologia nos vestibulares, o que ocorreu gradativamente. A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) foi uma das pioneiras a contemplar Sociologia em seu processo seletivo, em 1997, seguida pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2003, e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), no ano de 2007.

Em relação aos materiais que dariam os direcionamentos para as redes o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) 15/98 e Resolução CNE 03/98, se tornaram reais nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM).

Essa equipe de elaboradores das novas Orientações Curriculares Nacionais provocou um debate no interior do MEC. Em 2005, Moraes (2007) elaborou um Parecer detalhado sobre a legislação educacional, desde a LDB de 1996 até as DCNEM (1998). Nesse Parecer consegue explicitar que as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 1998 não estavam cumprindo a LDB, pois não garantiam que os currículos oferecessem, de fato, os conhecimentos de Filosofia e de Sociologia, apenas como temas transversais (SILVA, 2010, p. 30).

Houve questionamento por parte dos estados em relação às modificações das DCNEM em 2006. São Paulo, por exemplo, foi resistente à determinação e seguiu instituindo uma concepção própria de currículo, que seguiu ao encontro do proposto desde 1997 e 1998 na criação da DCNEM. Estes documentos foram elaborados para direcionar as redes estaduais na forma como deveriam estruturar suas propostas curriculares, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) de 1999, articulando de modo flexível os saberes de cada área do conhecimento, e propondo uma organização em grandes áreas, o que foi retomado a partir de 2014 na constituição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A postura das redes estaduais de ensino gerou uma reação por parte das entidades representativas dos sociólogos, principalmente do Sindicato dos Sociólogos de São Paulo e da Federação Nacional de Sociólogos, que estabeleceu uma articulação com senadores e deputados para garantir a obrigatoriedade de Filosofia e Sociologia, pois tanto na LDBEN de 1996 e nas DCNEM de 2006 o texto deixava dúvidas sobre essa questão. A alteração do artigo 36 da LDBEN de 1996 (que deixava em aberto se os estados deveriam ou não oferecer os componentes) pela Lei nº 11.684/08, que foi sancionada dia 02 de junho de 2008 e regulamentada posteriormente pela Resolução nº 01 de 15 de maio de 2009, e dava a ordenação da implementação obrigatória de Filosofia e Sociologia nas três séries do Ensino Médio, efetivada plenamente até 2011.

### **1.3 A Sociologia a partir de 2008 em São Paulo**

A importância da Sociologia na educação básica deveria ser algo debatido com muita responsabilidade por sociólogas e sociólogos, com as mais diferentes variáveis que acabam enfrentando no que se refere a educação básica no Brasil (FERNANDES, 1955). No estado de São Paulo, a Sociologia junto aos demais componentes de humanas, vem para a educação básica para reforçar e incentivar a leitura e escrita, interpretação de diferentes tipos de textos.

*A gente pode refletir que as ciências humanas, por exemplo, elas colaboram muito né, eu estava agora em planejamento escolar, e... a professora de língua portuguesa estava inquieta com o nível de maturidade dos alunos com relação a produção de textos dissertativos, na língua portuguesa, esse é um tema do 9º ano, esse é um tema do 1º ano, do 2º e 3º ano, ok!*

*Pra ela misturar e agrupar questões do 2º e do 3º que a gente estava no debate sobre as eletivas etc. não era algo legal porque são distintas modalidades de e... níveis de... compreensão e etc. mas, o texto dissertativo enquanto estive em sala de aula sempre foi uma... usei e abusei, eu sempre demandei muito que os meus estudantes produzissem... e vejo que, por exemplo, se a gente pensar em termos de repertório, qualidade, contextualização dos grandes temas que são debatidos, nesses processos de avaliação de larga escala, ou, por exemplo, o próprio ENEM, se o estudante não tem um... uma percepção apurada do que é a vida social e, como que, as relações se põem, um conjunto de leitura, de repertório que as Ciências Sociais vai oferecer, certamente ele não vai ter tanta qualidade assim na construção de seu argumento, ele pode ter técnica, tá certo?*

*Que a língua portuguesa vai dar muito bem, mas o... o repertório pra argumentação, por vezes não tá vindo do... não vem da... da... das linguagens né, porque ainda persiste essa... ainda tem uma visão propedêutica, digamos assim, de formação, mas também persiste uma coisa da técnica na língua portuguesa, e o repertório fica com... um conjunto ou outro de... de disciplinas e ciências humanas colabora muito pra isso (Narrativa de Rodrigo, 02/2020).*

E para além da interpretação de gráficos, tabelas, entrevistas, estabelecendo a observação entre outras informações ligadas à análise sociológica. Também pensar na diversidade social, nos processos migratórios, na mistura de culturas dialogando com as habilidades propostas pela Geografia e a análise política que vai dialogando com Filosofia e História abrindo espaços para debates, para pensar o que é cidadania, a organização de movimentos sociais e a estrutura do próprio Estado.

A Sociologia para retornar ao ensino médio teve de enfrentar os chamados *ajustamentos sociais*, utilizando também como argumento a necessidade do contato da escola básica com o ensino superior, sendo esse um critério para sua introdução neste segmento (FERNANDES, 1955). A necessidade de refletir sobre algo complexo como a educação, de como organizar uma grade em redes com características próprias, no caso de São Paulo, onde há uma estrutura que pode ser considerada a maior do país, a visão pedagógica da política educacional acabou por favorecer possibilidades para uma consolidação. O processo comparativo do antes e depois exige uma reflexão muito mais ampla e aprofundada, por este motivo estou considerando sua introdução nacionalmente.

No primeiro semestre de 2009 assistimos a implantação da Sociologia em todas as escolas de ensino médio de todos os estados do país. Há variações no modo como cada burocracia organizou as grades curriculares. Tem sido comum incluí-la com uma hora aula em cada série ou uma ou duas horas aulas em uma das séries, normalmente na terceira (SILVA, 2010, p. 32-33).

No ano de 2009 o Estado de São Paulo inseriu a Sociologia inicialmente com uma aula semanal por turma, conforme disposto na Resolução SE-83, de 25-11-2008, que direcionava as seguintes grades:

Figura 2 – Matriz Curricular Diurno, 2008

<b>Anexo IV</b>					
<b>Ensino médio – Formação Básica</b>					
<b>Matriz Curricular – Períodos Diurno</b>					
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas		
			1ª	2ª	3ª
<b>Base Nacional Comum</b>	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	5	5	5
		Arte	2	2	---
		Educação Física	2	2	--
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	5	5	5
		Biologia	2	2	2
		Física	2	2	2
		Química	2	2	2
	Ciências Humanas	História	3	2	2
		Geografia	2	3	2
		Filosofia	2	2	1
		Sociologia	1	1	1
	<b>Parte Diversificada</b>	Língua Estrangeira Moderna		2	2
Disciplinas de apoio curricular		---	----	6	
<b>Total de aulas</b>			<b>30</b>	<b>30</b>	<b>30</b>

Fonte: Resolução SE-83, de 25-11-2008.

Figura 3 – Matriz Curricular Diurno – Três Turnos, 2008

<b>Anexo V</b>					
<b>Ensino médio – Formação Básica</b>					
<b>Matriz Curricular – Período Diurno- Três Turnos</b>					
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas		
			1ª	2ª	3ª
<b>Base Nacional Comum</b>	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	3	3	4
		Arte	2	2	--
		Educação Física*	2	2	--
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	3	3	4
		Biologia	2	2	2
		Física	2	2	2
		Química	2	2	2
	Ciências Humanas	História	2	2	**2
		Geografia	2	2	--
		Filosofia	1	1	1
		Sociologia	1	1	1
	<b>Parte Diversificada</b>	Língua Estrangeira Moderna		2	2
Disciplinas de apoio curricular		--	--	4	
<b>Total de aulas</b>			<b>24</b>	<b>24</b>	<b>24</b>

\* As aulas de Educação Física poderão ser realizadas fora do período regular de aulas.

\*\* Fica facultado à unidade escolar a distribuição dessa carga horária entre as disciplinas de História e ou Geografia.

Fonte: Resolução SE-83, de 25-11-2008.

Figura 4 – Matriz Curricular Noturno, 2008

<b>Anexo VI</b>						
<b>Ensino médio – Formação Básica</b>						
<b>Matriz Curricular – Período Noturno</b>						
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas			
			1ª	2ª	3ª	
<b>Base Nacional Comum</b>	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	4	4	4	
		Arte	2	2	-	
		Educação Física*	2	2	2	
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	4	4	4	
		Biologia	2	2	2	
		Física	2	2	2	
	Ciências Humanas	Química	2	2	2	
		História	2	2	1	
		Geografia	2	2	1	
		Filosofia	2	2	1	
	<b>Parte Diversificada</b>	Disciplinas de apoio curricular	Sociologia	1	1	1
			Língua Estrangeira Moderna	2	2	1
	<b>Total de Aulas</b>			--	--	6
			27	27	27	

Fonte: Resolução SE-83, de 25-11-2008.

Além de propor esse formato de grade curricular, a SEE-SP passou a elaborar os materiais de apoio para alunos e professores, assunto do qual tratarei mais adiante. Em São Paulo, com o passar do tempo, houve uma mobilização para ampliar a jornada de aula, de uma aula (conforme as grades apresentadas anteriormente), para duas aulas por turma, conforme a Resolução SE-81, de 16-12-2011. Essa mudança passou a vigorar no ano letivo de 2012 inicialmente, e, posteriormente teve sua ampliação efetivada na quantidade de aulas, passando de uma para duas aulas semanais, conforme as seguintes grades:

Figura 5 – Matriz Curricular Diurno, 2011

<b>Anexo IV</b>					
<b>Ensino médio – Formação Básica</b>					
<b>Matriz Curricular – Períodos Diurno</b>					
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas		
			1ª	2ª	3ª
<b>Base Nacional Comum</b>	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	5	5	5
		Arte	2	2	2
		Educação Física	2	2	2
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	5	5	5
		Biologia	2	2	2
		Física	2	2	2
		Química	2	2	2
	Ciências Humanas	História	2	2	2
		Geografia	2	2	2
		Filosofia	2	2	2
		Sociologia	2	2	2
	<b>Parte Diversificada</b>	Língua Estrangeira Moderna	2	2	2
<b>Total de aulas</b>			<b>30</b>	<b>30</b>	<b>30</b>

Fonte: Resolução SE Nº 81, 16-12-2011.

Figura 6 – Matriz Curricular Diurno – Três Turnos, 2011

<b>Anexo V</b>					
<b>Ensino médio – Formação Básica</b>					
<b>Matriz Curricular – Período Diurno- Três Turnos</b>					
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas		
			1ª	2ª	3ª
<b>Base Nacional Comum</b>	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	3	3	4
		Arte	2	2	2
		Educação Física*	2	2	2
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	3	3	4
		Biologia	2	2	2
		Física	2	2	2
		Química	2	2	2
	Ciências Humanas	História	2	2	2
		Geografia	2	2	--
		Filosofia	1	1	1
		Sociologia	1	1	1
	<b>Parte Diversificada</b>	Língua Estrangeira Moderna	2	2	2
<b>Total de aulas</b>			<b>24</b>	<b>24</b>	<b>24</b>

\* As aulas de Educação Física poderão ser realizadas fora do período regular de aulas.

Fonte: Resolução SE Nº 81, 16-12-2011.



Figura 7 – Matriz Curricular Noturno, 2011

<b>Anexo VI</b>					
<b>Ensino médio – Formação Básica</b>					
<b>Matriz Curricular – Período Noturno</b>					
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas		
			1ª	2ª	3ª
<b>Base Nacional Comum</b>	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	4	4	4
		Arte	2	2	2
		Educação Física*	2	2	2
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	4	4	4
		Biologia	2	2	2
		Física	2	2	2
		Química	2	2	2
	Ciências Humanas	História	2	2	2
		Geografia	2	2	1
		Filosofia	1	2	2
		Sociologia	2	1	2
<b>Parte Diversificada</b>	Língua Estrangeira Moderna	2	2	2	
<b>Total de Aulas</b>			27	27	27

\*A Educação Física deve ser oferecida no contra turno ou aos sábados.

Fonte: Resolução SE Nº 81, 16-12-2011.

O sistema foi estabelecido com determinadas divisões e características particulares, seja da maneira como a grade curricular foi estabelecida e/ou das dinâmicas para a organização das aulas, a partir de metodologias já estruturadas ao formato escolar. E como destaca Florestan Fernandes (1955):

Quando o sociólogo se propõe [a] uma questão desta ordem, ele começa pela análise do sistema existente de fato, no qual se pretende introduzir a inovação. Depois passa para uma análise mais complexa, em que o sistema é considerado em relação com as condições sócio-culturais que o suportam. E, por fim, chega à análise dos efeitos presumíveis da inovação, tendo em mira o grau de integração estrutural e as condições de funcionamento do sistema, como uma unidade relativamente autônoma e com um complexo de relações dependentes no seio de unidades maiores (FERNANDES, 1955, p. 97).

Por isso temos um embate considerável, primeiramente em trazer a Sociologia para a educação básica, e depois em estabelecer uma grade minimamente adequada. Entendo que segundo Florestan Fernandes (1955), tais ajustes exercem uma função auxiliar no sistema educacional, e utilizando essa premissa, podemos considerar a hipótese de direcionamento dos formados em Ciências Sociais, ainda em 2009, buscarem inicialmente os nichos de trabalho mais ligados a academia em detrimento da condição oferecida pela educação básica.

Ileizi Silva (2010) elenca uma questão importante para quem pretende desbravar o estudo nessa direção: “Onde, quando e como foi efetivamente ensinada a Sociologia no Brasil?” (SILVA, 2010, p. 22). Arrisco dizer que temos este fato concretizado e os primeiros passos nessa nova etapa foram dados nesse quesito com a lei 11.684/08. Essa legislação

ofereceu a possibilidade de ajudar nessa efetivação. Olhando mais de perto, é possível encontrar ainda lacunas, como por exemplo, quais instituições vão garantir a formação de profissionais?, qual o currículo adequado para a educação básica?, como garantir uma formação continuada aos profissionais?, entre outros diversos questionamentos, mas tais dúvidas, segundo Ileizi Silva (2010), puderam ser e ainda estão sendo objeto de estudos.

Penso que os contextos e situações foram mudando conforme o tempo, temos em certa medida já uma identidade do que é ensinar Sociologia, além de materiais didáticos que foram melhorando com o tempo, e nesses últimos 10 anos houve um acúmulo de experiências qualitativas, como o número de aulas por semana e o quantitativo de professores formados na área. Sobre o ensino de Sociologia, Ileizi Silva (2010), destaca que:

[...] nos diferentes períodos da história da educação são, ainda, hipóteses e pistas para aprofundamentos teóricos e empíricos em frentes de investigações que tragam mais subsídios para a compreensão mais próxima possível da realidade do que foi e do que tem sido praticado como ensino das Ciências Sociais/Sociologia (SILVA, 2010, p. 23).

Fica evidente que ao desenvolver a pesquisa sobre o histórico do componente, é possível perceber a falta de continuidade pedagógica tanto na produção de materiais, quanto científica e principalmente sobre práticas em sala de aula. E ainda:

sem uma pesquisa mais detalhada dos agentes que produziram a legislação e o movimento dos vários sujeitos em torno dessas legislações e, especificamente, do processo de inclusão dessa disciplina nos currículos das escolas. Os estudos têm avançado para análise do conteúdo e dos sentidos atribuídos ao ensino da Sociologia em diferentes contextos [...]. Entretanto, não se verificam análises que contemplem como esses espaços foram formados e a partir de quais sujeitos/agentes, ou seja, quem se movimentou, em quais sentidos, junto e a partir de quais estruturas/instituições para criar a possibilidade de constituição da Sociologia como disciplina escolar (SILVA, 2010, p. 24).

Conforme Ileizi Silva (2010) menciona, ao estudar sobre as Ciências Sociais/Sociologia encontramos duas questões, sendo a) a primeira do estabelecimento enquanto componente curricular na educação básica, e b) a segunda em relação a formação continuada dos professores. Ambas acabam sendo interligadas entre si, mesmo sendo consideradas como processos diferentes, sobretudo quando nas graduações não são notadas as falas pedagógicas em suas ações. Por este e outros fatores ao longo da história, Florestan Fernandes (1955) menciona acerca da flutuação acarretada pela legislação, podemos considerar a legislação como flutuante devido a falta de crença na possibilidade de difundir noções oferecidas por essa que é uma importante ciência da área de humanidades, seja pela condição cultural ou até mesmo econômica. Entretanto, ao colocar a Sociologia na educação básica, temos sua proximidade com o objeto de estudo, que é a própria sociedade. Nessa junção, entendo que a narrativa dos agentes públicos responsáveis pela formação continuada,

elaboração e seleção de materiais na SEE-SP demonstram o quão importante é o papel dessas práticas entre 2008 e 2018 para a rede estadual, a linguagem pedagógica e a formação continuada para professores e professoras das diferentes regiões do estado.

## CAPÍTULO 2: INTRODUÇÃO DA SOCIOLOGIA NA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO

*“O produto final da imaginação sociológica, chamado “realidade social”, é feito do metal fundido a partir do minério da experiência”  
Zygmunt Bauman*

A Sociologia retorna à rede estadual de São Paulo em um momento de transição muito significativo, onde vai sendo criada uma estrutura para o que viria a ser o Currículo de São Paulo. A mudança na estrutura pedagógica, criada durante o ano de 2008, tem como foco estabelecer determinadas características para o ensino, as quais poderiam ser verificadas por meio dos resultados obtidos na avaliação em larga escala, gerando o índice do IDESP<sup>10</sup>. Os objetivos dessa avaliação consistem em verificar as habilidades e as competências de acordo com as Matrizes de Referência (2009), dialogando, assim, com elementos direcionados para cada segmento da escola envolvido com a aprendizagem.

É interessante notar como esse momento foi marcante para a educação em São Paulo, pois além de haver uma reestruturação, o retorno da Sociologia surge como mais um elemento dentro dessa modificação. Por isso, neste capítulo, apresento dois momentos: o primeiro é a criação da Proposta Curricular<sup>11</sup> de São Paulo (2008), que foi o alicerce para aquilo que viria a ser o Currículo do Estado de São Paulo (2010), sendo a Sociologia acrescentada a partir do que estava proposto na legislação e suas regulamentações; e o segundo momento foi a elaboração do material de apoio pedagógico, suas metodologias e conteúdos, conforme a respectiva série, e de acordo com cada bimestre, também indicados na estrutura da Proposta Curricular (2008). Para dar mais nitidez aos debates estabelecidos e seus desdobramentos, pretendo colocar em evidência a narrativa dos agentes públicos, apresentando os cenários onde vivenciaram eventos importantes, estabeleceram críticas e como o trabalho foi amadurecendo e sendo desenvolvido ao longo do tempo.

---

<sup>10</sup> Indicador de qualidade gerado a partir de avaliações do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) no final de cada segmento, 5º ano dos Anos Iniciais, 9º dos Anos Finais e 3ª série do Ensino Médio, que considera o desempenho dos alunos e o fluxo escolar.

<sup>11</sup> Foi estabelecida pela SEE-SP conforme Resolução SE-76, de 7-11-2008: Dispõe sobre a implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, nas escolas da rede estadual.

## 2.1 Educação no Estado de São Paulo: Criação da Proposta Curricular

No ano de 2008 houve a apresentação da Proposta Curricular de São Paulo (2008), que logo após sua divulgação na rede veio a tornar-se o Currículo, a partir da promulgação da Lei nº 11.684/2008. Assim, a Proposta Curricular (2008) foi legitimada conforme a Resolução SE-76, de 7-11-2008, incluindo novamente a Sociologia como componente curricular obrigatório da rede estadual de ensino do estado de São Paulo. No ano de 2017 encontramos mais um momento de mudança na educação paulista, com o debate sobre a BNCC do Ensino Médio e a promulgação da Medida Provisória (MPV) 746/2016, a qual posteriormente tornou-se a Lei nº 13.415 de 16/02/2017. A princípio, demos esse destaque para situar o momento em que se inicia e se conclui nosso recorte e como isso acaba também fazendo parte da fala de alguns entrevistados, também por darem destaque a esses contextos vivenciados na educação enquanto estiveram à frente do núcleo da Sociologia na SEE-SP.

No estado de São Paulo, em 2009, a recém-criada Proposta Curricular de Sociologia, que logo em seguida tornou-se o currículo oficial em vigor até 2020, é o resultado de um debate de praticamente 30 anos, segundo Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011). A Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (ASESP), em 1983, elaborou um texto direcionado ao ensino de Sociologia na educação básica, a partir das Orientações Curriculares Nacionais (OCN).

A proposta aceita para o estado de São Paulo foi a formulada pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), por um grupo de professores e pesquisadores envolvidos com a questão do ensino de Sociologia na educação básica, atuantes em diversas universidades públicas do país (SCHRIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 408).

Na rede estadual a elaboração da Proposta Curricular (2008), como aponta Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015), tem sua concepção e coordenação na realização das ações realizadas em torno da Proposta Curricular (2008), que foram de responsabilidade de Maria Inês Fini, a qual organizou um levantamento da documentação e acervo pedagógico da rede estadual de São Paulo. O objetivo era propor princípios orientadores para as ações educacionais levando em conta a característica da rede estadual paulista, sua condição heterogênea e as suas limitações, como a falta de profissionais e de tempo adequado na grade curricular, que são os elementos vivenciados no retorno do componente curricular.

É necessário levar em consideração os desafios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos para entregar o *São Paulo Faz Escola*<sup>12</sup> com a Proposta Curricular (2008). É neste cenário que as autoras Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011) criaram o material capaz de agregar ao debate da inclusão da Sociologia na educação básica. Vale registrar que as idas e vindas fragilizaram sua importância nesse segmento da educação, gerando o desconhecimento neste contexto:

O retorno da disciplina de Sociologia à grade curricular obrigatória do ensino médio no Brasil e, em particular, no estado de São Paulo constitui um momento de relevância histórica, tendo em vista o tempo em que essa disciplina permaneceu excluída da grade obrigatória no país e os desafios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos que sua retomada significa (SCHRIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 407).

A LDBEN de 1996 destaca em um primeiro momento a importância do ensino de Sociologia e Filosofia para o conhecimento dos alunos. Entretanto, a maneira como a lei foi redigida não deixa clara a obrigatoriedade e os conhecimentos que deveriam ser disseminados ao longo do Ensino Médio, por isso a fragilidade vai se intensificando com a intermitência, conforme o passar dos anos, e também, de acordo com cada governo que assume o poder.

## **2.2 Desdobramentos da legislação em relação ao ensino de Sociologia na Educação Básica**

Ao analisar o componente curricular de Sociologia retomando um pouco do seu contexto histórico na educação básica, podemos notar que, conforme menciona Ileizi Silva (2010), o primeiro momento foi entre 1925 e meados de 1942, sendo divididos em duas fases: primeira fase 1925 a 1930; segunda fase 1931 a 1941. Nestes dois momentos os conhecimentos produzidos nas Ciências Sociais acabaram entrando na escola secundária por meio deste componente curricular. Ileizi Silva descreve os diferentes fatos referentes à Sociologia desse período.

Na primeira fase, de 1925 a 1930, houve muitas disputas envolvendo diferentes percepções da sociedade: positivistas, cristãos, evolucionistas, jurídicas, entre outras, das

---

<sup>12</sup> Esse material foi lançado na rede estadual no dia 12-12-2007, sendo material de apoio para a recuperação intensiva no ano letivo de 2008 e chamava-se "*Jornal São Paulo Faz Escola 1ª edição da Recuperação*", que segundo Maria Helena Guimarães de Castro secretária de educação nesse período era uma maneira de organizar a rede para implantar a nova Proposta Curricular. Durante o ano letivo de 2008 foram estabelecidos para cada componente curricular além de espaços específicos no Jornal, os Cadernos do Professor e posteriormente em 2009 são entregues os Cadernos do Aluno. Estes materiais foram criados com o objetivo de unificar conteúdos de cada componente curricular, além de servir como base de apoio para professores e alunos, são popularmente conhecidos na rede por "apostilas".

quais foram sendo colocadas nos primeiros manuais que direcionaram como o ensino deveria ser aplicado. Na segunda fase, de 1931 a 1941, houve uma configuração mais evidente do que seria de fato o ensino da Sociologia no ensino secundário, assim como na estrutura do ensino superior. Essas mudanças se deram a partir dos seguintes fatos:

- 1931: a primeira mudança ocorre com a Reforma Francisco Campos, que estabelece um ciclo de cinco anos considerado essencial e outro ciclo complementar com três direcionamentos diferentes com foco no ensino superior, conhecidos como Preparatório direcionados para o Direito, Engenharia, Arquitetura e Medicina;
- 1933: fundação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, contribuindo para formação de pesquisadores e profissionais das Ciências Sociais;
- 1934: Fundação da Universidade de São Paulo, sendo mais uma instituição com curso de Ciências Sociais. Frente a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e catedrático de Sociologia, estava seu primeiro diretor Fernando de Azevedo;
- 1935: Introdução da Sociologia como disciplina no Instituto Estadual de Educação de Florianópolis, por intermédio de Donald Pierson, Fernando de Azevedo e Roger Bastide;
- 1942: A Sociologia sofre um forte golpe perdendo sua obrigatoriedade nos cursos secundários, conforme estabelecido na Reforma de Capanema (SILVA, 2010).

A partir do histórico apresentado por Ileizi Silva (2010) podemos considerar o componente curricular de Sociologia como um instrumento para questionamento e reflexão sobre as diferentes visões de mundo, as diferentes relações humanas e, a partir disso, estabelecer uma formação humanista de estudantes e do trabalho dos professores, modificando o movimento da educação em um retorno gradativo, que aos poucos foi lidando com a resistência institucional e embates ideológicos. Para Sérgio Mattos (2015), o componente curricular contribui no contexto educacional por oferecer condições de ir complementando e agregando aos conteúdos de outras disciplinas da área de humanas. A Sociologia passa por um impulso gradativo entre os anos de 1982 e 2001, devido à redemocratização e consolidação de organizações representativas dos sociólogos.

Ainda, segundo o entendimento de Sérgio Mattos (2015), esse cenário é bem diversificado no contexto nacional, junto com a Sociologia, a Filosofia também segue no debate público para retornar como componente curricular da educação básica, mais precisamente no Ensino Médio.

a ideologização da exclusão da disciplina tem servido para justificar a volta da sociologia ao ensino médio, marcando-a como índice de democracia [...]; e em parte

porque esse retorno foi resultado da campanha efetiva de associações profissionais (sociólogos) (MORAES, 2011, p. 366).

O debate sobre a inclusão dos componentes Sociologia e Filosofia começa a ganhar mais espaço no âmbito nacional, surgindo em diferentes momentos, tendo como base ações parlamentares nas Assembleias Legislativas, conforme cada estado. Assim, levantou-se a possibilidade de utilizarem seus fundamentos para gerar autonomia, participação crítica, além de trazer temas mais próximos à realidade dos alunos.

Cada região do país acabou adotando meios e debates sobre a volta da Sociologia, conforme seus atores envolvidos. No Rio Grande do Sul, por exemplo, houve a inclusão das matérias com professores habilitados, já em Santa Catarina o componente era ministrado em apenas um ano ou com uma aula semanal do Ensino Médio, situação similar à que já ocorreu em São Paulo. Ainda conforme Sérgio Mattos (2015) outra justificativa para a implementação desses componentes curriculares é a formação para a cidadania.

Na região sudeste, Minas Gerais e Rio de Janeiro determinam a obrigatoriedade conforme o texto federal. No Espírito Santo, em 2001, a Assembleia Legislativa derrubou o veto do governador e introduziu ambos os componentes curriculares como obrigatórios na educação básica. Em São Paulo, em 1979, é apresentado o primeiro PL, o Projeto de Lei nº 0343/1979, que indicava a introdução das disciplinas de Sociologia, Filosofia e Psicologia, mas apenas entre os anos de 1985 e 1996 a escola deveria optar entre uma para compor sua grade curricular, na parte diversificada. Somente no ano de 2006 o estado de São Paulo garante a obrigatoriedade do ensino de Sociologia junto com a Filosofia, entretanto não sendo plenamente implementada, levando a retirada da grade curricular já ao final do ano letivo de 2007, quando a SEE-SP promulga a Resolução SE-92 de 19-12-2007.

Em âmbito nacional, temos o PL 1.641/2003, que anos depois vem culminar na Lei nº 11.684/2008, aprovada em 02/06/2008; inicialmente esse projeto de lei foi apresentado em 07/08/2003 pelo Deputado Federal Dr. Ribamar Alves do PSB/MA no plenário na Câmara dos Deputados, passando da mesa diretora para a coordenação das comissões permanentes e, em seguida, sendo encaminhada para a Comissão de Educação e de Cultura (CEC), e na sequência encaminhada para a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde o Deputado Alexandre Cardoso (PSB-RJ), designado relator, prossegue dando os devidos encaminhamentos ao PL. Durante o trâmite na Câmara, o referido PL teve apenas duas emendas, realizadas pelo próprio relator, e seguiu os demais trâmites. Ao analisar esse trâmite, Sérgio Mattos (2015) ressalta que a partir da Lei 11.684/08, assinada por José de



Alencar, que modifica a LDBEN e torna obrigatórias as disciplinas de Filosofia e Sociologia, estimou-se, na época, que tal medida iria gerar mais de 100 mil empregos.

Como mencionam Pierre Lascoumes e Patrick Galès (2012) esses momentos seguem sete etapas pontuais, sendo: a primeira etapa a origem da questão, seu contexto social e necessidades que vão demandar ao poder público uma ação que atenda as expectativas, no caso tratado nesta dissertação, a volta da Sociologia ao ensino básico; a segunda etapa trata da identificação e definição da questão levantada, pensar suas causas e recorrências, entender onde deve ser direcionado o foco da ação, ou seja, como ajustar a educação básica; a terceira etapa diz respeito à reflexão sobre os recortes realizados, filtrando o cerne da questão no contexto público, distinguir o que é referente à educação básica e superior; a quarta etapa aborda decisões de como a política pública será aplicada, a partir de determinada data, quais atores serão escolhidos e responsáveis na sua aplicação; na quinta etapa, há a aplicação in loco da ação, colocar em prática no cotidiano junto ao contexto social e a necessidade demandada, abrir espaço para o componente curricular ir constituindo seus métodos próprios; na sexta etapa, há a avaliação verificando a aplicação, seus reflexos, aceitação e novas questões emergentes, para a Sociologia temos as novas questões dessa primeira avaliação, um efetivo de profissionais, ainda pequeno, a metodologia de ensino sendo ajustada para a educação básica; e, por fim, há a sétima etapa com o propósito da política pública a que ela se direciona, no contexto da Sociologia é desenvolver a observação, análise e indagações sobre conteúdos pertinentes relacionados à cultura, sociedade, cidadania entre outros.

Ao pensarmos o ensino de Sociologia na educação básica, devemos inicialmente ter como referencial seus principais objetivos, o primeiro que é próprio do método de estudo proposto por ela ao tratar de suas especificidades como, por exemplo, a questão da observação, e um segundo ponto, que é a possibilidade de estabelecer um diálogo com outros componentes curriculares. Para Flávio Sarandy (2001) isso seria buscar estabelecer um dimensionamento da Sociologia enquanto componente na educação básica durante todo o Ensino Médio, e, nesse sentido, pensar nas suas características específicas que a diferenciam dos demais componentes de humanas – Filosofia, Geografia e História. No caso dos componentes mencionados, podemos considerar que todos já possuem uma maneira de trabalhar clara e definida por seus professores, surgindo então para a Sociologia o questionamento de como estabelecer essa forma de trabalho. Esse questionamento é um ponto interessante que aparece ao longo das narrativas obtidas: as ações dos agentes públicos entrevistados deixam em evidência a construção da identidade sociológica, indo ao encontro

do que propõe a Lei nº 9.394/96, e, sendo complementada pela Lei nº 11.684/2008. Por isto é possível levar em consideração que a Sociologia na educação básica pode

contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, ao lado de outras disciplinas, [...] nesse movimento de distanciamento do olhar sobre nossa própria realidade e de aproximação sobre realidades outras que desenvolvemos uma compreensão de outro nível e crítica (SARANDY, 2001, s/p).

A volta da Sociologia entre 2008 e 2009 contou com uma intervenção mais direta por parte da SEE-SP, modificando a grade curricular, arranjando profissionais, produzindo materiais de apoio e até mesmo um currículo próprio. Em um segundo momento, as ações formativas, ao longo do tempo, já tomam uma postura mais branda, basicamente de manutenção do trabalho proposto inicialmente, com o ajuste de profissionais novos e a consolidação, principalmente, do currículo. Importante destacar que o envolvimento de diferentes atores, ao assumirem muitas vezes diferentes momentos da execução da política pública, não necessariamente ocasiona uma fragmentação, temos, em alguns casos, momentos diferentes e as adaptações necessárias na determinada conjuntura, podendo ser uma intervenção mais direta ou mais branda.

A rede estadual de ensino de São Paulo, para contemplar o estabelecido pela legislação federal, estabeleceu a Proposta Curricular do Estado de São Paulo nas escolas da rede estadual a partir da Resolução SE-76, de 7-11-2008 e, nesse contexto, temos o início de uma grande movimentação no que se refere à elaboração de um currículo que contemple as habilidades e competências consideradas essenciais para cada componente curricular. Aqui é possível notar que tal proposta acompanha as especificações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM). Para contemplar tais documentos e normatizações a rede considera necessária a atuação de uma equipe técnica para desenvolver ações formativas para todos os profissionais, nas suas 91 diretorias de ensino regionais e em suas respectivas unidades escolares.

### **2.3 Material de apoio pedagógico utilizado na rede estadual de São Paulo**

Em relação à construção do material, na sua totalidade, não houve uma consulta direta à rede estadual, tanto em relação aos formadores, quanto aos professores coordenadores, e principalmente, aos professores que estão em sala de aula. Segundo a percepção de Juliana, que estava atuando na rede enquanto responsável pela Sociologia isso ocorreu porque:

*[...]essa gestão ela parte, ela tem como pressuposto de que o professor é o principal problema da educação né, então pra resolver os problemas da educacionais tinha que enquadrar o professor, ele tinha que ser um mero e... reproduzidor e... do que diziam os cadernos e... e pra elaboração desses cadernos foi a própria gestão, a direção da secretaria da educação que selecionou as pessoas que iriam fazer os cadernos (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

Endossando essa fala, Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015) pontuam que a consulta foi feita junto a um grupo de consultores que estavam prestando serviço para a SEE-SP, e a partir deste grupo os materiais foram desenvolvidos. Com isso no ano de 2008:

*[...] as escolas públicas estaduais foram surpreendidas com a notícia de que, doravante, deveriam seguir a nova proposta curricular que se materializava no Jornal do Aluno: São Paulo Faz Escola – Edição Especial da Proposta Curricular (SÃO PAULO, 2008b), distribuído aos alunos da rede. Num segundo e num terceiro momento, outros materiais didáticos na forma de fascículo foram entregues a professores e alunos, de modo a normatizar, organizar e unificar suas ações pedagógicas. (ALMEIDA NETO; CIAMPI, 2015, p. 197).*

A abordagem da proposta que passa a ser direcionada à rede estadual de São Paulo coloca como prioridade as competências de leitura e escrita, focando nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática.

O material produzido para SEE-SP foi implantado na rede em três etapas: 1ª) Jornal do Aluno; 2ª) Cadernos do Aluno e Professor (Ensino Fundamental e Ensino Médio); 3ª) Proposta Curricular. A junção de cada uma dessas etapas constitui o que veio a se tornar depois o Currículo do Estado de São Paulo (2010), sendo que cada uma delas aconteceu praticamente de maneira paralela e os materiais foram colocados como novo modelo da educação, direcionando a forma de transmissão do conhecimento. Segundo a entrevistada Juliana, esse foi um momento de alto investimento do governo:

*[...] foi o momento que efetivamente o governo investiu muito dinheiro na educação né, com a formulação do currículo né, do São Paulo Faz Escola, contratação lá da... Vanzolini e... já estava em curso a elaboração dos cadernos, das outras disciplinas do currículo né, é uma política que já no início de 2008 ela estava em andamento, pra Sociologia que foi 2009, então era um investimento financeiro... né, era... era uma interferência direta da gestão no currículo como não tinha ocorrido até então, da parte dos cadernos, das orientações aula a aula né? (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

A vantagem era de haver uma característica unificada para todo o estado e isso, a longo prazo, gera uma identidade, estabelecendo-se a possibilidade de estudar como a rede vai adaptando suas práticas para adequar a aprendizagem conforme cada realidade, em cada escola. O novo formato estabelecido acabou oferecendo um parâmetro mínimo de aprendizagem, principalmente para alunos que se mudam frequentemente de localidade. Uma desvantagem, apontada por Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015), foi a abrangência das formações, pois na maioria das vezes as ações eram apenas informativas, via videoconferências, e depois foram sendo acrescentados outros formatos para a aprendizagem.

Os contatos remotos não deixam tão claro a possibilidade de autonomia dos profissionais para adaptarem o material à sua realidade e, em alguns contextos, surge a ideia de uso obrigatório, ao invés do entendimento como material de apoio.

Caberia aqui um estudo mais aprofundado, no entanto, para ter a percepção correta das vantagens e desvantagens, para Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015), a análise desse novo currículo oficial é de grande relevância para ter clareza das divergências e debates sobre os procedimentos adotados e relacionados a sua elaboração. Não é o foco dessa pesquisa, mas considero a importância do trabalho desenvolvido pelos autores ao abordarem o foco desenvolvido na Proposta Curricular para o componente de História.

O material foi proposto para diferentes localidades, por isso a formação docente torna-se importante para auxiliar esses profissionais, mostrando que o material deve ser adaptado conforme a realidade de cada escola, de cada sala de aula, e que ele é apenas mais um instrumento de apoio às aprendizagens. O jornal foi o primeiro material entregue nas escolas da rede estadual, criado no ano de 2007, e posto em prática no ano letivo de 2008. Na sequência de entregas, os professores foram recebendo o Caderno do Professor, sendo um caderno com orientações para cada bimestre, num total de quatro cadernos. Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015) ressaltam a intenção do currículo unificado para as 5.000 unidades escolares, onde a justificativa era oferecer a mesma condição de aprendizagem com capacidade de abranger do Ensino Fundamental I e II ao Ensino Médio, ocorrendo da seguinte forma:

- Disponibilização do Caderno do Professor, no qual as atividades já vinham direcionadas para cada bimestre e com uma previsão da quantidade de aulas, tanto para o Ensino Fundamental quanto Ensino Médio. Os professores foram recebendo esse material ao longo de 2008;
- Disponibilização do Caderno do Aluno, seguindo um formato similar ao do Caderno do Professor. Os alunos receberam o material em 2009, sendo que a distribuição foi feita gradualmente para a capital, região metropolitana e interior do Estado, segundo apontamentos da própria rede.

Essa proposta permaneceu vigente até a criação do Currículo Paulista em 2019<sup>13</sup>, um novo currículo com uma abrangência maior iniciando com Educação Infantil, Anos Iniciais e

---

<sup>13</sup> As discussões se iniciaram em 2018 reunindo a SEE-SP e representantes da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação de São Paulo (UNDIME-SP) e representantes da rede particular. Os grupos de discussões utilizaram como referência a Portaria MEC nº 331 - Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC) atendendo a Meta 7 Plano Nacional de Educação (PNE). A versão final foi entregue e aprovada pela Comissão do Conselho Estadual e Conselho pleno em 19 de junho de 2019.

Finais do Ensino Fundamental, que foi adotado por alguns municípios; a etapa do Ensino Médio estava em produção enquanto redigia esta dissertação. Nessa nova configuração, ficou a critério de cada gestão municipal construir seu próprio material ou aderir ao Currículo proposto pela rede estadual, a referida mudança ocorreu devido a criação da BNCC<sup>14</sup> e a reforma do Ensino Médio<sup>15</sup>.

O projeto anterior à Proposta Curricular organizado por Maria Inês Fini foi elaborado com o objetivo de democratizar a educação paulista na sociedade contemporânea:

A concepção do São Paulo Faz Escola foi de Maria Inês Fini, Guiomar Namó de Melo, Lino de Macedo, Luiz Carlos de Menezes e Ruy Berger, sendo que a autoria dos cadernos de história teve à frente o historiador Paulo Miceli. A Fundação Carlos Alberto Vanzolini, por meio da Gestão de Tecnologias aplicadas à Educação (GTE), geriu a “produção e elaboração dos materiais pedagógicos que serviram de apoio a 200 mil professores, 30 mil gestores e 4,5 milhões de alunos” e a edição de, em três anos, “cerca de 300 milhões de exemplares de cadernos de Aluno e mais de 50 milhões de Cadernos do Professor referentes às 13 disciplinas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio”, além da formação continuada em cursos por videoaulas, como A Rede Aprende com a Rede e Apoio à Continuidade de Estudos (ALMEIDA NETO; CIAMPI, 2015, p. 201-202).

Os princípios do projeto de 2008, relativos ao curso *Rede Aprende com a Rede*,<sup>16</sup> tinham por objetivo a formação continuada dos profissionais, por meio de videoaulas, divididas em dois ou mais blocos, sendo de participação obrigatória para as professoras e professores. A proposta era mostrar que a escola também pode aprender e que o novo Currículo, naquele momento, quando posto em prática, iria oferecer espaços de cultura e a utilização de competências e habilidades para cada grupo de aprendizagem, no qual o foco seria na leitura e a escrita articuladas a contextualização para o mundo do trabalho. Mostrou-se que a escola não é detentora de todos os saberes, mas de um tipo de conhecimento coletivo, que evidencia a escola enquanto um espaço educacional múltiplo, importante ser explorado, e por isso, ao utilizar o material como instrumento de apoio a escola poderia estabelecer a partir de sua leitura novas ações.

O material pedagógico produzido para a rede estadual de São Paulo foi estabelecido para abranger a escola na sua totalidade, e assim, havia um direcionamento tanto para os gestores como para os professores e os alunos, além do convite para que cada unidade escolar

---

<sup>14</sup> Instituída pela Resolução CNE/CP nº 2, para orientar as respectivas etapas de ensino da educação básica nacional e referenciada no Plano Nacional de Educação (PNE) conforme Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Foi homologada no ano de 2018 pelo ministro da Educação Rossieli Soares.

<sup>15</sup> Em 2016 é publicada a Medida Provisória 746/2016, que posteriormente foi votada no plenário da Câmara dos Deputados tornando-se regulamentada pela Lei n. 13.415/2017, modificando a estrutura e fomentando as escolas de período integral, com carga horária que deverá ser ampliada gradativamente para 1.400 horas.

<sup>16</sup> Curso para o aprofundamento das Propostas Curriculares de cada componente, indicando os conceitos e teorias além da indicação de metodologias para o uso do material do *São Paulo Faz Escola*.

repensasse seus projetos pedagógicos, considerando suas singularidades. Assim, a proposta parte do princípio que cada localidade possa estabelecer adaptações conforme sua realidade.

Desse modo, para a gestão das escolas ficava a responsabilidade de fomentar a participação do grupo escolar, criando uma gestão democrática, e contemplando um espaço para o protagonismo da comunidade escolar. Nesse sentido, a gestão passa a ser entendida como algo coletivo, que organiza seus colegiados a interagirem em conjunto.

Os demais materiais eram o *Caderno do Professor*, separado por componente curricular e bimestre, sugerindo ao docente como organizar sua aula, instrumentos de avaliação e recuperação; e o *Caderno do Aluno*, que vinha com a finalidade de estabelecer autonomia aos discentes, propondo-lhes interação e práticas sociais, que não eram muito claras e dependiam da ação de quem estivesse ministrando a aula.

O *São Paulo Faz Escola* na sua parte introdutória deixava claro que era um material de apoio, mesmo assim houve muitos questionamentos. Segundo Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015), a quantidade de situações de aprendizagem eram extensas, mas o professor enquanto gestor da sua aula poderia optar pelo que se adequasse melhor a suas turmas. Além disso, os:

[...] fascículos Caderno do Professor e Caderno do Aluno, organizando o tempo das lições, dosando os conteúdos, propondo lições, textos, imagens e exercícios, orientando e conduzindo as ações dos professores e dos alunos. Tais materiais, e as práticas que ensejam, no entanto, foram inseridos numa cultura escolar (ALMEIDA NETO; CIAMPI, 2015, p. 199).

Essa delimitação temporal criou muita polêmica entre os professores, por considerarem que houve limitação do que seria lecionado em sala de aula. No entanto, a ideia de criar uma referência para todas as escolas foi considerada importante para estabelecer uma identidade para a rede. Isso pode ser considerado como uma possibilidade de facilitar estudos sobre o comportamento da rede, suas disparidades, entre outras situações relacionadas a uma estrutura mínima.

O material apresentava a possibilidade de:

[...] executar as diferentes atividades propostas, incluindo-se leitura de textos didáticos, pesquisa em diferentes fontes, montagem de painéis e de álbuns, maquetes, leitura cartográfica, trabalhos em grupo, análise documental, exposições dos trabalhos, entre outros, dentro do tempo previsto (ALMEIDA NETO; CIAMPI, 2015, p. 204).

A variedade de opções dá a possibilidade de contemplar a diversidade de contextos atendidos pela rede estadual paulista, oferecendo ao professor possibilidades de criar suas atividades conforme o seu público. Entretanto, fica evidente que as sugestões estabelecidas pela Proposta Curricular fomentaram muitos debates, como reforçam Almeida Neto e

Helenice Ciampi (2015), além de questionamentos frequentemente levantados pelo professorado.

Uma das críticas mais evidentes era referente aos conteúdos determinados pelo material do *São Paulo Faz Escola*, das quais se apontava que esse formato seria uma maneira de limitar a prática docente nas suas respectivas salas de aula, até mesmo por ser uma adesão obrigatória por toda a rede. Atreladas à obrigatoriedade, havia, ainda, as habilidades e competências vinculadas à proposta de avaliação em larga escala estabelecida para a rede. Conforme sinalizam Almeida Neto e Helenice Ciampi (2015), os resultados eram utilizados para colocar em xeque o trabalho dos professores.

Conhecendo um pouco sobre a rede e sua funcionalidade, observo ambos os pontos: tanto de questionamento quanto de direcionamento estabelecidos para as práticas pedagógicas, a partir dessa Proposta. A ideia de responsabilizar professores acaba sendo equivocada, pois como citado anteriormente a escola não tem condições de abarcar totalmente a diversidade de situações latentes no seu cotidiano, e dessa maneira, os docentes estabelecem seus mecanismos para dar conta de uma aprendizagem mínima, ficando claro neste contexto em que a autonomia acaba prevalecendo. Em contrapartida, a importância de estabelecer parâmetros mínimos de checagem poderia ser de fato importante na tomada de decisões por parte dos agentes públicos responsáveis pelas ações formativas, mostrando como certos denominadores comuns levantados podem (e devem) ser aprimorados ou até mesmo modificados para atender as ações docentes.

#### **2.4 Os conteúdos e métodos utilizados no *São Paulo Faz Escola* de Sociologia**

Estabeleço aqui um paralelo entre Ileizi Silva (2010) e Amaury Moraes (2003). A teoria de Ileizi Silva, menciona a importância de legitimar a Sociologia como componente curricular da educação básica, para além de garantir a legislação, mas na sua importância dentro do ambiente escolar ao oferecer o diálogo com as diversas áreas do conhecimento. Enquanto, Amaury Moraes, nesse ponto, reforça a potencialidade do debate estabelecido pela Sociologia ao retornar à educação básica, contribuindo junto às pautas da reforma, sendo essa mudança algo construtivo principalmente para a área das ciências humanas.

Compreendo que os conteúdos e conhecimentos direcionados para a educação básica não devem ser desenvolvidos separadamente do processo epistemológico e do pensamento científico originário de cada componente escolar. Não deve haver uma separação entre a produção do conhecimento e o método pedagógico utilizado na escola, sendo importante o

diálogo entre ambos os segmentos, acadêmico e educação básica, de maneira que se garanta a formação inicial e continuada adequadas para os professores e, conseqüentemente, o aprendizado do aluno, por isso “[...] uma Sociologia dos Estabelecimentos Escolares e toda uma Ciência da Educação que trabalham com a escola como objeto central de reflexão” (LIMA, 2012, p. 4).

Nas entrevistas com os agentes públicos, uma fala recorrente foi a importância da formação dos professores e, pontualmente, formações voltadas aos professores e professoras de Sociologia. Era fundamental garantir essas formações para oferecer os subsídios necessários no desdobramento das ações em sala de aula, de modo a propiciar alguma reflexão minimamente sociológica sobre o contexto social, cultural e político, citados por Alexandre Lima (2012), como pontos importantes para a proposta desse componente na educação básica, segundo as OCN (2006).

A Proposta Curricular de Sociologia (2009) procura deixar em evidência que seu objetivo é construir nos jovens um olhar sobre a sociedade, com instrumentos oferecidos pelo aparato metodológico utilizado no componente curricular, ou seja, não é para formar sociólogos, mas instigar seu pensamento crítico. A proposta estadual de fazer o aluno entender o seu lugar na sociedade brasileira vai ao encontro da proposta da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e da LDBEN de preparar o aluno para ser um cidadão, desenvolver-se como ser humano autônomo e crítico, sendo tudo isso parte da sensibilidade estabelecida pela própria Sociologia. A ideia, então, era fornecer aos jovens da educação básica uma formação na qual estes consigam, a partir das temáticas e conteúdos propostos pelo componente curricular, elaborar melhor seus questionamentos sobre a sociedade ao seu redor.

Para Flávio Sarandy (2001), a contribuição da Sociologia é trazer determinados temas, como cultura, diversidade social, cidadania, movimentos sociais, entre outros, que acabam agregando, segundo Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), na interdisciplinaridade, e desenvolvendo a junção da base das Ciências Sociais – Sociologia, Antropologia e Ciência Política –, além de dialogar com os demais componentes das ciências humanas, como nas demais áreas do conhecimento, a uma visão mais próxima da realidade vivida pelos alunos. Utilizando-se de diversos pontos de vista, basicamente o objetivo de abordagem do cotidiano tem como princípio a realidade desse aluno e daquilo que ele conhece e entende como comum.

Ao instigar no jovem a possibilidade de observar seu contexto social de diferentes formas, é que se buscou treinar o olhar, que fosse capaz de levar o aluno a problematizar fatos



sociais, trazendo-lhe questionamentos muitas vezes simples, como *por que esse fato acontece? Sempre aconteceu assim? Todas as sociedades têm o mesmo comportamento?* (MORAES; GUIMARÃES, 2010). Nessa perspectiva, o foco é estabelecer uma nova percepção sobre fatos corriqueiros do cotidiano, e neste quesito, instrumentalizar o professor para que ao desempenhar sua prática na sala de aula possa estimular seus alunos a observar e superar o senso comum, mostrando-lhes um método de análise, e, claro seguindo de acordo com as habilidades e competências estabelecidas nas Matrizes de Referência (2009), as quais eram indicadas para o professor desenvolver no seu processo de ensino/aprendizagem com seus alunos.

A distinção entre a formação básica e a formação superior pode ser feita entre a sensibilidade e o raciocínio, formas de abordagens e percepções. Na reflexão de Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), a sensibilidade oferecida pela Sociologia vem sendo considerada como necessária nas escolas básicas, desde a década de 1980, tanto por cientistas sociais quanto por parte de estudiosos em educação.

A questão inicial enfrentada por Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011) é transformar conceitos em conteúdo, em atividades práticas que possam ser adequadas, conforme a demanda da SEE-SP. É possível considerar isso um grande desafio, pois:

[...] o Caderno do Professor da proposta curricular São Paulo Faz Escola procura dirigir minuciosamente cada passo da atuação docente através das Orientações de Atividades para a gestão da aprendizagem na sala de aula – estruturadas a partir da sondagem e da sensibilização, do tempo previsto para o desenvolvimento de cada atividade, da seleção de temas e conteúdos, das competências e das habilidades, das estratégias, dos recursos materiais e das formas de avaliação e de recuperação [...] (ALMEIDA NETO; CIAMPI, 2015, p. 209-210).

Vale ressaltar que São Paulo introduziu o componente Sociologia simultaneamente em todas as séries do Ensino Médio no ano letivo de 2009, num cenário onde a política pública acabou sendo colocada em prática às pressas, muito por conta de uma demanda excessivamente grande. O ponto tenso, nesse contexto da elaboração dos materiais, foi, sobretudo, elaborar, diagramar, imprimir e entregar os cadernos do *São Paulo Faz Escola*, tanto para professores como para alunos, em tempo hábil. Vale lembrar que o total desse material produzido para as três séries do Ensino Médio abrangia um caderno por bimestre para professores e alunos.

No contexto de toda essa demanda, para contribuir no entendimento e disseminação da metodologia, foram realizadas quatro videoconferências pela Rede do Saber<sup>17</sup>, com o intuito de formar multiplicadores – PCNPs – sobre as metodologias que poderiam ser desenvolvidas a partir do material. Importante salientar que todo o material busca seguir o que está colocado na Proposta Curricular (2009) e que as ações realizadas pelas autoras e equipe curricular tinham como objetivo contribuir para que os alunos conseguissem compreender o olhar sociológico ao observar a sociedade a partir dos temas, desenvolvendo a sensibilidade e os instrumentos; e para isso são utilizados os dois princípios básicos: estranhamento e desnaturalização. E a cada bimestre, foi colocada uma questão como instrumento disparador das reflexões de cada período proposto, conforme seria determinado no currículo. Primeiramente é feita a desconstrução do que é naturalmente estabelecido na sociedade, indagando e buscando o entendimento dos fenômenos sociais. Entretanto, o professor de Sociologia acaba enfrentando o seguinte desafio entre os anos de 2009 e 2012:

*[...] é uma disciplina que você precisa, apresentar o tema, desconstruir o tema, e... desnaturalizar como eles chama, estranha e desnaturalizar e, reconstrui com outras bases né, o conceito do senso comum é ali aquebrantado tal, questionado, posto em estranhamento, e você com uma aula, pra que você não tem tempo hábil, e tem muitas interferências, em sala de aula, pra que você consiga ofertar pro aluno uma outra forma de pensar o assunto né, e... com... com base em dados, com base nos estudos que foram feitos nas pesquisas (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Outro dos grandes desafios enfrentados por quem passou a lecionar Sociologia nesse período foi a grade: apenas uma aula por semana. Uma aula para apresentar e contextualizar o tema, desenvolver ações para o estranhamento e desnaturalização, e depois disso propor uma nova percepção.

O entendimento de Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), acerca do posicionamento da Sociologia enquanto componente curricular da educação básica, no qual o estranhamento e a desnaturalização são os princípios epistemológicos que vão direcionar a abordagem dos conceitos, temas e teorias proporcionadas pelo currículo em cada localidade, se aproxima muito do que é proposto por Émile Durkheim (2019) em “As Regras do Método Sociológico”, no que se refere à coisificação dos fatos sociais e ao método clássico mais próximo para dialogar com os paradigmas estudados no componente curricular oriundo das Ciências Sociais. Com a *sensibilização* para mostrar que não há um único conhecimento, mas vários, além de diversos pontos de vista, a ciência vai elaborando ou buscando novas descobertas. Enquanto o *estranhamento* se embasa na heterogeneidade, que pode ter origem

---

<sup>17</sup> Foi criada em 2001, e é considerada uma das maiores redes públicas a utilizar videoconferências e webconferências para fins educacionais. A Rede do Saber passou a fazer parte da EFAP, da SEE-SP no ano de 2009, nessa integração passou a oferecer cursos de formação continuada.

no próprio cotidiano dos alunos, sendo necessário lembrar que conceitos não devem ser impostos. As discussões desenvolvidas em uma aula semanal devem ser distintas, a partir do grupo de alunos. Debater sobre trabalho, por exemplo, são abordagens diferentes para aqueles que trabalham e os que ainda não ingressaram no mercado de trabalho.

A elaboração dos cadernos de Sociologia parte de três grandes grupos: histórico, metodológico e didático-pedagógico. Metodologicamente não havia um currículo testado em larga escala em outros estados; junto a essa questão curricular emerge o desafio formativo para as Ciências Sociais. Conforme Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011) mostram, didaticamente e pedagogicamente é difícil chegar a um consenso sobre quais práticas e conteúdos devem ser abordados, ficando o debate pedagógico curricular restrito ao exercício da cidadania e a ética, conforme proposto na LDBEN. Além disso, as autoras do material do *São Paulo Faz Escola*, direcionaram um olhar para o Caderno do Professor, levando em conta que a grande maioria dos professores não teria formação em Ciências Sociais.

Nesse contexto de retorno da Sociologia à educação básica, como já foi mencionado, impõe uma grande dificuldade para a rede: professores que vão ensinar um componente no qual não são formados:

A dificuldade em ensinar uma disciplina à qual poucos professores tiveram acesso, quer na sua formação como educadores, quer na sua formação específica, tornava premente a necessidade de tornar os Cadernos acessíveis para qualquer profissional que viesse a ser responsável por essa disciplina (SCHRIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 414).

Desse modo, conceitos, temas, conteúdos e problemáticas foram propostos da maneira mais clara e didática possível, dentro dos parâmetros requisitados pela SEE-SP, tendo como principal interesse tornar a Sociologia mais acessível para os alunos e professores de outros componentes, que viriam a lecionar o novo componente curricular.

De acordo com Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), no momento da produção dos Cadernos do *São Paulo Faz Escola*, havia poucos estudos sobre a Sociologia no Ensino Médio. Por este motivo era necessária a adaptação desta linguagem sociológica do ensino superior, que é muito distante do contexto da educação básica e dos materiais didáticos existentes, não contemplando as habilidades e competências da então Proposta Curricular. Verificou-se a ausência de um material didático adequado e consolidado, pois praticamente não havia conteúdos suficientes para serem desenvolvidos em sala de aula durante todo o Ensino Médio. As OCN (2006) destacam a necessidade de adaptações que devem ser realizadas pelo professor, colocando em questão a utilização dos clássicos, quais textos e

quais trechos podem ser sugeridos como instrumento de atividades. Nesse sentido, é importante deixar claro que os materiais não trazem uma verdade absoluta, mas oferecem condições para professores com outras formações tratarem dos temas e para professores formados na área utilizarem essa base para ir muito além, explorando várias possibilidades.

### **CAPÍTULO 3: QUEM SÃO OS AGENTES PÚBLICOS? CONTEXTUALIZAÇÃO DO APORTE METODOLÓGICO E PONTOS DE ANÁLISE**

*“Seres ou não seres  
Eis a questão  
Raça mutante por degradação”  
Pedro Luís & A Parede*

Procurou apresentar neste capítulo os critérios utilizados para definir quais seriam esses agentes públicos, levando em consideração o momento de atuação dentro da CGEB. Partimos da hipótese de haver pontos comuns nas ações desempenhadas pelos agentes públicos que ficaram à frente da pasta Sociologia na rede estadual de São Paulo, entre os anos de 2008 e 2017, mesmo observando certa continuidade nas ações. Optei por esse recorte, considerando um levantamento prévio, pois entendi que dessa maneira seria possível notar a existência de uma sequência e/ou até mesmo lacunas. É importante registrar que em alguns momentos não existia um indivíduo responsável respondendo pelo componente curricular, principalmente no início e final desse período de nossa análise; em ambos os momentos tivemos modificações na estrutura da educação básica paulista<sup>18</sup>.

Esses agentes públicos são professoras e professores de educação básica, que foram designados para realizar ações de formação no órgão central, entre 2008 e 2017, considerando o recorte feito para essa pesquisa. Assim, sete profissionais atuaram à frente do componente curricular de Sociologia:

---

<sup>18</sup> Tanto o momento inicial como final do recorte temporal dessa pesquisa o Ensino Médio passou por momentos de debates e mudanças no Currículo.

Quadro 1 – Agentes Públicos por período de atuação na SEE-SP

Agente público (técnico)	Formação inicial	Período de atuação na SEE-SP
Juliana	Ciências Sociais	2008-2009
César Silva	Ciências Sociais	2010-2012
Antonio	Ciências Sociais	2012-2015
Jorge	Ciências Sociais	2012-2016
Marco	Ciências Sociais	2014-2015
Tatiana	Ciências Sociais	2016
Rodrigo Oliveira	Ciências Sociais	2017

Fonte: Elaboração própria.

Como descrito no quadro<sup>19</sup> acima, todos formados em Ciências Sociais e com Licenciatura plena, docentes concursados que durante o período analisado eram indicados ou convidados a exercerem a função representando os componentes curriculares. Vale destacar, que durante esse período analisado, para atuar enquanto responsável por qualquer componente curricular, era necessário ser professor efetivo, ou seja, concursado, sendo submetido a uma entrevista para atuar na função.

Inicialmente, ao realizarmos o levantamento dos chamados técnicos de Sociologia da CGEB, havíamos contabilizado cinco, o que coincidiu com o período no qual eu estava atuando em uma diretoria de ensino da capital. Ao estabelecer contato por telefone com essas pessoas, mencionando sobre a pesquisa, qual meu objetivo e a importância de registrar a narrativa de quem esteve à frente das ações formativas. Foi possível realizar uma conversa para saber onde estavam atuando, além de uma breve ideia de rotina – com o foco de conseguir ajustar os dias e horários das entrevistas. Nestes breves contatos por telefone novas informações foram surgindo, por exemplo, ao-i ao conversar com *César Silva*<sup>20</sup> comentando sobre o recorte que estabeleci para a pesquisa, descobri através desse contato que havia mais

<sup>19</sup> Há casos em que o período de atuação do agente público não corresponde ao ano completo, pois alguns assumiram ou deixaram a função no meio do ano letivo. Cabe destacar que a pedido dos participantes estou utilizando nomes fictícios.

<sup>20</sup> Estou utilizando codinomes para preservar a identidade dos entrevistados, alguns no ato da entrevista solicitaram essa mudança por não se sentirem confortáveis de terem sua identidade divulgada e outros que ainda estão atuando como profissionais na rede estadual de educação de São Paulo.

dois técnicos que atuaram na secretaria nesse período: uma no ano de 2008 e um outro que esteve por lá em 2017.

Anteriormente ao contato telefônico com *César*, estava considerando que esses técnicos estiveram atuantes apenas entre os anos de 2011 e 2016, contudo assim que obtive a informação correta, realizei o referido ajuste do período de análise. No decorrer desse trabalho optei em considerá-los como **agentes públicos**, entretanto na rede esses profissionais são conhecidos como **técnicos**. Cabe destacar que até o momento do desenvolvimento desta dissertação não havia um novo técnico responsável pela Sociologia na SEE-SP, por esse motivo tivemos que redirecionar a pesquisa para o período de 2008 e 2017.

Na estrutura pública, de modo geral, é muito mencionado esse papel do técnico, ou seja, de alguém que realiza determinadas tarefas de uma maneira mais mecânica, tanto dentro da estrutura da SEE-SP quanto da estrutura estatal de modo geral. Temos tal percepção externa ao contexto para os professores designados na CGEB, mas ao ouvir os relatos de cada um e realizar as transcrições, partimos do princípio de que existe, nesse caráter funcional, algo que vai além de desempenhar a técnica, de desempenhar suas práticas cotidianas. Optamos, a partir da análise dessas narrativas, por utilizar a tratativa **agente público** para os professores entrevistados, levando em consideração as narrações de ações e abordagens das questões colhidas ao longo dessas falas descritas na pesquisa, elas demonstram de forma mais lúcida o agir, a dinâmica realizada pelos profissionais, apresentando-se, assim, como o termo mais adequado dessa função nas atuações do dia-a-dia.

Em alguns momentos das falas teremos situações onde as atividades realizadas são efetivamente técnicas e burocráticas, como menções a realização de pareceres e ações de acompanhamento, tanto para a produção como para a validação de materiais didáticos, assumindo um caráter tecnicista. De fato, tais comportamentos foram mencionados no enredo de algumas narrativas, porém nosso interesse não é apenas mostrar o papel hierárquico da função, mas destacar como as ações realizadas acabaram refletindo na rede estadual de ensino, direcionando e oferecendo diretrizes para o funcionamento da educação.

O contato inicial foi realizado por telefone, informando aos entrevistados o objetivo da pesquisa e deixando que cada um pudesse escolher o local onde ficaria mais fácil realizar a entrevista; essa opção de deixar a critério da pessoa marcar o local tinha como intuito deixá-la mais confortável para realizar sua fala em um ambiente conhecido. Alguns optaram por um espaço universitário, outros por locais públicos e culturais, e outro permitiu realizar a entrevista na sua própria residência. Todos os sete entrevistados manifestaram interesse em contribuir com a proposta da pesquisa, além de mencionarem considerar um registro

importante dessa trajetória de quase 10 anos da Sociologia na educação básica na rede estadual de São Paulo, como um deles menciona: “*eu imaginava que esse momento um dia tivesse que chegar né, não é que pudesse, mas que devesse chegar, pra gente recuperar essa história*” (Narrativa de César Silva, 01/2020). Como o entrevistado menciona, o nosso interesse é recuperar esses fatos na prática, na ação do agente público no exercício da sua função no referido espaço e seu aparato legal que embasa seu cotidiano.

### **3.1 Minha narrativa**

As reflexões sobre a pesquisa já vêm de longa data: desde pensar qual o assunto iria ser abordado, o recorte mais adequado e a partir disso refletir sobre qual o método mais adequado que pudesse contemplar os objetivos, ler e reler, dialogar com algumas pessoas, anotar as ideias para acrescentar no trabalho, pensar nas melhores maneiras de colocar em prática o método. até aguçar o olhar sobre o objeto e pensar o meio para extrair da melhor maneira as informações necessárias que pudessem fornecer respostas às minhas inquietações, e assim, submeter o projeto ao comitê de ética e aguardar o momento de iniciar os levantamentos junto ao público selecionado.

O primeiro contato foi realizado por aplicativo de mensagens e, posteriormente, o contato por telefone, com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa e agendar a entrevista. Como de praxe, foram levantados alguns questionamentos, a saber: sobre as abordagens que seriam utilizadas, a disponibilidade de tempo, o local da entrevista conforme a facilidade e comodidade dos entrevistados (buscando deixá-los mais à vontade para expressar sua narrativa), até a construção do enredo de cada história vivenciada em sua função. Os primeiros contatos por telefone já se demonstraram de grande relevância, agregando novas informações para o trabalho – um exemplo disso, como já mencionado, foi tomar conhecimento de mais duas pessoas que também se encaixavam no perfil por atuarem na CGEB na mesma função e período, o que até o referido momento não tínhamos conhecimento. Isso mostra como a pesquisa pode apresentar novos pontos, acrescentar e agregar sujeitos importantes até então desconhecidos, porém necessários na construção do trabalho.

Primeiramente, destaco a entrevista com a *Juliana*, primeira técnica a cuidar da Sociologia na rede estadual de São Paulo, que acompanha a nova chegada do componente curricular na rede estadual e a implementação do Currículo entre os anos de 2008 e 2009. Marcamos de nos encontrar no mesmo dia e local que havia combinado com o Jorge, e por ela



também morar próximo da PUC-SP. A entrevistada se mostrou muito disposta e tranquila para realizar a entrevista, principalmente por se tratar de uma pesquisa que traz uma abordagem do contexto e embates da Sociologia na rede estadual. Ao conversarmos, inicialmente, mencionei que cheguei até ela pela indicação de um outro entrevistado, *César Silva*, o qual também atuou como representante técnico logo após sua saída, do qual reforçou, em uma conversa telefônica, a importância da atuação de *Juliana* no órgão central. Ao tomar conhecimento de suas ações frente à Sociologia na rede estadual de São Paulo, consideramos de suma importância buscar conhecer um pouco mais sobre sua atuação a partir do ano de 2008, embora relate que as ações referentes a Sociologia vêm de longa data.

Em seguida, foi feita a entrevista com o *César* que no contexto cronológico da pesquisa foi o segundo técnico a assumir a responsabilidade sobre o ensino de Sociologia na rede estadual de São Paulo. Marcamos de nos encontrar no meu local de trabalho, a EFAP, que anteriormente sediava o espaço para as equipes da CGEB, sendo o local de trabalho do entrevistado durante algum tempo enquanto esteve à frente da equipe curricular. Ao chegar, César decidiu andar um pouco pelo lugar para retomar a memória do que vivenciou durante o momento que esteve respondendo como técnico responsável por Sociologia. Ele observou o lugar, foi até o local onde era a sala da equipe curricular de ciências humanas, ficou surpreso com as mudanças na estrutura e com a nova organização estabelecida na Escola de Formação. Pedi para ele aguardar um tempo para que pudesse me organizar, nesse meio tempo ele reencontrou alguns colegas da sua época e conversou um pouco. No momento da entrevista ele se mostrou muito feliz e empolgado pelo convite em participar da pesquisa, além disso, tive condições de explicar com mais calma a proposta de trabalho, e, a partir dessa minha fala, o entrevistado ressaltou a importância de localizar os demais técnicos, pois de fato teríamos um bom panorama do trabalho realizado na então chamada SEE-SP; ele até se dispôs a entrar em contato com alguém caso eu tivesse dificuldade para localizá-los.

Outro entrevistado foi *Antônio*, que nessa cronologia foi o terceiro técnico a assumir a Sociologia. Ao entrar atuou primeiramente com *César*, logo depois com *Jorge* e *Marco* constituindo a equipe de Sociologia. A entrevista foi realizada em uma lanchonete indicada pelo entrevistado, até por ele considerar que seria um local mais tranquilo para falar, havendo pouca possibilidade de alguma intervenção que viesse a atrapalhar sua fala. A postura do entrevistado era de tranquilidade, apesar de ter o horário um pouco justo, devido a outro compromisso que teria algumas horas depois; no entanto, mencionou se sentir contente pelo convite. Ao explicar o objetivo da pesquisa e a metodologia utilizada, o entrevistado demonstrou mais satisfação, sorrindo, sabendo que iria contribuir para uma pesquisa que

buscará trazer relatos sobre sua atuação na então SEE-SP na equipe de Sociologia, além de citar que a fala dos demais colegas que também atuaram na equipe poderia me auxiliar com mais informações, contemplando um histórico do que foi realizado.

O técnico entrevistado que ficou mais tempo exercendo a função foi *Jorge*, na cronologia é o quarto técnico a cuidar da Sociologia, entretanto acabou trabalhando durante um tempo conjuntamente com *Antônio*, *Marco* e *Tatiana*. A entrevista foi realizada também na PUC-SP, conforme indicado pelo entrevistado; inicialmente ao conversarmos sobre a proposta da pesquisa o entrevistado se mostrou um pouco receoso, se teria condições para contribuir com o trabalho, por fazer um certo tempo que se afastou da função de técnico e da CGEB. Mencionei que o foco do estudo e a proposta metodológica comportava a abordagem sobre aquilo que ele apresentasse de recordação. *Jorge* indagou se havia algum tempo limite para realizar a sua fala, então comentei que a entrevista era aberta sem limitação de tempo ou questões fechadas, esse formato foi escolhido para contemplar a análise da narrativa em relação às recordações de sua atuação enquanto membro da equipe de Sociologia da CGEB.

*Marco* foi o quinto técnico e atuou junto com *Antônio* e *Jorge*, na CGEB compondo a equipe de Sociologia; nesse grupo foi o último técnico a entrar, porém foi o primeiro a sair, ficou pouco tempo, retornando para sala de aula, onde estava atuando até a finalização deste trabalho. A entrevista foi realizada na Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo, local indicado pelo entrevistado que realiza uma série de oficinas e acaba dialogando com diversos coletivos do território. No ato da minha chegada estava acontecendo uma oficina de DJ em uma das salas, por isso o entrevistado estava na recepção do local e pôde me atender realizando a entrevista. Ao nos acomodarmos em uma mesa próxima a porta de entrada, foi possível explicar o motivo da entrevista, o foco da pesquisa, que é de realizar uma análise das ações dos técnicos de Sociologia da SEE-SP, em relação às políticas públicas de educação. A princípio o entrevistado mencionou que talvez tivesse poucas informações para contribuir, devido ao tempo de atuação na equipe, mas a partir do momento que foi mencionado e explicado sobre a metodologia utilizada para a entrevista, sendo feita de maneira aberta e tematizada, utilizando apenas duas questões abertas em uma entrevista livre, *Marco* demonstrou ter clareza de como poderia contribuir para a pesquisa.

Outra professora entrevistada foi *Tatiana*, sendo a sexta nessa sequência de profissionais que assumiram a pasta, e, dentre os técnicos anteriores, ela trabalhou com *Jorge* enquanto esteve respondendo pelo componente curricular. A entrevista foi realizada no pátio interno da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EFAPE), a entrevistada se dispôs a vir até o meu local de trabalho para realizar sua contribuição com a

pesquisa. Ao analisar a postura de *Tatiana* durante a explicação da proposta de pesquisa e esclarecendo suas dúvidas sobre a opção metodológica escolhida para desenvolver o levantamento de informações, a entrevistada demonstrou tranquilidade e também se mostrou empolgada com a possibilidade de contribuir para a pesquisa. Ressaltou que ficou apenas seis meses atuando como técnica da CGEB e talvez tivesse pouco a contribuir devido ao tempo que foi relativamente curto em relação aos demais membros da equipe que estiveram na função anteriormente, mas mencionou compreender a importância de relatar um pouco do contexto no qual vivenciou ao exercer a função.

O último entrevistado foi *Rodrigo*, o sétimo técnico a cuidar da pasta de Sociologia na rede estadual de São Paulo, que assumiu um tempo depois da saída dos técnicos anteriores. Antes de sua chegada houve uma lacuna e até a conclusão deste trabalho estava atuando em uma escola da rede. A entrevista foi realizada na casa do entrevistado, que ao me receber se mostrou disposto e curioso para saber sobre como poderia contribuir para a pesquisa. Foi esclarecido que o foco do trabalho era tratar da inclusão da Sociologia na rede pública estadual de São Paulo, realizando uma análise da narrativa dos técnicos que foram responsáveis pelo componente entre os anos de 2008 e 2017. Neste mesmo contexto, foi mencionado que a entrevista seria aberta e temática para oferecer aos participantes a possibilidade de expor sua visão enquanto agente público no exercício da função, independentemente do tempo que ficou exercendo a função.

### **3.2 Aporte metodológico para análise das entrevistas**

Para análise e verificação dos desdobramentos da política pública em educação ligada à inclusão do componente curricular de Sociologia, optamos em realizar entrevistas com os agentes públicos responsáveis e envolvidos no exercício da referida ação. Nesse contexto, para conseguir um quantitativo maior de elementos, escolhemos utilizar, enquanto metodologia, o formato de entrevista livre não estruturada. Cabe destacar que durante a pesquisa foram encontrados outros formatos e conceitos de entrevista muito similares, mencionados por Guerrero (2009) como, por exemplo:

- a. Entrevista estruturada: realizada com base em um questionário, onde se realiza o levantamento por meio de textos ou de maneira codificada;
- b. Entrevista semiestruturada ou baseada em roteiro: utiliza um questionário, pode haver questões de referência, sendo guiada por temas e objetivos que possa considerar relevante ao propósito da investigação.

Neste contexto, optamos por este formato de entrevista livre, levando em consideração o resultado e seus desdobramentos, para realizar a análise das narrativas apresentadas pelos agentes públicos, pois:

Este tipo de técnica no se apoya en ningún cuestionario, existiendo una gran libertad para los entrevistados como para el entrevistador, aunque éste ha de tener – al menos mentalmente – un listado de temas sobre los cuales debe obtener información. Se trata, en general, de preguntas abiertas que son respondidas dentro de una conversación, teniendo como característica principal la ausencia de una estandarización formal. Alter (el entrevistado) responde de forma exhaustiva, con sus propios términos y dentro de su cuadro de referència, a las cuestiones generales formuladas (GUERRERO, 2009, p. 154-155).

Utilizando esse referencial pontuado por Rodrigo Guerrero (2009), também consideramos esse formato de entrevista como meio de aglutinar o maior levantamento de dados qualitativos para analisar em profundidade, tendo como instrumento de análise um *roll* de itens a serem levantados que são: a) A visão dos técnicos sobre o ensino de Sociologia na rede estadual; b) Quais elementos foram integrantes nas ações da Política Pública Educacional; c) Percepções e dificuldades no cotidiano; e d) Possíveis embasamentos teóricos no exercício da função; esses pontos serão melhor aprofundados no decorrer do texto. Este estudo parte da coleta de informações registradas em áudio e, posteriormente, transcritas em sua totalidade, demonstrando as interações verbais realizadas durante as entrevistas livres em profundidade<sup>21</sup>.

Para contemplar a análise em toda sua finalidade, optamos em utilizar a análise de narrativa, sendo possível para os profissionais entrevistados contarem suas histórias a partir de uma narração, relatando as ações, práticas e embates cotidianos, auxiliando assim para a investigação dessas ações enquanto agentes públicos. Assim, a “[...] gravação das interações permitiu uma reflexão sobre as limitações verificadas e motivou o aperfeiçoamento das práticas de questionamento das educadoras/ investigadoras” (REIS, 2010, p. 30). Por isso, considero a possibilidade de desenvolvimento da pesquisa utilizando a narrativa, enquanto instrumento metodológico de análise, buscando demonstrar, conforme a fala das técnicas e técnicos de Sociologia, elementos de conhecimento. Além de ser reconhecida no meio educacional como método de investigação no desenvolvimento do próprio profissional da educação nas suas práticas diárias, o intuito é apresentar como resultado a característica dos trabalhos e ações desenvolvidas pelos agentes públicos de 2008 a 2017, as suas principais contribuições para estabelecer a consolidação dessas ações, além de uma identidade ao ensino de Sociologia na Rede Estadual de São Paulo.

---

<sup>21</sup> Tomando como base métodos mencionados por Guerrero (2009), o objetivo foi desenvolver a possibilidade de levantar aspectos espontâneos dificilmente encontrados em uma entrevista dirigida.

Levamos em consideração as potencialidades principais do contexto educacional que acontecem nos espaços de formação e investigação. Durante a prática cotidiana, a narrativa se liga à construção de uma história, aos acontecimentos decorrentes das ações humanas e ao relato de suas percepções, sendo um participante do ato, ou até um observador dele. Em relação ao ambiente acadêmico, a utilização da narrativa é parte estrutural do conhecimento, cada utilização de conceito ou método constitui-se também na formação de uma história que se pretende narrar.

Academicamente, o termo narrativa diz respeito geralmente à estrutura, ao conhecimento e às capacidades necessárias para a construção de uma história. As histórias são caracterizadas por um argumento envolvendo personagens, um princípio, um meio e um fim, e uma sequência organizada de acontecimentos. (REIS, 2010, p. 18).

O formato proposto por Pedro Reis (2010) nos favorece na junção metodológica apresentada por Rodrigo Guerrero (2009), onde a forma de realizar a entrevista oferece condições, de durante cada fala ou história, se traga consigo um argumento, um personagem, um princípio, um meio e um fim, conforme o desenrolar dos acontecimentos, mostrando a visão do indivíduo e o que de fato ocorreu. Reforçando, daí, a importância da utilização deste método:

A entrevista narrativa (daqui em diante, EN) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado um "informante") a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 92).

Por isso, metodologicamente, conseguimos estabelecer a coleta das informações por meio de entrevistas livres em profundidade e lapidar todas as informações qualitativamente, considerando a análise das narrativas como o instrumento para buscar as potencialidades de cada história, além de verificar pontos de convergência entre si, bem como suas particularidades. Desse modo, contemplou-se para a primeira questão *“Como foi, na sua percepção, atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?”* e na segunda questão *“No período de atuação, enquanto técnico, relate uma ação que considerou importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo”*.

Esta investigação foi proposta com o objetivo de promover o desenvolvimento de competências de pesquisa bibliográfica e de investigação autônoma em função das necessidades sentidas na prática profissional e uma atitude de reflexão sistemática sobre a prática profissional no duplo sentido de explicitação/clarificação da relação dos conhecimentos teóricos com a prática e de teorização/fundamentação da prática (REIS, 2010, p. 24-25).

Desse modo, segundo Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002), temos um enredo proporcionado pelas narrativas apresentadas pelas práticas dos profissionais entrevistados, possibilitando uma análise cronológica, onde o entrevistado ao iniciar sua fala vai apresentando uma sequência de situações vivenciadas, construindo assim uma história não apenas narrada, mas vivenciada. Além disso, como ponto estrutural dessas narrativas em um plano de fundo, existe um enredo, o qual vai estabelecendo a ligação entre os fatos, sendo os fatos menores meios de ligação com fatos maiores, e, por isso, não podemos considerar a existência de fatos ou acontecimentos isolados.

Durante o desenvolvimento das entrevistas, foi possível notar essa relação, onde pequenos fatos serviram de elo para uma sequência de ações, posicionamentos e posturas assumidas frente a situações vivenciadas, deste modo:

[...] o enredo que dá coerência e sentido a narrativa, *bern* como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história. Os enredos operam através de funções específicas, que servem para estruturar e configurar vários acontecimentos em uma narrativa. Primeiro, e o enredo de uma narrativa que define o espaço de tempo que marca o começo e o fim de uma história (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 92).

Partindo dos enredos teremos condições de obter metodologicamente informações que contemplem nosso *roll* de análise, estabelecendo uma sequência, por se tratar de agentes públicos que atuaram em uma mesma função, em momentos diferentes ou até mesmo conjuntamente. Para Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002), a análise da narrativa possibilita reconstruir a atuação dos referidos profissionais tanto em momentos diferentes como em um mesmo momento, o que possibilitou colhermos narrativas que se concluem e deixam indicativos para outras que vão se iniciar, criando ganchos, e/ou, em alguns casos, narrações diferentes de um mesmo momento. A cronologia vai se desdobrando conforme cada enredo vai sendo apresentado, vinculando os fatos, oferecendo assim maiores possibilidades de compreender, cronologicamente, como a Sociologia foi incluída no currículo paulista e como é trabalhada ao longo do tempo.

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Desta forma, explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação. A redacção de relatos sobre as suas experiências pedagógicas constitui, por si só, um forte processo de desenvolvimento pessoal e profissional ao desencadear, entre outros aspectos: a) o questionamento das suas competências e das suas ações; b) a tomada de consciência do que sabem e do que necessitam de aprender; c) o desejo de mudança; e d) o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a atingir (REIS, 2010, p. 20).

As semelhanças nas experiências surgem a partir da vivência de cada indivíduo, solucionando divergências, acessando e dando significado para o entendimento da realidade e atribuindo significados. Realizamos, no primeiro momento da pesquisa, as entrevistas e, a partir das histórias narradas, uma análise sobre as experimentações desses agentes públicos, para chegarmos a um entendimento de como ocorreu a atuação na CGEB frente à Sociologia, além do distanciamento necessário para avaliar as situações e ações descritas, dando ênfase ao enredo. O desenvolvimento envolve uma grande combinação de conhecimentos, capacidades e atitudes, onde o enredo promove uma reflexão sobre as complexidades da Secretaria Estadual de Educação, tanto no âmbito individual quanto coletivo, e por isso, as histórias são um meio de organizar o conhecimento, captar a atenção dos sujeitos, além de facilitar o entendimento de significados citados ao longo das falas.

A narrativa assume-se crescente junto ao objeto de estudo, método de investigação e organização das informações colhidas, não se assume apenas como uma metodologia qualitativa, mas traz como pressuposto a modificação do que tradicionalmente se entende como conhecimento nas Ciências Sociais. Pedro Reis (2010), ressalta que a narrativa valoriza e explora as dimensões pessoais dos indivíduos, carregando em seus percursos a complexidade de interpretações de suas vivências, de seus dilemas e desafios confrontados. A abordagem tradicional não utiliza interpretações pessoais, assim se coloca como metodologia adequada ao entendimento de aspectos contextuais da investigação, implica no entendimento/junção de diferentes vozes construindo uma história, fundindo o entendimento de determinada realidade social.

Analisando o conceito do estudo apresentado por Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002) tal aspecto está estruturado em um esquema semiautônomo, partindo de uma provocação, ou seja, cada pergunta realizada é um disparador para que o entrevistado ou, o informante, passe a falar sobre suas histórias, estabelecendo um fluxo junto ao enredo e aos fatos. É por esta via que se constrói o entendimento em relação ao método e a possibilidade de ir muito além de um apanhado de perguntas e respostas, valendo destacar, que a narrativa é:

[...] considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. [...] Para se conseguir uma versão menos imposta e por isso mais "válida" da perspectiva do informante, a influência do entrevistador deve ser mínima e um ambiente deve ser preparado para se conseguir esta minimização da influência do entrevistador. As regras de execução da EN restringem o entrevistador. A EN vai mais além que qualquer outro método ao evitar uma pré-estruturação da entrevista. É o empreendimento mais notável para superar o tipo de entrevista baseado em pergunta-resposta. Ela emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história, para conseguir este objetivo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95).

Temos, assim, algo que vai além de perguntas e respostas, sendo mais sensível na coleta qualitativa das informações, pois deixa para o entrevistado a possibilidade de conduzir livremente sua linha de pensamento, indo e voltando ao ligar e retomar fatos. Feita a pergunta inicial, segundo Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002), não devemos emitir opinião ou questionar a atitude do entrevistado, evitamos apontar possíveis contradições, pois essas atitudes podem interferir na fala e conseqüentemente no resultado da entrevista. O questionamento se estabelece a partir de elementos presentes que possivelmente estarão inseridos na história vivida pelo entrevistado; além de evitar um clima investigativo, deve-se analisar o que vem sendo apresentado espontaneamente.

### **3.2.1 Pontos de análise: estabelecendo agrupamentos**

Ao ouvir as narrativas foi possível verificar em cada fala pontos convergentes, que demonstram um fio condutor das ações desenvolvidas no cotidiano dos agentes públicos entrevistados. Para contemplar o *roll* de análise mencionado, utilizei e adaptei a proposta metodológica desenvolvida por José Souza (2019), que ao escrever sua dissertação de mestrado categorizou e agrupou as falas de seus entrevistados na análise de narrativas. A adaptação realizada foi optar em desenvolver apenas agrupamentos de palavras-chaves, devido às características e similaridades nas falas e relato de ações, dando uma perspectiva mais horizontal para o estudo. Optei em não utilizar a categorização, por considerar inadequado à análise das narrativas, pois categorias acabam hierarquizando as falas, isto é, colocando umas como mais importantes que outras.

A definição da abordagem tem como embasamento a seguinte identificação:

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles. (MUYLAERT et al., 2014, p. 149).

As experiências registradas em cada áudio, bem como as explicações para cada decisão citada pelos agentes públicos da CGEB, mostram exatamente essa relação da experiência de pesquisar a Sociologia e seu estabelecimento da rede estadual de São Paulo. Desse modo, os agrupamentos foram pensados e divididos em 4 (quatro) agrupamentos, sendo estabelecidos a partir de alguns pontos observados, como: a visão desses profissionais, os elementos de integração, os desafios enfrentados no cotidiano; além dos embasamentos



teóricos para estruturar as ações, ligando alguns fatos, percepções e atividades. Assim, os agrupamentos definidos são:

1. *Formação, PCNP(s), professores*: falas e relatos ligados às atividades pensadas na capacitação dos profissionais ligados à Sociologia e planejamento de cada ação realizada, com o objetivo de fomentar a formação continuada dos docentes;
2. *Proposta Curricular, Currículo, grade curricular*: apontamentos relacionados à estrutura da base para o ensino da Sociologia e às habilidades e competências estipulados pelo Currículo e ações de reestruturação que foram estabelecidas conforme debates políticos;
3. *São Paulo Faz Escola, material, cadernos*: instrumento de apoio aos profissionais da rede estadual, destacando na visão dos agentes públicos, quais foram as críticas, a importância e o descrédito observado no contato com a rede e seu papel na identidade da Sociologia junto aos professores que não tinham a formação específica;
4. *Reforma, Ensino Médio, BNCC*: as mudanças e debates vivenciados, assim como os desafios para legitimar a importância do componente, para ser mantido como obrigatório no novo formato de ensino proposto tanto pela Base como no novo Ensino Médio.

Cada narrativa foi colocada em uma planilha *Excel*, onde os parágrafos foram delimitados e separados em diferentes células, foram estabelecidos filtros de palavras, alinhadas com os agrupamentos já mencionados, onde é possível localizar o parágrafo e a narrativa referente a cada abordagem. Para auxiliar na busca das palavras-chave de cada agrupamento, utilizei o aplicativo Maxqda para extrair os pontos comuns em cada uma das falas. O método e a metodologia, propostos por José Souza (2019), dispõem de meios para facilitar e garantir a análise mais objetiva, onde converge cada uma das narrativas, que foram transcritas integralmente, a partir da produção dos áudios em cada uma das sete entrevistas.

## CAPÍTULO 4: O AGENTE PÚBLICO E SEU EMBATE POLÍTICO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS

*“É o teste, é o teste, é a febre, é a glória  
Não se corromper pra nós já é vitória”  
Criolo*

A busca em compreender como a Sociologia retornou a educação básica paulista traz consigo um leque muito abrangente de fatos e acontecimentos, que rememoram o contexto histórico e ganham força com as narrativas dos agentes públicos, resgatando fatos que vão desde o momento de sua reintrodução efetiva nas escolas em 2009, até os desdobramentos na consolidação desse componente com o passar do tempo.

A narrativa, ao apresentar histórias, demonstra a colaboração e a troca no momento em que o entrevistado vai estabelecendo uma interação no decorrer da entrevista, o ato de focar a atenção na fala da pessoa e oferecer a ela o espaço de fala livre permite a condição para uma troca. A construção descritiva dos fatos, além de engajar o entrevistado em uma mesma interlocução com o entrevistador, permite a ele observar e desvelar fatos conjuntamente, conforme a narrativa vai se costurando, criando interfaces que vão emergindo na fala e estabelecendo uma história. Segundo Pedro Reis (2010), para a literatura existe uma distinção entre o termo *história* e *narrativa*, sendo a narração um texto organizado por uma história – acontecimentos, personagens, cenários, discurso etc. – e a forma de apresentação ou narração da história, que na área da educação a definição de narrativa é utilizada de maneira mais abrangente indo para além da estrutura do texto.

Nessa perspectiva, a narrativa é inerente à ação humana, sendo necessário estudá-la no contexto social e educativo, e, ao atribuir valor ao contexto narrado e a audiência que se destina, a narrativa, junto com a história, qualificam os fenômenos básicos da vida. Por isso, é necessário deixar evidente os seguintes termos:

- Termo história: quando se refere a situações concretas, com participação de indivíduos em um determinado momento;
- Termo narrativa: se refere a investigação ou método de investigação para Ciências Sociais (REIS, 2010).

No ato da narração o entrevistado volta a se deparar com uma grande quantidade de fatos, e na retomada de sua memória descritiva propõe descrição de detalhes, observações das atitudes tomadas no desdobramento dos fatos. Cada experiência transmitida, além dos conteúdos tratados, segundo Camila Muylaert et al. (2014), pode ser considerada como uma

maneira mais artesanal de comunicação, e inicialmente podem ser transmitidas informações sem uma intenção direta.

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles (MUYLAERT et al., 2014, p. 194).

A técnica foi desenvolvida nas entrevistas estabelecidas nas ações individuais, onde muitos pontos até mesmo desconhecidos para o pesquisador surgiram durante a narração de determinados fatos.

Como já contextualizado, para exercer a função enquanto agente público na SEE-SP, é necessário ser professor, mas também ter o entendimento técnico para conhecer a parte legal na qual está se está inserido, ou seja, estar familiarizado com o currículo, com possíveis materiais complementares e em contato com universidades parceiras para uma formação continuada. Assim,

[...] o desenvolvimento da função pública, exige um corpo de trabalhadores intelectuais especializados, altamente qualificados e que se preparam, ao longo de anos, para desempenhar sua tarefa profissional, estando animados por um sentimento muito desenvolvido de honra corporativa, onde se acentua o capítulo da integridade (WEBER, 2011, p. 69).

De modo que o exercício da função técnica não está desconectado da função docente, na verdade a função docente é que dá subsídios para prática técnica do agente público, principalmente na organização de pareceres e execução de suas atividades junto à organização burocrática no órgão central.

A construção de análise e escuta das narrativas permite apontar alguns caminhos: primeiro, por serem agentes públicos e se tratar de uma função com caráter técnico na execução de suas funções, foi possível definir termos ligados às práticas, que, além de demonstrarem uma continuidade, mostram também as mudanças nas demandas ao longo do período analisado; e, segundo foi possível estabelecer quatro agrupamentos para análise qualitativa das informações apresentadas pelos agentes públicos. Agrupamentos esses descritos a seguir.

#### **4.1 Agrupamento 1: Proposta Curricular, Currículo, grade curricular**

Essa seção apresenta um pouco de como foram as ações dos agentes públicos entrevistados em relação aos documentos que nortearam seus trabalhos, como a Proposta Curricular (2009), o Currículo do Estado de São Paulo (2010) e a modificação na grade curricular. Foi possível perceber como as ações foram sendo direcionadas no fomento a apresentação da Proposta, logo em seguida na disseminação do Currículo e, além disso trazendo também alguns momentos de embate no que se refere a organização da grade curricular debatendo a ampliação de uma aula semanal por turma para duas aulas por semana, neste contexto:

Do ponto de vista metodológico, um dos principais desafios enfrentados no retorno da Sociologia à grade curricular do ensino médio foi o fato de isso não ter sido realizado de forma gradual, ou seja, para os alunos que estavam cursando a 2ª e a 3ª série em 2009 [...] (SCHRIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 416).

Este foi um dos pontos que logo de partida gerou um forte atrito com os demais componentes de ciências humanas, onde a grade curricular foi modificada impactando na atribuição de aulas. A chegada da Sociologia gerou uma movimentação considerável não apenas dentro da equipe técnica com a entrada de mais uma profissional, mas o ajuste necessário para enquadrar o componente recém-chegado. Essa composição demonstra uma nova contextualização pedagógica com complexas e diferentes facetas, conforme a organização do Estado e suas características, estabelecendo cada qual com seu direcionamento em relação a estrutura pedagógica que passaria a vigorar.

##### **4.1.1 Composição da equipe de agentes públicos: Da Proposta ao Currículo**

A Proposta Curricular (2009) foi elaborada enquanto política educacional, houve grupos de trabalho direcionados para cada componente curricular, definindo e direcionando quais viriam a ser os temas e conteúdos correspondentes a cada ano e série, tanto para o Ensino Fundamental, como para o Ensino Médio. Conforme Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), a proposta elaborada para a Sociologia, que posteriormente veio a se tornar Currículo do Estado de São Paulo (2010), teve origem em 1983 na Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (ASESP) que já debatia como o componente deveria ser inserido na educação básica. A retomada desse debate ficou sobre a responsabilidade da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), que designou pesquisadores e professores envolvidos com a retomada da Sociologia no ensino básico para indicar quais seriam as habilidades e

competências da aprendizagem que deveriam ser desenvolvidas conforme os temas de cada bimestre em cada série, por isso

*No caso da Sociologia foi um caso um pouco diferente das outras disciplinas né, no caso da socio... e... e essa é uma das razões pelas quais o currículo de Sociologia ele... ele é melhor do que de algumas outras disciplinas que eu consegui acompanhar, porque quem elaborou, quem elaborou o currículo 2008? quem foram os sujeitos? Eram pessoas... o de arte, o de educação física, matemática, nas outras disciplinas escolares, eram pessoas ligadas e... a Maria Inês Fini que tem uma empresa de assessoria educacional que ela servia pra vários estados, ela tem uma equipe né, ela dava cursos de formação né, ela tem uma empresa, e quem elaborou o currículo de São Paulo foram essas pessoas ligadas a Maria Inês Fini (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Sociologia (OCNEM-Sociologia) foram utilizadas enquanto documento propositivo para o componente na educação básica norteando assim quais seriam os princípios epistemológicos e os conteúdos a serem abordados. Neste quesito é interessante problematizar as possibilidades de ensino da Sociologia, direcionando para docentes possibilidades de ações práticas de ensino a partir da desnaturalização e estranhamento. Conforme Amaury Moraes e Elisabeth Guimarães (2010), é necessário estabelecer uma ligação entre o estranhar e o desnaturalizar. Tanto para professores como até mesmo para os agentes públicos no exercício de suas ações formativas deve haver o entendimento sociológico da dinâmica existente na sociedade.

Este processo de organização se deu durante o mandato de José Serra (PSDB) no governo de São Paulo, o qual estava adotando um posicionamento, segundo Juliana, que era de pressionar a equipe:

*[...] eu identifiquei que... que naquela conjuntura já de 2008 a... era uma função meramente burocrática, não é de representação política de ninguém... né, e... uma das primeiras... discussões e... que eu tive com a coordenadora da CENP naquele período né, que hoje é CGEB, é que ela disse o seguinte 'olha se trata de um cargo de confiança do governo, então você fique nesse cargo enquanto você considerar e... que a política educacional desse governo tem que dar certo, nós estamos investindo tudo pra isso' palavras dela né? (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

Fica evidente na fala de outros agentes públicos que assumiram a função após a saída de Juliana, que inicialmente havia sido indicada pela SBS, que essa prática acabou mudando, conforme houve a mudança do governo, havendo um processo de seleção onde os professores que se candidataram para a função precisavam encaminhar seu currículo e passavam por uma entrevista, não sendo mais a entrada via indicação de algum profissional atuante na rede. A fala de César Silva deixa mais evidente essa transição quando estava saindo da equipe “a gente fez um processo [seletivo] pra trazer outra pessoa pro meu lugar, e nisso é um processo muitíssimo interessante porque, a gente trouxe, a gente entrevistou cerca de... 46 candidatos e... todos formados em Ciências Sociais com licenciatura” (Narrativa de César Silva).

Considero essa mudança um passo importante para quem se tornaria o agente público responsável em cuidar da pasta, e não apenas do componente curricular, mas fomentar formações para a rede sobre o Currículo do Estado de São Paulo (2010) que estava sendo implementado.

Essa nova nomenclatura de seleção acaba refletindo nas ações direcionadas na propagação dos estudos sobre o currículo, gerando uma percepção melhor de como a rede leva um professor efetivo para a função de agente público dentro da CGEB, um docente que estava no dia-a-dia da sala de aula e como isso contribui para as suas ações na secretaria, o que também torna significativo ao compreender o histórico, conforme menciona Jorge na sua narrativa:

*[...] o currículo que veio em 2008, ele veio meio que né, trazendo essa perspectiva nova né, trazendo a... forma de trabalhar que vinha sendo discutido também em âmbito nacional, no âmbito das orientações curriculares nacionais e... que era a questão do trabalho por temas, teorias, conceitos... e aí a gente tinha também um... material didático que foi elaborado pela mesma equipe de sociologia, que toda a crítica que havia as vezes dos professores, tipo ser um material fechado e... mas ele, ele garantia que... que chegasse sociologia até a ponta, porque o que que a gente via qual o cenário, não tem esses números agora de cabeça, mas assim, nós tínhamos um alto número que tavam dando aula que não eram formados em sociologia, então essa era uma das dificuldades que a gente tinha, então, como é que a gente vai fazer chegar sociologia pra esse aluno? já que os professores os próprios professores não são formados em sociologia, havia uma infinidade de... de formações aí, que tavam atuando, principalmente história, principalmente pedagogia, principalmente filosofia (Narrativa de Jorge, 01/2020).*

Entendo que este cenário citado foi um desafio para legitimar a Sociologia. Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011) mencionam que ela já carregava no seu contexto histórico quatro fatores para lidar: a) poucos professores capacitados; b) pouca pesquisa na área de ensino; c) um consenso sobre o currículo (testado/adequado); d) preconceito contra a Ciências Sociais no Brasil.

Essa disparidade possibilitou um reforço onde o trabalho com o Currículo do Estado de São Paulo (2010) estabeleceu-se com maior profundidade, como aponta Marco:

*[...] o cuidado com o currículo como um todo, eu acho que a gente conseguiu pensar em rede né, articulando com PCNPs... você fez parte disso... e brevemente né, junto com outros que também eram da área e, pensa também a rede estadual, a gente fez um diálogo, mas e... eu acredito que não foi possível colocar muito isso em prática né, a gente meio que estabeleceu alguns planos e metas e... e aquilo tava muito ainda num processo de maturação (Narrativa de Marco, 01/2020).*

Isso foi se desdobrando nas ações formativas, na capacitação destes docentes que não eram especialistas, o pensamento de como cada capacitação poderia ser desdobrada, pelo fato de não haver uma totalidade de PCNPs especialistas nas DERs, e também de professores atuantes na rede. Esse cenário remete um pouco uma reflexão proposta por António Nóvoa (1997), na qual a formação do professor não é algo cumulativo, mas se constitui a partir da

reflexão de suas ações, construção e reconstrução ao valorizar o “SABER DA EXPERIÊNCIA”, ou seja, o investimento na ação docente (práxis) como local (sala de aula) da produção do saber.

O Currículo do Estado de São Paulo (2010) ao ser trabalhado por um agente público, que antes de exercer essa função estava desempenhando o papel de professora ou professor, estabelece um outro olhar, o que fica perceptível na seguinte narrativa:

*[...] enquanto professor também vi uma potência... assim da hora de... de... desse currículo de aplicação mesmo, e inserção na... na... com os alunos, é lógico que uma remodelação acho que e... de forma geral e... era o que teria que ser feito uma adequação com a realidade de cada território e, enquanto fui professor fiz isso, na... na... enquanto técnico... na secretaria eu acho que... atuar pensando e revisando tanto os cadernos, quanto pensando uma revisão de currículo isso foi importante (Narrativa de Marco, 01/2020).*

É interessante perceber que esse tipo de identificação também acaba se desdobrando em relação ao debate da organização da grade curricular, na busca por uma condição mais adequada para colocar em prática esse currículo e seu potencial. A relevância sobre os aspectos citados nesta análise, demonstra que a narrativa forneceu não apenas esse material, mas também a reflexão no entrevistado da profundidade e significado do enredo no qual ele participou em momentos diferentes: primeiro como professor recém efetivado na rede que estava conhecendo o material em sala de aula; como agente público incumbido de estudar e fomentar as formações; e posteriormente, novamente como professor, compreendendo os pontos fortes que podem ser desenvolvidos na aprendizagem.

#### **4.1.2 Organização da grade curricular**

O retorno da Sociologia a educação básica gerou uma polêmica em torno de como seria organizada a grade curricular, como seria estabelecido o espaço, quais componentes teriam sua grade reduzida, quantas aulas seriam disponibilizadas para o novo elemento posto no Currículo, como bem lembra Juliana:

*[...] a entrada da Sociologia no currículo em 2009 significou uma redução e... de aulas de história e geografia, me parece que eles tinham 3 horas/aula e passaram a ter 2 né, então dentro dessa estrutura burocrática da secretaria da educação já começa... foi o primeiro lugar que eu senti na pele... o que é um conflito por espaço dentro do currículo né, ou seja, a minha chegada representando uma disciplina nova no currículo, que ia tirar aulas de história e de geografia, foi super mal recebida, muito mal recebida né? Inicialmente pelos meus colegas, os meus pares da equipe de ciências humanas, ao longo do tempo eu consegui estabelecer uma relação mais harmônica né, mas inicialmente ninguém via com bons olhos a presença da Sociologia né, e nem a minha presença lá, eu personificava a disciplina que eles não queriam porque tirou horas/aula dos professores de história e de geografia (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

Pensar não apenas o currículo, mas a organização da grade curricular, mostra que a disputa existe até mesmo como forma de mostrar os embates por esse espaço citado por Juliana, nisso se perde inicialmente a possibilidade de agregar saberes, oferecer uma aprendizagem mais ampla. Isso demonstra, que para garantir de fato a implementação da Sociologia, eram necessários outros enfrentamentos, os quais vão além da parte legal, tais como estabelecer uma legitimidade tanto entre os pares dentro da rede e, posteriormente junto a comunidade escolar e aos alunos.

Na narrativa de César Silva, lembrando de sua participação no Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB) enquanto professor, mas ainda como representante da SEE-SP, foi possível evidenciar que o Estado de São Paulo protelou muito o debate sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio, principalmente por ser o último a concretizar essa implementação gerando alguns questionamentos:

*[...] inquietações né, mas por quê? porque que vocês não aprovaram? quais foram as resistências? né? Qual foi o papel do Conselho Estadual de Educação nisso? e... em refrear essa recomendação do... do MEC? Sabe, e... nós aí ficávamos de certa forma atados porque... a gente não tinha como responder por um processo que se deu em 2008 2009 né, no entanto a gente sabia o peso disso assim, e... eu eu acredito que isso fez com que toda a formação se atrasasse né, o entendimento do currículo demorasse mais, a recusa até mesmo de... da rede né, dos professores que iam trabalhar aquele currículo, a... muitas vezes a gente e... entendeu que foi por conta dessa recusa institucional em... implementar Sociologia... né, isso deu pra sentir um pouco nesse encontro, nesse... o ENESEB ele precede o... a reunião da SBS, não sei se ainda hoje né, mas naquele ano foi assim (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Neste cenário, tal como apresentei, no Capítulo 1, nas Figuras de 2 a 4 com os quadros de organização da grade curricular, a Sociologia, apesar de ser colocada nas três séries do Ensino Médio, contava apenas com uma aula por semana. Essa situação, no período de 2009 a 2011, acabava contribuindo para uma certa fragilidade do componente, sendo algo novo, com pouca credibilidade nos diferentes níveis da hierarquia, sendo visto negativamente por ter influenciado na grade curricular e, conseqüentemente, na jornada de trabalho de professoras e professores.

Utilizando a reflexão de Ileizi Silva (2010), houve, por parte da maioria dos estados, ações direcionadas para organizar a grade curricular, elaborar materiais didáticos e materiais de apoio para os professores. Essas produções passaram a movimentar pessoas dentro da academia em outros Estados, nas escolas e na parte técnica das redes estaduais, sendo o foco as Ciências Sociais/Sociologia com uma linguagem voltada para jovens e adultos matriculados na educação básica. Todo esse processo, além de ser às pressas de 2008 para 2009, por conta da obrigatoriedade, foi tardio em São Paulo, como destaca Rodrigo em um trecho de sua narrativa:



*[...] a obrigatoriedade de Sociologia no Ensino Médio, a dificuldade que foi a implementação da Sociologia no estado de São Paulo, que demorou um bom tempo né, e... e... (pensa novamente) um processo muito curto que não permitiu, digamos assim, um amadurecimento, inclusive um... um balanço, de fato que significou, o que significa essa disciplina no currículo, quais são suas contribuições, e... pra um cenário que, dada todas as coisas reacionárias que estavam colocadas (Narrativa de Rodrigo Oliveira, 02/2020)*

O amadurecimento foi ocorrendo com o componente já posto na rede, sem uma ação gradual capaz de amenizar os conflitos mencionados por Juliana, ao assumir sua função na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP). Essa maturação seria parte do processo de busca pelo ajuste na grade curricular, garantindo possibilidades pedagógicas para realizar adequadamente o desenvolvimento das habilidades e competências recomendados pelo Currículo.

O embate para realização de duas aulas semanais nas turmas foi um passo importante na ação dos agentes públicos envolvidos, que no debate conseguiram demonstrar tecnicamente essa necessidade na ação pedagógica, principalmente por ouvir os profissionais da rede. César lembra que

*[...] uma das discussões que a gente fez a partir disso era da necessidade já trazida pelos professores no encontro estadual do ensino de Sociologia de ampliação pra duas hora aulas, e não mais uma, então essa foi a bandeira que a gente levantou em 2019 [o entrevistado se confunde com os anos, nesse caso foi entre 2010 e 2012] (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Ao levantar essa demanda, foi possível ter mais argumentos para embasar o posicionamento técnico em relação a mudança na grade curricular, este foi um dos pontos considerados por César como uma conquista importante:

*[...] o fato de ter duas aulas já auxiliava nesse processo e... quando a gente e... consegue essa mudança na... na matriz curricular, você tem professores que conseguiram ajustar melhor né, a sua forma de dar aula, ajustar melhor o uso, do material didático proporcionado, né? (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

O embate pelo espaço na grade curricular, além de ser algo construído a partir de uma demanda real da rede, mostra como é necessário um diálogo com os profissionais que estão na escola. Outro ponto importante a ser destacado é a importância do agente público ser também um professor ou professora para compreender a questão pedagógica de ter um tempo adequado para realizar a proposta das práticas ao utilizarem os princípios epistemológicos de desnaturalização e estranhamento, oferecendo, além do exercício de observação do ambiente escolar, a possibilidade de indicar a partir das várias percepções como o cotidiano direciona o comportamento dos sujeitos.

## **4.2 Agrupamento 2: Formação, PCNPs, professores**

Este agrupamento concentra os elementos e sujeitos que compõem o conjunto de práticas direcionadas à capacitação. Neste sentido, pude encontrar nas narrativas muitos pontos comuns que acabam remetendo a atividades e sujeitos envolvidos com atividades continuadas na capacitação dos professores, na disseminação de levantamentos necessários para compreender qual perfil dos docentes. A fragmentação e falta de continuidade na educação básica é apenas um gatilho que contribui para dar início a reflexão, além de ser necessário conhecer o contexto histórico herdado.

Ajuda-nos, ainda, a conscientizarmo-nos de nossas origens, percebendo que fazemos parte de uma história maior e que temos pontos de partida para a continuidade do processo de consolidação da disciplina nos currículos e nos projetos político-pedagógicos. Imaginamos ainda que pensar sobre nosso movimento e marcos ao longo da história potencializa nosso repertório de explicações sobre nossa ciência/disciplina diante dos alunos da educação básica. Com esse espírito e motivação trazemos uma possibilidade, entre tantas outras, de pensar a trajetória das Ciências Sociais/Sociologia no sistema de ensino brasileiro (SILVA, 2010, p. 15).

Um ponto chave na função dos agentes públicos de Sociologia é a formação continuada dos docentes, sendo não apenas um complemento à graduação, mas um meio pelo qual possibilita mostrar ao profissional que ingressa na rede entender como a estrutura educacional funciona, quais são os recursos disponíveis, como acessá-los, e quais são as condições para adaptação a sua realidade escolar. A princípio busquei compreender, a partir de uma cronologia, como o acontecimento de vários fatos foram sendo desdobrados até momentos mais atuais, isso remete ao histórico apresentado inicialmente, e como a Sociologia se estabelece recentemente na educação básica de São Paulo.

### **4.2.1 Análise da Formação e histórico de algumas ações**

O caráter da formação segundo António Nóvoa (1997), desdobrado na capacitação de professores, deveria estimular uma cultura profissional e uma organização do ambiente educacional. A formação destes profissionais, em alguns momentos, destoa na articulação entre a formação e o projeto da escola, e esse contexto inviabiliza práticas mais aprofundadas. Por isso, para compreender melhor como isso se remete a inclusão da Sociologia na educação básica, é necessário retomar um pouco do seu histórico nos anos de 1990, onde ocorreram alguns estímulos à participação docente na elaboração de espaços para debater suas práticas, como relembra Juliana:

*[...] no início dos anos 90 existia uma equipe de Sociologia, na CENP, que desempenhava um trabalho muito importante... de formação continuada dos professores existia os estímulos de participação né, os encontros eram presenciais sempre aqui na João Ramalho né, e a cada trimestre os professores do estado inteiro se reuniam pra discutir suas práticas né, e uma equipe, tinha naquele período, uma equipe muito bem preparada composta de 3 professores da rede estadual, que contavam com uma assessoria de professores da universidade, a Maria Célia Paoli, acho que o Octavio Ianni, que davam um suporte mais teórico pra esse trabalho (Narrativa de Juliana 01/2020).*

As referidas ações acontecem antes da LDBEN de 1996, no momento de debate que antecede sua publicação, entretanto, foi um momento de grandes embates no que se remete a educação nacional, e, isso acaba refletindo também em São Paulo:

*[...] a crise digamos assim do ensino da Sociologia depois de... não foi nem 96, não foi nem com a LDB, antes disso em 92, 93 e... o governo de São Paulo já estava... considerando que a Sociologia não era mais importante né, ela entrou... ela tinha conquistado um espaço no currículo nas lutas pela democracia né, em 92, 93 já não existia tanto esta... preocupação, e... isso, quando o governo perde o interesse, pelo ensino da Sociologia né, e... uma das primeiras medidas foi... acabar com essa equipe de Sociologia que existia nos anos 90 (Narrativa de Juliana 01/2020).*

A ideia de mudança não carrega consigo uma continuidade daquilo que foi posto como inovador e é possível considerar essa influência devido ao contexto social estabelecido, no qual a busca pela continuidade sem mudanças inovadoras vai conservando a ordem social. Essa situação vivenciada por Juliana mostra um desdobramento drástico em relação a Sociologia onde:

*[...] o primeiro passo pra acabar com o ensino foi acabar com essa equipe né, isso em 92 eu diria que essa equipe acabou, 93 teve um novo concurso foi quando eu fui efetivada, quando eu me efetivei no estado né, e durante, de 93 até 2008... (dá um respiro e dá ênfase a informação) não... não existia uma equipe de Sociologia, não teve mais, eles nunca mais convocaram professores e... não existia nenhum tipo de trabalho voltado e... pra formação continuada dos professores da rede, levando-se em conta que ainda existia naquele período, mais de uma centena de professores efetivos do ensino de Sociologia e ela ainda tava presente na parte diversificada do currículo de muitas escolas (Narrativa de Juliana 01/2020).*

Durante esse período citado por Juliana, e principalmente após a LDBEN de 1996, a Sociologia e Filosofia ficam como parte diversificada, não havendo nenhuma menção a sua obrigatoriedade e, desta maneira, a formação docente se enfraquece ainda mais.

A partir das falas de Juliana, é perceptível sentir esse enfraquecimento da Sociologia, mas também a evidente lacuna deixada nas práticas formativas durante 15 anos. Quando assumiu inicialmente a função técnica responsável pelo componente em 2008, devido a Lei 11.684/2008, Juliana assumiu uma função burocrática, na então conhecida CENP, e, ao tratar com a coordenação recebe a seguinte orientação: “se trata de um cargo de confiança do governo, então você fique nesse cargo enquanto você considerar e... que a política educacional desse governo tem que dar certo, nós estamos investindo tudo pra isso”

(Narrativa de Juliana 01/2020). Essa foi a postura adotada para a educação durante a gestão do governador José Serra (PSDB). As ações formativas seriam retomadas efetivamente apenas algum tempo depois, a partir da gestão do governador Geraldo Alckmin (PSDB), em 2011.

As formações para a rede tiveram, então, um momento de muita abrangência. Ao verificar as narrativas é possível perceber como isso vem ocorrendo. Fica perceptível, pela fala de Juliana, que em 2008 não havia esse foco ou um entendimento suficiente para dar importância à capacitação profissional, pois se tratava de práticas apenas burocráticas. Porém, as coisas começam a caminhar com a elaboração da Proposta Curricular (2009) e, posteriormente a implementação do Currículo do Estado de São Paulo (2010) e, conseqüentemente, com uma mudança de concepção sobre o que viria a ser a educação. Num cenário de transição de governo ocorreram algumas mudanças internamente na SEE-SP: a CENP passa ser CGEB, abrindo espaço para a chamada de professoras e professores, que tinham interesse em atuar como responsáveis pelos componentes curriculares, como lembra Jorge:

*[...] era uma coordenadoria nova que aí assim eu cheguei todo mundo de certo modo tava também aprendendo, porque como se tratava de uma coordenadoria nova mudou a ótica de trabalho né, então assim havia uma outra forma de se trabalhar e aí houve essa reestruturação da secretaria que trouxe as coordenadorias né, separando a formação que é a EFAP, da da parte que a gente atuava que era a... prospectar o currículo, propor a política curricular e fazer né, essa implementação de materiais didáticos (Narrativa de Jorge, 01/2020).*

O exercício da atividade técnica passa a focar na seleção e elaboração de materiais que pudessem dialogar com o Currículo do Estado de São Paulo (2010), a questão formativa começou a ser desenvolvida a partir de visitas às Diretorias de Ensino, isso culminando inicialmente para a equipe de ciências humanas:

*[...] ela culminou num seminário de ciências humanas na sede da... do Caetano de Campos né, lá foram acho que quatro dias e que... baseado nessas formações que a gente fez a gente trouxe aí sim discussões das ciências humanas, mas também disciplinares né... [...] e nessa... então assim... essa foi a... a política de formação principal, e... das ciências humanas (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Desta forma pode-se notar que o princípio da formação pedagógica que passaria a ser desempenhada por estes agentes públicos é oferecer a possibilidade de compreender a técnica para transpor não só o conhecimento científico para os níveis da educação básica, mas também demonstrar como o Currículo ou materiais de apoio como o *São Paulo Faz Escola* podem ser utilizados. Para Amaury Moraes (2003), a licenciatura deveria cumprir esse papel, ao estabelecer didáticas próprias para cada faixa etária, entretanto, por se tratar de um momento de transição na educação paulista, as ações formativas passaram a ganhar maior

destaque na rede, sendo não apenas um complemento, mas algo importante no contato direto com o professorado ou indireto por meio dos PCNPs.

Os agentes públicos que passaram pela equipe técnica de Sociologia, assim como as formações, segundo as narrativas, tiveram um momento de grande evidência, não apenas descaracterizando a função burocrática, mas dando o devido destaque e conquista de espaço, um quadro técnico com possibilidades de trabalho e respaldo nas decisões, como pontua Antonio:

*[...] acho que ter conseguido estruturar um pouco o que foi né essa implementação da sociologia nesse período de 2011 a 2015 que é onde eu tava trabalhando eu acho que foi... deu pra ver... assim a gente conseguiu perceber que teve algum resultado, teve algum impacto pelo menos na rede né... eu acho que... pra mim foi um momento que foi bastante e... marcante pra pensar o que que foi o resultado daquilo tudo, foi uma videoconferência que a gente fez que a gente articulou com os PCNPs que na época que você trabalhava na DE lá, que a gente tinha conseguiu articular com a convocação de professores né, participar na diretoria, isso acho que a gente tê conseguido mobilizar vai 400 professores da rede numa videoconferência, eu acho que isso é uma coisa... tipo mostra o resultado de algum trabalho que a gente tava desenvolvendo (Narrativa de Antonio, 01/2020).*

Com essa e outras ações foi possível testar os limites da burocracia, levantando demandas que estabeleceram até atritos com a hierarquia, por haver um diálogo com diferentes instâncias, esse respaldo mudou o patamar da Sociologia na rede, como bem complementa Marco:

*[...] foi acho que um período que a equipe técnica inflô né, conseguiu... conseguimos ter três representantes, e... da área né, o que é muito raro, pra... pro estado se você for ver as realidades de... de... de... dos PCNPs né, da... das diretorias de ensino, muitos as vezes nem são da... da área de ciências sociais, são de disciplinas aí dentro das ciências humanas, mas e... nesse período a gente conseguiu juntar os três e fazer essa potência pra... aproveitando esse... esse jogo aí que tava... em alta né? (Narrativa de Marco, 01/2020)*

Esse período de alta citado por Marco também incluiu a revisão dos materiais, o que podemos entender como um momento raro no histórico da Sociologia, havendo nessa potencialidade uma visão sobre o Currículo do Estado de São Paulo (2010), de como construí-lo junto a rede, sendo de fato um instrumento que fortaleceu o componente por oferecer uma melhor inserção dos temas junto aos estudantes e docentes que conseguiam realizar adequações a cada território.

Assim motivar o estudo ao Currículo e sua aplicação com uma equipe de três agentes públicos desempenhando atividades técnicas possibilitou a integração com outros componentes, bem como desempenhar formações interdisciplinares representou a ocupação de um espaço importante:

*[...] a vontade nossa era que fossemos percebidos, e aí a gente acabou participando também de encontros que eram integrados com todas as disciplinas e eu acho que isso com o passar do tempo a gente foi meio que tentando fazer esse trabalho mais*

*interdisciplinar possível né, dialogando com o pessoal das demais disciplinas, até de matemática a gente chegou fazer OT né, porque a sociologia trabalha bastante essa questão de estatística, então, assim a gente tentava dialogar com todo mundo [...] (Narrativa de Jorge, 01/2020).*

No início da pesquisa, ao estabelecer hipóteses para pensar a variedade de resultados das ações desenvolvidas e como toda essa cronologia foi sendo estabelecida, e agora alinhadas às narrativas acabam mostrando como o resultado dos trabalhos desenvolvidos entre 2008 e 2017, o quanto a Sociologia foi sendo debatida na rede, e usando a linha de pensamento de Max Weber (2011), a conjectura dos agentes públicos não era evidente, justamente por estarem inseridos na ação cotidiana. Retomando os áudios, ouvindo essas falas, pude notar o quanto as ações foram relevantes e perceptíveis na junção de pontos comuns das narrativas.

Da mesma forma que houve esse crescimento, com o tempo acabou também havendo uma redução, conforme a equipe foi se modificando, por exemplo com a saída de Antonio e Marco e, posteriormente, com a entrada de Tatiana, o que acabou acontecendo a partir de 2015. Temos, nesse ínterim, a reeleição de Geraldo Alckmin (PSDB), em 2014, determinando uma nova organização da SEE-SP, estabelecendo apenas a manutenção do que já estava posto na rede, diminuindo o contato dos agentes públicos, conforme afirma Tatiana: “*A minha percepção foi que o período que eu atuei, foi um período mais de manutenção, é um período que a gente não tinha muita verba pra conseguir desenvolver projetos de formação de professores*” (Narrativa de Tatiana, 01/2020). Entre 2015 a 2017 isso foi sendo intensificado, e com a saída de Jorge e Tatiana, no fim de 2016, houve uma breve lacuna, superada apenas um tempo depois, já em 2017, com a chegada de Rodrigo Oliveira, que aparentemente encontrou um momento similar ao vivenciado por Juliana entre 2008 e 2009, por haver uma orientação direcionada para exercer a função de forma mais consistente, mais personificada:

*[...] a gente tinha uma orientação muito clara... da impossibilidade de fazer muitas coisa pra... pra área ou.... pra qualquer política pública né, desde formação de professores, então, formação de professores... formação e... dos PCNPs e... das equipes das diretorias de ensino que é era também uma responsabilidade que o órgão central tinha né, e... isso tudo ficou muito paralisado, então, eu me recordo quando logo que eu cheguei, eu tentei me situar e saber qual era o cenário... (Narrativa de Rodrigo, 02/2020).*

Em 2017 o contexto de mudança foi a construção de um novo Ensino Médio, gerando embates internos, principalmente pela concentração nas áreas e contingenciamento, que trouxe novamente uma inquietação pela defesa da Sociologia. A elaboração do novo material flerta com a possível retirada, sendo desta forma não mais ações de manutenção, mas de defesa, caracterizando-se num espaço muito curto para concluir quais são os impactos na rede.

#### 4.2.2 Diálogos com os PCNPs

A relação dos agentes públicos com seus interlocutores nas DERs foi também um ponto importante na produção de todo o trabalho técnico da CGEB, mas principalmente no período de maior interlocução com a rede, pois em um primeiro momento, a ação era demandar para os PCNPs que deveriam replicar nas DERs as formações aos professores, como relata César Silva:

*[...] essa equipe [CGEB] teria que dar formações pros PCNPs nos... nos núcleos pedagógicos, na época chamados de oficinas pedagógicas e... mas um texto genérico das ciências humanas, e não evocando tanto a especificidade da disciplina né, o que me pareceu estranho porque enfim né, e... agora que a gente tava com uma equipe... formadinho digamos assim, a gente tratou de modo mais generalista (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Este primeiro contato com foco nas formações regionais se apresentou muito vago, entretanto foi um primeiro contato que vai mais adiante garantindo uma melhor percepção de como a Sociologia estava representada nas diferentes localidades atendidas pela rede e seus órgãos descentralizados entre 2011 e 2012. Inicialmente esse diálogo foi sendo estabelecido, tanto por César como por Antonio, ficando evidente na seguinte narrativa:

*[...] foi uma coisa que como técnico a gente, quando a gente entrou principalmente eu e o César que a gente tava lá no começo né, primeiro o César depois eu entrei logo em seguida foi e... esse ponto de... da questão de formação dos professores e dos PCNPs né, PCOP, PCNP que na época houve uma alteração e... que quando a gente começou a trabalhar essa coisa da... da formação do PCNP... de tentar atingir o professor lá da... na ponta que a gente entrou numa postura, no começo um pouco vamos dizer assim... bem radical né, de fazer a gente precisa forçar com que a rede incluía assim os professores de sociologia não fazer um remendo com os professores de outras áreas né, isso a gente queria replicar desde o PCNP (Narrativa de Antonio, 01/2020).*

Antonio, ao desempenhar sua função, se depara com a questão de estabelecer adaptações, as quais também passam a ocorrer conforme os questionamentos sobre o que está sendo realizado – para Max Weber (2011), às indagações enriquecem e contribuem para o avanço no trabalho, seja por quem iniciou ou quem está realizando a continuidade da ação. A racionalização das atividades mostra a proximidade com a técnica, que pode oferecer a possibilidade de desenvolver os conhecimentos necessários para realizar as atividades ou ações necessárias para o exercício enquanto agente público desempenhando a função técnica na SEE-SP. A postura de racionalizar significa, então, buscar condições mais adequadas para cada definição a ser tomada, isso dentro do contexto estabelecido, e a partir das definições e normatizações estabelecidas.

Um dos passos seguintes a esse contato com os PCNPs foi a percepção destacada na narrativa de Jorge ao conhecer o panorama da rede atuando junto com Antônio:

*[...] a menor parte das diretorias na nossa época, acho que menos que 10 diretorias havia um PCNP específico, menos que 10, acho que 4 ou 5 né, havia que cuidava especificamente de sociologia, então meio que assim a gente tinha essa dificuldade, a gente formava fazia essa orientação técnica trabalhava a implementação do currículo e o trabalho com os materiais didáticos, mas acabava não não chegando muito até o professor, porque o profissional da sociologia que estava até conseguia fazer replicar isso fazer, mas outros não tinha a mesma digamos assim, a mesma.... (pensou um pouco) como posso dizer... não aderiu a... a importância de se trabalhar a formação dos professores em sala de aula, pra que essa formação chegasse até os professores (Narrativa de Jorge, 01/2020).*

Apesar de ser um período muito frutífero das atividades dessa equipe de Sociologia, com três profissionais atuando, o trabalho junto aos PCNPs era muito árduo, pois havia a ausência destes formadores nas DERs, e essa lacuna tinha distintas variáveis, como: poucos professores formados em Ciências Sociais em algumas regiões, a jornada de 40h semanais, profissionais que acumulavam cargo, e até mesmo o desconhecimento da existência dessa função. A crítica defendia a integração da Sociologia como componente curricular no núcleo regular do Currículo do Estado de São Paulo (2010), sendo necessário a criação de propostas para conteúdos, além de métodos de ensino adequados para a educação básica, os jovens e o ambiente escolar que pudessem contemplar a juventude e adultos que passariam pelo Ensino Médio. Assim, é estabelecido um objetivo:

*[...] o objetivo nosso era fomentar esses PCNPs pra que eles conhecessem essas ferramentas da sociologia né, e... conhecessem essas orientações haviam já construída pra sociologia né, e... as concepções metodológicas que havia de currículo para esses professores usar né, então a gente tinha essa concepção da... da... do estranhamento, da desnaturalização, da construção do olhar sociológico né, e... da imaginação sociológica, eram concepções que tavam... que tavam nos documentos né, então assim a gente tinha o dever de tá... de tá mostrando essa perspectiva metodológica para... para esses professores, já que... em sua maioria não eram formados em... em sociologia, então essa era uma dificuldade (Narrativa de Jorge, 01/2020).*

É necessário reconhecer as vantagens técnicas que se estabelecem em qualquer ambiente de trabalho, mesmo havendo características burocráticas do contexto capitalista, a estrutura vai sendo modificada, não devido às leis, mas a partir da cooperação humana, especialmente dentro de determinadas concepções de interlocução que se estabeleceram entre os agentes públicos da CGEB e os PCNPs nas DERs. A parceria explicando a necessidade de utilizar expressões sociológicas mesmo em um contexto técnico direcionam as demandas do trabalho e ações direcionadas para possivelmente estruturar como determinados materiais podem auxiliar e se constituírem como uma provável colaboração na realidade de sala de aula.

O contato constante foi sendo fomentado pelas formações dos PCNPs, mas também acabaram dando espaço para novas estruturas de escuta em relação à rede. Estabelecer um diálogo onde o trabalho com a realidade das escolas pudesse ecoar, fez com que houvesse uma maior atenção ao componente, e um desdobramento disso foi a maior aceitação da equipe



de Sociologia por parte dos PCNPs. No entanto, não foi possível ao longo desta pesquisa mensurar o alcance das ações em relação a professoras e professores, até mesmo por haver, de certa forma, uma limitação destes agentes chegarem a todas as escolas e assim, temos um distanciamento entre as duas pontas, SEE-SP e escola, mas essa interlocução com as DERs foi algo interessante de perceber que de fato aconteceu.

Esse diálogo estabelecido com os PCNPs, mesmo não sendo na sua maioria específicos de Sociologia, possibilitou ainda assim muitas atividades importantes, como encontros regionais, orientações técnicas, videoconferências e pareceres falando da importância do componente na educação básica.

*[...] Então assim havia esse diálogo, havia esse contato, então a gente inaugurou uma outra forma que era assim, não só vir de cima para baixo né, não é só a demanda, não é só a secretaria que ia pauta né, então a gente passou a consulta... esses professores através de seus PCNPs, criamos então ferramentas on-line pra fazer esse diagnóstico, criamos grupos de e-mail, e... criamos depois grupos de Whatsapp, então assim, a ideia era que a informação circulasse e que a gente acolhesse essas demandas e... dos... PCNPs (Narrativa de Jorge, 01/2020).*

Mesmo havendo um contingente pequeno de PCNPs de Sociologia, o propósito dos agentes públicos era de estimular e fomentar o entendimento da Sociologia na rede. De modo que foi importante delimitar quais funções ao ensino deste componente curricular assumem a educação básica, desenvolver possibilidades de aprendizagem referentes às condições da vida social, e, como Florestan Fernandes (1955) menciona propor “uma civilização em mudança”. As referidas mudanças também podem ser encaradas pela Sociologia, assumindo que é possível realizar mudanças conjuntamente com outros componentes curriculares e, assim, oferecer um leque considerável de diálogo entre distintas áreas do conhecimento, levando em consideração que vivemos em uma sociedade cada vez mais complexa.

### **4.3 Agrupamento 3: São Paulo Faz Escola, material, cadernos**

A produção de material pedagógico, produzido por especialistas, vêm contribuindo para ampliar e adaptar o olhar sociológico para educação básica, mostrando também um crescimento na atuação de licenciados atuando no ensino médio, e, ainda, um possível interesse e ampliação nos cursos de licenciaturas,

*[...] no que concerne à motivação material dos alunos, que procuram essas Faculdades porque pretendem dedicar-se ao exercício do magistério secundário e normal [ensino médio]. Tais interesses são naturalmente legítimos. Nas condições brasileiras, é quase impossível estimular o progresso das pesquisas sociológicas sem que se criem perspectivas de aproveitamento real de mão de obra especializada (FERNANDES, 1955, p. 89).*

Pensar os costumes e tradições, o funcionamento do consciente e inconsciente, existente nos processos sociais, racionalizando determinadas práticas, seja do senso comum, ou até mesmo atitudes inconscientes dos sujeitos envolvidos é característico das Ciências Humanas. Nas Ciências Sociais não há um consenso em relação a determinados conceitos e metodologias. Temos autores que discordam totalmente um do outro, por isso na constituição do *São Paulo Faz Escola*<sup>22</sup> optou-se em estabelecer uma introdução que pudesse proporcionar uma reflexão, ao invés de um debate mais requintado, deixando as situações de aprendizagem mais apropriadas. A Sociologia enquanto ciência não estabelece algo homogêneo ou determinante, o que é equivalente aos fenômenos estudados, conforme eles podem ser analisados. Ainda atrelado a essas divergências temos os estereótipos e os preconceitos em relação a Ciências Sociais, gerados pela falta de informação, muitos dos quais o professor de Sociologia terá que lidar em seu cotidiano na sala de aula.

Um dos questionamentos levantados pelos profissionais, foi justamente sobre o material oferecido pela SEE-SP para ser utilizado em sala de aula logo no retorno da Sociologia:

*[...] em 2009 e 2010 e... vivenciando esse currículo né, com o material do... os caderninhos de Sociologia né, e... e sentindo qual que é desse currículo, se rola, se não rola, eu já percebia que tinham coisas muito avançadas ali, e outras muito desconexas, do que a realidade da escola né, no Ensino Médio com uma aula de Sociologia por semana (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

No primeiro momento pontuado por César, havia essa discrepância das recomendações dos cadernos do aluno, que indicavam a quantidade de aulas para cada situação de aprendizagem, com a quantidade de aulas reais para cada turma. Essa situação tem uma explicação, como bem esclarece Juliana:

*[...] os cadernos eram feitos pela equipe da Professora Heloisa [de Souza Martins] né, foi... foi uma loucura fazer aqueles cadernos né, e... fizeram com uma grade, passaram uma grade horária, depois era outra, por isso que os cadernos do terceiro ano tinham tanto conteúdo né, e... o meu papel era fazer a leitura e identificar algum problema né, era uma equipe muito bem preparada, a equipe que a Professora Heloisa e... formou né, e... agora com um certo distanciamento do cotidiano escolar, da realidade escolar né, e... tinha algumas coisas que efetivamente e... e... (pensou um pouco) corriam risco de de... assim na minha avaliação, não dariam muito certo né, por exemplo no primeiro ano os alunos fazerem uma atividade de teatro na escola, poxa a realidade, meu conhecimento me demonstra que os alunos nessa idade tem um puta timidez, chegavam em escola nova isso não vai dar certo (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

Segundo Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), um problema que ficou evidente foi a proposta inicial, na qual a 1ª e 2ª série do Ensino Médio teriam apenas uma

---

<sup>22</sup> O São Paulo Faz Escola teve diversas denominações sendo a oficial: material de apoio, caderno do professor e/ou aluno; Popularmente denominado pela rede: caderninhos ou apostila.

única aula, enquanto a 3ª série teria duas aulas/semana, porém, na prática, todas as séries acabaram por ficar com uma aula semanal. Os desencontros na questão de qual seria a grade e a quantidade de aulas deixou o material destoando em relação ao tempo de uso para cada aula, onde era necessário adaptar ou até mesmo direcionar as atividades para serem feitas em casa, devido também ao pouco tempo para sua realização. Para desenvolver as habilidades propostas pelo currículo, os exercícios consistem no professor realizar uma sondagem para a partir dela desenvolver a situação de aprendizagem, ou seja, pensar sobre o assunto primeiramente e ir desenvolvendo ao longo das aulas seguintes,

[...] todo professor sabe que nunca é possível dar o número exato de minutos de uma aula, pois é preciso se deslocar de uma sala para outra, esperar os alunos acomodarem-se nas carteiras e fazer a chamada da lista de presença, entre outras ações nesse intervalo de tempo, sem contar o tempo da discussão ou exposição do conteúdo propriamente dito. Logo, o tempo efetivo da aula é bem menor que esses já escassos 50 minutos (SCHRIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 417).

Posto o desafio para o professor em compactar suas atividades nessa carga horária estabelecida, se fragiliza ainda mais o componente curricular já pouco conhecido e em todos os sentidos: metodologicamente, didaticamente e conceitualmente. Outro ponto, os cadernos mostram conceitos e definições, porém eles não deveriam ser considerados uma verdade absoluta, ficando a critério do professor levar em consideração as várias vertentes teóricas estabelecidas ao longo da história que vão se somando à construção da Sociologia.

#### **4.3.1 Incorporação do material pela rede e processo de revisão**

Ao longo do tempo o material foi sendo incorporado pela rede, e neste processo é possível considerar que, segundo Max Weber (2011), técnicos não criam formas de organização, mas a confiança na realização de determinados atos aprimora e caracteriza a ordem institucional. O exercício técnico na maior parte dos casos acaba adaptando determinadas demandas estipuladas pela rede, mesmo sendo indicada uma diretriz essas adaptações ou ajustes na implementação fazem a diferença ao longo de um tempo, os cadernos do *São Paulo Faz Escola* inicialmente não tinham tanta credibilidade por parte da rede, porém foi o meio de garantir a linguagem sociológica, como se faz ver com a fala de Juliana:

[...] essa foi uma coisa que eu senti de uma forma muito forte no início né, e... o trabalho na secretaria, nesse momento inicial em 2008 início de 2009 que foi o período que eu fiquei lá, ainda não tinha constituído um corpo de professores... que iriam ministrar essa disciplina, 2008 ainda, quando eu cheguei em 2008 era elaboração do currículo, a discussão do currículo, e... e o início da elaboração dos cadernos (Narrativa de Juliana, 01/2020).

Um desafio que contribuiu para a fragilização da Sociologia, nesse retorno em 2009, foi a falta de profissionais específicos para lecionar o componente na educação básica, e, como mencionado por Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011), essa implementação deveria ter ocorrido de maneira gradual. Na narrativa de César, ao relatar a situação vivenciada no ENESEB, o Estado de São Paulo foi o último a tomar essa atitude, isso seria também uma consequência de uma ação feita de última hora em detrimento de uma ausência na continuidade de uma política educacional.

Nesta brecha o impacto da incorporação do material pela rede teve um ponto positivo para a aprendizagem, conforme narra Juliana:

*Nesse sentido os cadernos foram muito importantes, se não esses professores dariam aula de qualquer coisa, você imagina um professor de educação física dando aula de Sociologia né, ele... vai... sei lá, discutir o que? né, então os cadernos serviram pra... pra... pra que a disciplina, pra que discussão sociológica chegasse na escola (Narrativa de Juliana, 01/2020).*

O *São Paulo Faz Escola* tem como referencial inicial a Proposta Curricular (2009) aprovada pela SEE-SP, mas cabe dar ênfase à fala das autoras: o material não é um livro didático, mas um instrumento, com um conjunto de atividades sugeridas que o professor pode ou não utilizar, adaptando e/ou utilizando integralmente, por isso teve o nome de Cadernos, mas popularmente conhecidos na rede como “apostilas”. Essas sugestões tiveram um cunho importante, “os primeiros professores estavam complementando carga horária das suas... de outras disciplinas, então tinha que ter algum referencial, por isso eu acho que os cadernos foram muito importantes” (Narrativa de Juliana, 01/2020).

Ao desenvolver a análise das narrativas e realizando a escuta frequente dos áudios das entrevistas, fica evidente a importância das apostilas na percepção dos agentes públicos ouvidos e o quanto esse material acabou contribuindo, sobretudo a partir de 2014, quando ganhou força ao passar pelo processo de revisão. Inicialmente eram quatro cadernos, sendo um para cada bimestre, tanto para o professor quanto para os alunos, após a revisão esses cadernos tornaram-se semestrais, e, cabe destacar, que em ambos os contextos eram aplicados a todos os anos e séries atendidos pela rede estadual de ensino.

Os passos iniciais dessa revisão acontecem de maneira um pouco mais contundente em relação ao seu tempo de realização, como conta César:

*[...] em 2012, o que que a gente vai se centra... a gente vai se centrar na revisão dos cadernos e... e é uma revisão no sentido mesmo não só das atividades, mas do conceito né e afetando diretamente o que era o currículo, a gente começa a discutir o currículo pra depois ir pros cadernos de atividade (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Importava apropriar-se do Currículo, estudar seus preceitos, rever e alinhar a definição do que deveria ser ensinado a cada bimestre, quais habilidades e competências deveriam ser contempladas nos momentos específicos de cada aprendizagem e se estas estavam adequadas.

Provavelmente por isso:

*[...] essa revisão, uma das primeiras ações que a gente fez... [...] foi uma entrevista com as pessoas que escreveram o currículo do estado de São Paulo né, a gente conseguiu marcar uma reunião a... na USP com a Professora Luiza Martins e com mais duas autoras e... que agora eu não me lembro o nome a... tinha mais um... um autor mas ele não pode estar presente, e na conversa com essas três autoras do... currículo e dos cadernos, uma coisa se colocou muito forte entre a gente (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

Foi a construção desse diálogo com os idealizadores que possibilitou aos agentes públicos compreender a funcionalidade de toda a estrutura, pensando o desafio de produzir um material que comportasse e pudesse atender uma rede totalmente diversa, como a rede do estado de São Paulo, na qual a heterogeneidade é sua principal característica, abrigando desde escolas urbanas, rurais, litorâneas, indígenas e quilombolas ao sistema prisional. Para minimamente contemplar essa diversidade, as atividades tinham como foco principal atender as demandas dos alunos, seguindo o proposto nas OCN (2006), partindo do aluno para o aluno. A preocupação das autoras sempre foi com os alunos, seguindo a linha de Paulo Freire, de estabelecer uma relação horizontal de aprendizagem, e a ideia dos cadernos vem para proporcionar a pesquisa, o diálogo e a leitura, por isso, o professor precisa construir junto com o aluno, o que torna o processo de aprendizagem muito mais significativo.

Assim, o esforço foi de estabelecer uma diretriz, capaz de contemplar a organização necessária para indicar as possibilidades de atualizar as apostilas, mas buscando ampliar o repertório para contemplar com maior facilidade a abrangência e diversidade da rede, como complementa César:

*[...] bom, a gente então conversou com as criadoras do currículo, depois nós convidamos especialistas pra e... alguém que se propusesse a repensar o currículo né, e por fim a gente começou uma revisão dos cadernos com os PCNPs, com aquele grupo de trabalho que inclusive você fez parte e... tentando primeiro ver o que tinha problema, o que os professores nas... nas escolas e... se queixavam, o que eles gostavam, que não dava certo né, trazendo isso pela ótica também colhida pelos PCNPs, acho que me lembro muito de que isso foi um encontro muito forte assim, da gente pensar, não é preciso realmente algumas mudanças, e... a gente não sabe exatamente como vai fazer, quem pode fazer, havia o fato de que a Fundação Vanzolini é quem iria a... executar as mudanças, mas que a gente proporia né, e no final das contas não foi muito por aí né? (Narrativa de César Silva, 01/2020).*

No entendimento dos agentes públicos, a participação de fundações e outras instituições parceiras nos documentos elaborados na SEE-SP já gerava um certo preconceito em relação ao material, além da divergência do material com a própria grade, como problematiza Antonio:

*[...] essa revisão, o material já era mal visto, então quando tem uma revisão não sei se isso se altera, vamos dizer assim... e mal visto em vários sentidos né, como a gente trabalhou nessa revisão, a gente sabe que são muitas das coisas e... do que tá no material de fato não se adequa, mas assim muitas vezes é uma resistência de um pré-conceito que os professores tem com o próprio material né, então acho que isso não daria pra avaliar assim, não sei se isso é o objetivo da pesquisa sua, e... isso não consigo acho que não teria um impacto assim que teve durante a minha participação na equipe de ciências humanas (Narrativa de Antonio, 01/2020).*

A percepção de professoras e professores na rede sobre o material se dá desta maneira por haver uma série de distorções que já foram elencadas anteriormente, mas também uma hipótese para complementar isso é a ideia de obrigatoriedade do uso do *São Paulo Faz Escola*, sendo que a proposta inicial era totalmente diferente. As autoras Stella Schrijnemaekers e Melissa Pimenta (2011) deixam evidente que o objetivo dos cadernos ou “apostilas” como são conhecidas é de complementar as ações pedagógicas, auxiliando na leitura, interpretação textual e escrita. As apostilas não são para engessar o trabalho do professor, então, sendo utilizadas sem um critério claro não vão contribuir para a aprendizagem, no entanto, pedagogicamente todo o material utilizado pelo professor precisa passar por adaptações para dar conta do cotidiano vivenciado.

Tendo essa premissa da adaptação ao longo de um tempo, e levando em conta o dia a dia das professoras e professores, as apostilas acabaram sendo um referencial para desenvolver o caráter introdutório estabelecido para a Sociologia na educação básica ao propor a desnaturalização e estranhamento, utilizando a percepção científica que pode a longo prazo desconstruir alguns pensamentos dominantes, como machismo, racismos e outras formas de preconceitos tão naturalizados. Entendo que mesmo no caso de docentes que assumiram as aulas sem formação específica, como já foi mencionado anteriormente, esses assuntos puderam chegar aos alunos, havendo a possibilidade de um aprofundamento maior quando a aula era realizada por alguém com a formação específica.

#### **4.4 Agrupamento 4: Reforma, Ensino Médio, BNCC**

Este agrupamento de análise está direcionado mais para o final do período estipulado no recorte da pesquisa, precisamente entre os anos de 2016 e 2017, momento no qual passa a ser debatida com maior ênfase a BNCC e a reforma do Ensino Médio. Ambos, além de serem realizados nacionalmente, também foram debatidos no contexto da SEE-SP, inicialmente com uma intensidade menor, depois mais consistentemente, à medida que o debate vai ganhando corpo e força. A princípio, é possível perceber que foi um momento em que começaram a limitar as convocações, havendo um distanciamento dos formatos anteriores de formações e

até mesmo de equipes, por se tratar de um contexto mais de manutenção, garantindo uma continuidade até a chegada de novas definições.

#### 4.4.1 Saindo da estabilidade para a reforma

Para garantir a chegada até esse patamar de estabilidade, é possível observar como o resultado do trabalho desempenhado por todos que passaram pela função de agente público responsável pelo componente curricular Sociologia contribuiu para o fortalecimento desse cenário, como bem se evidencia na fala de Marco:

*Acho que a Sociologia teve... uma importância, e uma visão de importância enquanto e... processo interno de discussão de grupo de trabalho quando se pensou inclusive a reforma do Ensino Médio nesse período a Sociologia foi importante pra pensar, uma estrutura dessa... dessa reformulação né, bem antes da... dessa... de emplacar mesmo essa reforma do Ensino Médio já se falava dentro lá, e a gente pensou, e a Sociologia teve um protagonismo nessa discussão, e aí eu também fiz parte dessa, fui um dos técnicos responsáveis por pensar isso, não foi pra frente por várias questões políticas né (Narrativa de Marco, 01/2020).*

Um das questões que passa a rondar, tanto com a criação da BNCC quanto com a reforma do Ensino Médio, é que a Sociologia deixaria de ser obrigatória ou seria retirada novamente do currículo. Colocar ou retirar a Sociologia da grade curricular da educação básica acaba entrando no mesmo bojo de dilemas relacionados a qualquer tipo de proposta para mudar e/ou trazer alguma inovação na estrutura da educação básica, principalmente ligado ao Ensino Médio.

Nesse cenário, a Sociologia entra novamente no campo de disputa de um embate mais político, com um pano de fundo mais conservador. Essa inclusive é uma hipótese levantada na fala de Rodrigo:

*Bom, acho que eu tenho que situar você novamente, deixa eu pegar aqui... de 30 de maio até 3 de 10 de 2017. 2017 é um período... bastante delicado pra... pra educação, como tantos outros né, e... delicado... especialmente pra Sociologia porque está em meio às reformas do Ensino Médio, então não vou conseguir precisar, e... se... eu não tô esquecido foi em 2017 a reforma do Ensino Médio, 2017 a reforma do Ensino Médio, ali no contexto do governo Michel Temer (Narrativa de Rodrigo Oliveira, 02/2020).*

Nesse ínterim da reforma, da promulgação da BNCC e das novas diretrizes para o Ensino Médio, houve esse espaçamento das ações formativas entre 2016 e 2017, e a SEE-SP não realizou formações presenciais, apenas cursos autoinstrucionais sem tutoria, interação ou mediação. Em relação a utilização do material *São Paulo Faz Escola*, este passou por modificações. Primeiro foi retirado de circulação para passar por uma nova atualização, se tornando um material de transição num primeiro momento, para, posteriormente, ser

distribuído como um novo material complementar ao novo currículo, que seria elaborado a partir da BNCC e da nova legislação do Ensino Médio. Neste momento surgem vários questionamentos sobre o papel das Ciências Humanas e da possível organização apenas por áreas do conhecimento, tudo isso atrelado aos resquícios de conflitos gerados pela própria reorganização.

*A gente pegou aquela fase da greve dos estudantes né, que o secretário e o governador queriam fazer a reorganização das escolas, então eu acho que isso também foi muito marcante de ver, o quanto naquele momento a secretaria teve que retroceder porque viu a atuação forte dos estudantes né, e muita gente naquele momento já atrelava de alguma forma a presença da Sociologia no ensino médio também né, claro que isso não era falado, não era declarado, mas eu acho que, eu que tava ali no currículo de Sociologia e outros colegas da área de ciências humanas a gente comentava sobre isso (Narrativa de Tatiana, 01/2020).*

A hipótese estabelecida por Tatiana não é algo evidente ou de fácil comprovação, entretanto, a partir dos desdobramentos das ocupações houve o crescimento de um posicionamento conservador apresentado em ações e projetos de lei para retomar disciplinas oferecidas durante períodos não democráticos. Podemos perceber daí as múltiplas transformações nas relações sociais e as divergências da realidade na qual todos estão inseridos, levando em consideração, também, o contexto histórico herdado, bem como a maneira como isso está sendo desdobrado contemporaneamente, mas ainda cabe salientar que a estrutura burocrática não mudou muito.

*[...] a gente ficava ali cumprindo muitos protocolos, respondendo e-mails, projeto de lei que chegava toda semana de vereador de deputado querendo incluir educação moral e cívica, então eu já percebi que naquele momento existia já um movimento bem conservador assim né, nas entrelinhas ali que já tava começando a se manifestar e via a Sociologia como culpada entre aspas por uma movimentação nas escolas públicas (Narrativa de Tatiana, 01/2020).*

O trabalho qualificado e organizado ainda enfrenta muitos desafios diante da estrutura burocrática, que geralmente tende a deixar algumas atividades mais morosas, mas também é necessário organizar minimamente um fluxo das demandas, além de lidar com a parte mais administrativa e em certos momentos com ações mais direcionadas ao interesse político. Isso é uma parte do trabalho e uma constante nas atividades desenvolvidas pela equipe técnica é conviver com o embate dos interesses e atuações políticas, muitas das quais não seguem o fluxo corretamente, gerando desgastes e desencontros, como por exemplo, consultar a parte técnica somente depois de ações já realizadas ou eventos divulgados.

Em 2017, a reforma do Ensino Médio e a construção da BNCC trouxeram à tona novamente o cenário de disputa pelo espaço na grade curricular, como foi citado por Juliana na sua narrativa ao me contar sobre sua chegada na equipe curricular em 2008. Aqui, mais uma vez, se instaura a possibilidade de retirada de alguns componentes da grade, até mesmo



por não haver um entendimento claro do que viriam a ser os itinerários formativos na composição do novo Currículo.

*Então, vai ser um momento muito delicado porque esta se discutindo né, e... para o Ensino Médio também o lugar da Sociologia, o lugar das ciências humanas, a discussão sobre os itinerários formativos, a possibilidade de um novo Ensino Médio, em que o Ensino Médio também implicaria algum tipo de escolha desse percurso formativo para os estudantes, ou concentração em ciências humanas, ou concentração em ciências da natureza, ou linguagens e... é o momento que por exemplo, e... vai ser revogado aquele dispositivo que foi incluído na LDB, sobre a obrigatoriedade de Sociologia e Filosofia (Narrativa de Rodrigo Oliveira, 02/2020).*

O ensino de Sociologia na educação básica passa a ser um assunto mais recorrente nos debates sobre educação, pois era algo inexistente até então. Nesse momento, entra na pauta e vai ganhando força num contexto mais construtivo para a área de humanas, e para os debates sobre reformas no Ensino Médio, que não propunham uma mudança profunda neste segmento da educação básica, conforme Amaury Moraes (2003). As reformas apenas estabelecem a continuidade citada por Florestan Fernandes (1955), no chamado “ensino aquisitivo”, permanecendo como herança a postura ainda colocada no presente, que questiona a credibilidade do ensino de Sociologia, indagando se é relevante, se é significativo ou até mesmo tendencioso para aqueles que estabelecem críticas a sua permanência na educação básica.

Atualmente, em meio a crescente onda conservadora que tomou o país, vemos os paradoxos que se impõem ao ensino da Sociologia na educação básica, seja enfrentando a influência de uma época sombria de nossa história, em movimentos que tentam resgatar sob uma nova roupagem elementos como moral e cívica para o Ensino Médio, seja combatendo a influência da velha mentalidade educacional originária de grupos sociais que buscam sustentar determinadas tradições de instituições sociais mais conservadoras, como o comportamento de origem religiosa, onde não há espaços para questionamentos.

Vê-se, ecoando ao fundo, que a educação sem produzir reflexão simplesmente se mantém, por exemplo, através de métodos avaliativos e instrumentos de avaliação que se impõem como meios transitórios equivocados, a partir de determinadas tradições em um sistema arcaico, como menciona Florestan Fernandes (1955), que pode resultar no desdobramento de uma formação deficitária.

Isso demonstra o quanto qualquer possibilidade de mudança traz consigo pontos e situações que debatidas possibilitam o encaixe de uma nova roupagem para posturas conservadoras em ambientes que propõem um enquadramento ou neutralidade da aprendizagem.

*A gente chegou a conversar antes das Escolas sem Partido, a... o policiamento diante do professor e da política, dando a entender que não há educação, não existe educação politicamente neutra, educação é uma tomada de posição, não é? É necessário tomar uma posição pra ter uma política educacional e esse limbo né, e... esse discurso que vai virando força, Escola sem Partido, e... policiamento do professor, a... discussão sobre quantidade de disciplinas, reforma do Ensino Médio, Base Nacional Curricular Comum, tudo isso foi um cenário que foi pondo uma perspectiva reativa, ou defensiva, eu diria, melhor! Defensiva para manter aquilo que, ainda que precário, capenga né, precisava avançar (Narrativa de Rodrigo Oliveira, 02/2020).*

Divergências e pontos de vista opostos devem sempre existir, entretanto crer na redução ou não dar credibilidade ao conhecimento científico sem um fundamento teórico coeso, torna apenas a reprodução de uma opinião particular, ignorando a importância de oferecer o conhecimento para qualquer pessoa. Mesmo, o Currículo estando envolto em debates e as reformas educacionais se constituírem em espaços de disputa, o Estado Moderno ainda é detentor da força administrativa, dispondo dos meios e estrutura política, onde a gestão vai centralizando sua organização, que conta com uma direção administrativa, constituída por funcionários e trabalhadores burocráticos, ambos fazendo parte da gestão.

A organização das atividades dos agentes públicos também pode ser considerada como um exercício político, direcionado para a esfera educacional. Segundo Max Weber (2011), no entendimento sobre manifestações políticas, algumas ações são direcionadas, seja para determinados conselhos, ou até mesmo para órgãos técnicos. Neste quesito, a credibilidade do agente público acaba pesando em relação a visões particulares de determinados grupos, por ser responsável em delimitar o que pode ser desenvolvido enquanto política pública, por isso:

*[...] a secretaria tinha seus programas, ela demandava pro técnico de Sociologia, mas também pra área, então era uma coisa muito de área, e eu vivenciei isso muito forte, porque era o debate sobre a área, não tem como não discutir isso... porque o que se discutia naquele momento era, uma educação, que se formaria Ensino Médio que se formaria em área... era possibilidade colocada inclusive, de acabar com as disciplinas né, formação de área, então professor de área inclusive (dá ênfase na fala), era uma coisa que se colocava francamente, literalmente um professor, pensa em uma nova estratégia de formação de um professor que desse conta de uma área de ciências humanas, não ter mais disciplina de História, Geografia, Sociologia e Geografia né, mas um professor de área (Narrativa de Rodrigo Oliveira, 02/2020).*

A reformulação do Ensino Médio em São Paulo até o fim dessa pesquisa ainda estava em debate dentro da SEE-SP para definir como se constituirá a grade curricular, o estabelecimento dos itinerários formativos, e um novo direcionamento para o Currículo Paulista, com uma quantidade mais abrangente de habilidades.

*Então foram embates de disputa mesmo de posição, o que que significa isso que vocês estão querendo dizer? Que tipo de orientação nós vamos ter aqui, internamente quanto secretaria de estado? e... em relação a esse aspecto, pra onde caminha a Sociologia, eram questões que a gente se debatia naquele momento, que a gente encontrava naquele momento, e... não sei se eu tô sendo organizado, mas*

*isso me recorda um outro aspecto, por exemplo, no bojo disso tudo se a gente observar as perdas né, sem consulta a equipe técnica, e de uma perspectiva muito autoritária, de uma perspectiva muito vertical, e... reformas já estavam ocorrendo, Educação de Jovens e Adultos é um exemplo, só pra você ter dimensão dos embates internos que significava permanência ou não de Sociologia (Narrativa de Rodrigo Oliveira, 02/2020).*

A parte correspondente às mudanças estão previstas para se iniciarem em 2021 já na 1ª série, por área de conhecimento, cabe questionar se o direcionamento da BNCC e o novo Ensino Médio vão contemplar as exigências da vida social, enquanto instrumento de aprendizagem. A complexidade das relações sociais contemporâneas além de fomentar o viés científico também vem estimulando um olhar sobre atividades pedagógicas, didáticas, pertinentes aos sistemas escolares, ganhando um espaço considerável, além de dialogar de maneira abrangente, cabendo a política educacional fomentar tais práticas.

O contexto de mudança demonstra que a estabilidade em realizar formações, dialogar com a rede, garantir a manutenção e uso do material ficou em um determinado momento e novos desafios estavam surgindo, tanto pela reformulação do segmento Ensino Médio quanto pelo contexto político. Para Weber (2011), às indagações enriquecem e contribuem para o avanço no trabalho seja por quem iniciou ou está realizando a continuidade da ação. A presença do agente público responsável pela Sociologia exercendo sua função mostra o quanto este é importante para estabelecer adaptações que também passam a ocorrer, conforme os questionamentos sobre o que está sendo realizado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Já estou entendendo  
Não devo mais nada”  
BaianaSystem*

Ao longo da pesquisa foi possível perceber os diferentes meandros e contextos que a Sociologia teve de tramitar para consolidar-se como um componente curricular da educação básica em âmbito nacional. Sua trajetória de idas e vindas, brevemente apresentada no contexto nacional, e posteriormente direcionada ao contexto do estado de São Paulo, demonstra como sua implementação efetiva na escola ficava a cargo da interpretação da legislação vigente, principalmente por não ser parte integrante da grande, sendo atribuída em muitos momentos no contexto legal, como parte diversificada do currículo, além da influência do contexto político no correr da história.

Em complemento, a contextualização dos teóricos Florestan Fernandes (1955), Ileizi Silva (2010) e Amaury Moraes (2010), acabou endossando pontos importantes deste cenário histórico, além da importância da então conhecida disciplina e sua relevância no diálogo para compreensão de diferentes contextos sociais ligados à aprendizagem. O diálogo construído demonstra como o componente tem um grande potencial em formar os jovens do Ensino Médio a compreender seu contexto social, contemplando temas como cidadania e formação social, estabelecendo, ainda, um paralelo com as demais áreas do conhecimento. O foco está na possibilidade de problematizar a realidade e oferecer condições para que os alunos possam construir possibilidades analíticas de compreensão de sua própria realidade social, ou de maneira mais ampla, da percepção de si e dos meandros da sociedade em que vivem. Entendendo que, assim como seu tempo histórico está sendo organizado, conforme a atividade da vida social, suas normas e comportamentos vão se estabelecendo.

A sociedade, justamente por se constituir como algo dinâmico, quando analisada, permite ao aluno pensar de modo mais aprofundado, estabelecendo conexões a partir de noções básicas, que impulsionadas são capazes de fomentar atitudes no âmbito de uma construção mental mais direta em relação aos fenômenos que o cercam. O surgimento dos cursos superiores nas universidades, por exemplo, que ajudaram a fomentar a necessidade de ampliar o olhar sociológico para a educação básica, foram, também, um desafio para estabelecer meios de tornar a linguagem menos rebuscada e, portanto, tornar essa linguagem mais acessível para o Ensino Médio, fomentando assim novas reflexões de como adequar a abordagem. Essa questão é um assunto inesgotável, não sendo apenas um privilégio da

Sociologia, mas de todos os componentes curriculares, principalmente em momentos de construção e transição curricular, como a BNCC e a reforma do Ensino Médio.

O questionamento chave que deu início a essa pesquisa foi: **como os agentes públicos atuaram e contribuíram para implementar a Sociologia na rede estadual de São Paulo?**

Nesse contexto, ao realizar o levantamento de quem foram esses agentes, e qual o período de atuação dentro do recorte temporal estipulado de 2009 a 2017, inicialmente havia o conhecimento de 6 (seis). Entretanto, ao iniciar o trabalho de pesquisa descobri mais 1 (uma) agente pública, o que também contribuiu para mais informações, além de modificar o recorte, passando englobar o ano de 2008, assim 7 agentes ouvindo atuando na Secretaria no período de 2008 a 2017. A escolha foi feita exatamente por haver a presença destas e destes profissionais atuando como responsáveis pelo componente curricular de Sociologia, são elas e eles: Juliana, César, Antonio, Jorge, Marco, Tatiana e Rodrigo. Cada um possui uma visão do momento vivenciado ao exercer a função, além de um entendimento da importância na atuação frente à educação pública de uma rede como a do estado de São Paulo.

A escuta das narrativas dos 7 (sete) agentes públicos que foram responsáveis pela pasta de Sociologia na rede estadual demonstra não apenas a continuidade, mas um outro trecho da história do componente curricular, evidenciando como a SEE-SP buscou atender em pouco tempo a legislação federal, deixando ver, assim, os reflexos de pontas soltas na organização curricular que fazem perceber de fato a necessidade de se estabelecer instrumentos orientadores para toda rede, capazes de garantir o mínimo para um ensino básico munido das devidas condições de aprendizagem. Uma destas pontas foi colocar, inicialmente, uma única aula semanal, apenas para atender a legislação vigente, o que foi muito debatida até chegar a um consenso do ajuste necessário, que oferecesse condições mais favoráveis para a apreensão dos pressupostos de estranhamento e desnaturalização, conjecturas essenciais no desenvolvimento didático e pedagógico.

A história dos profissionais que contribuíram para essa pesquisa apresentando, mesmo em momentos distintos, havia uma continuidade, pois, as questões do como se fazer presente e personificado o componente, até mesmo ao responder determinadas demandas sobre gênero e diversidade, questões étnico-raciais, indígenas, entre outras, estavam permeadas pelo olhar sociológico de cada professora e professor que desempenhou essa função. Suas trajetórias, exploradas em suas narrativas, evidenciam os diversos debates relativos a várias questões efervescentes na rede, e fazem pensar a potência das suas atuações na Secretaria, a começar pela elaboração e revisão dos materiais de apoio que ficaram mais próximos da realidade das escolas, e, principalmente, a importância de haver alguém especializado, que tenha de fato

uma formação adequada e a experiência necessária para perceber e compreender o funcionamento de uma das maiores redes de ensino do país, o que de certa forma também foi sendo redescoberto no decorrer desta pesquisa.

A metodologia utilizada para elaborar os questionamentos definidos como disparadores necessários à retomada de suas histórias e percepções, e que fomentaram cada reflexão, foi um passo importante no resgate das trajetórias dos agentes públicos e, até mesmo, uma maneira de conhecer e traçar uma linha temporal de como a Sociologia foi implementada enquanto componente curricular na rede estadual de São Paulo. O processo de transcrição e tabulação das narrativas utilizado com base no formato proposto por José Souza (2019) demonstrou ser eficiente para extrair pontos importantes que se entrelaçam tanto com o contexto histórico levantado como também na abordagem conceitual apresentada pelos teóricos estudados.

A possibilidade de extração de trechos de cada narrativa que acabam dialogando entre si, situações vividas que demonstram um enredo da história contada no decorrer de cada entrevista. Um exemplo disso é que realizar uma formação apenas técnica não vai suprir todas as necessidades da rede de ensino às exigências sociais brasileiras, estas vão muito além da formação tecnicista, e, conseqüentemente, é algo que se exige do ensino. E cabe salientar que isso vai ao encontro do que é proposto por Florestan Fernandes (1955), pois ficou visível nas narrativas o incômodo dos agentes ao realizarem certas ações apenas burocráticas ou meramente figurativas, ou ainda, no simples ato de sempre terem que reafirmar sua presença.

Isso demonstra a possibilidade de construção de outras pesquisas, que não seriam possíveis de serem contempladas neste estudo, como por exemplo, quais podem ser os debates a partir da proposta do Novo Ensino Médio- e seus itinerários formativos?, ou até mesmo, o levantamento de um *corpus documental* com o perfil das professoras e professores que lecionam Sociologia na rede paulista a partir de sua consolidação.

Os agrupamentos, tendo como referencial Camila Muylaert et al. (2014), Pedro Reis (2010) e José Souza (2019), possibilitaram o movimento de reflexão em estabelecer um modelo de análise eficaz para auxiliar, tanto na organização, quanto na extração de pontos importantes nas narrativas, tornando, desta maneira, perceptível o traçado de uma continuidade nas histórias de cada ação desenvolvida no cotidiano da SEE-SP, mesmo havendo determinados espaçamentos temporais, ou seja, ainda que os agentes estivessem exercendo sua função em momentos distintos. Isso demonstra que a função – técnico, agente público –, independente do momento, acabava exigindo posturas e decisões técnicas das quais, além de remeter ao seu entendimento acadêmico, também exigiam o resgate de sua

visão de docente, dessa experiência do cotidiano da sala de aula, imprescindíveis para sustentar pontos necessários na seleção de assuntos que pudessem ser direcionados à rede, ou seja, um saber-se equilibrar entre essas duas pontas, que na verdade, são complementares.

A análise de cada agrupamento e o entendimento sobre o contexto de cada narrativa levantada, permitiu estabelecer uma resposta ao questionamento que direcionou os objetivos deste trabalho, o de compreender como cada agente público contribuiu nesse processo de implementação do componente Sociologia, além de alcançar os seguintes resultados:

1. *Formação, PCNP(s), professores:* As formações foram um passo importante para estabelecer uma identidade mínima a Sociologia, sendo um processo de escuta, realizado em rede. Primeiramente elaboradas pelos agentes públicos da CGEB, estipulando quais seriam os assuntos abordados, que pudessem contemplar minimamente a proposta recomendada pelo Currículo, além de oferecer um material básico para formações locais que eram transmitidas para professoras e professores pelos PCNPs. Mesmo não havendo um retorno tão evidente e imediato, muitas dessas ações, ao longo do tempo estipulado na pesquisa e em algumas narrativas, demonstraram que houve uma participação considerável dos professores, ou seja, a instrumentalização dos PCNPs foi importante nesta construção. Infelizmente no final do período analisado essas formações foram perdendo força, devido a contenção de gastos e também pela ausência de agentes públicos suficientes para dar continuidade a este contato com a rede;

2. *Proposta Curricular, Currículo, grade curricular:* O passo inicial para estabelecer uma aprendizagem mínima, foi, a princípio, a aprovação da Proposta Curricular, mesmo sendo algo realizado de última hora, conforme a promulgação da lei que garantia a Sociologia como componente obrigatório. Ainda nesse cenário, temos a criação de um espaço (de disputa) com, inicialmente, apenas uma aula na grade curricular, para cumprir o proposto na legislação. Posteriormente, com a consolidação do Currículo do Estado de São Paulo (2010), e suas habilidades e competências estipuladas conjuntamente passam a estabelecer uma identidade a uma rede tão diversificada. Debater o currículo e, principalmente, colocá-lo em prática deixou em evidência a necessidade de ajustar novamente a grade curricular, reforçando a disputa existente para permanência na grade curricular, para contemplar as habilidades e competências, geralmente cobradas nos instrumentos de avaliação em larga escala. O papel dos agentes públicos nessa empreitada demonstrou como o profissional de carreira é importante no processo decisório, e assim, conhecer a realidade dos profissionais que estão conduzindo na prática cotidiana a aprendizagem;

3. *São Paulo Faz Escola, material, cadernos*: O primeiro contato com o material, a busca em compreender como poderia ou não limitar a ação dos docentes, sem contar com a discrepância da quantidade de aulas, além de entender como as autoras pensaram a construção de cada situação de aprendizagem, umas mais próximas e outras mais distantes das realidades existentes na rede. Esse exercício, de compreender como o material seria utilizado na rede, se deu necessariamente ao ter que organizar e até mesmo exercer uma função de fiscal na produção do *São Paulo Faz Escola*, na qual acaba por se estabelecer um olhar para evitar erros, seja de diagramação seja conceituais, e, por outro lado, perceber que para um componente onde havia poucos profissionais com formação específica acabou sendo um trunfo não esperado por todos os agentes entrevistados. Esse foi um instrumento que acabou garantindo que a linguagem sociológica iria chegar aos estudantes, principalmente quando o docente não possuía a formação específica para lecionar o componente, e, sendo revisado garantiu a manutenção do ensino, o que em certa medida cumpriu sua finalidade para aqueles com a formação específica, a de ser um material de apoio na sala de aula.

4. *Reforma, Ensino Médio, BNCC*: Cada um dos itens deste agrupamento foram espaço de debate e disputa para permanência da Sociologia na educação básica, bem como suas mudanças acontecendo rodeadas de dúvidas do que viria a ser a reforma do Ensino Médio a partir da aprovação da Base Comum. Muitas dúvidas pairavam sobre os técnicos, que lá estavam neste momento, pois não havia um consenso do que poderia permanecer como obrigatório ou que talvez voltaria a ser optativo e até mesmo retirado da grade curricular. Diversos projetos de lei estipulando a volta de Moral e Cívica, projeto que chegou a ser apresentado na ALESP neste contexto para substituir a Sociologia e Filosofia, chegaram até a equipe que precisa se embasar no Currículo do Estado de São Paulo (2010) e no seu entendimento técnico para mostrar que estes componentes contemplam amplamente a questão da cidadania. O novo currículo desponta com a possibilidade de estabelecer itinerários formativos, que podem ser uma boa alternativa para os estudantes buscarem um ensino mais próximo de suas necessidades, entretanto, é algo que até a finalização deste trabalho não foi de fato sinalizado de que forma, seria, de fato, estabelecida. Como narrado pelo último agente público entrevistado, não havia uma garantia em relação a permanência da Sociologia e até mesmo de outros componentes, pois a flexibilização do ensino surge junto a vários pontos de interrogação. No entanto, neste momento, 2018 infelizmente, não havia um profissional para narrar como toda essa questão estava sendo elaborada dentro da Secretaria.

Cada agrupamento demonstrou a importância no agir de cada um destes agentes públicos no exercício de sua atividade, mostrando o quão necessário é ter o profissional de



carreira atuando em órgãos centrais, e que, principalmente, tenham o conhecimento técnico, além de conceitual, sobre o componente curricular no qual respondem. Os agrupamentos mostram que, ao longo do tempo, as atividades acabavam sendo mais direcionadas, conforme o momento histórico, mas, mesmo assim, acabaram também demonstrando uma continuidade nas ações desenvolvidas. Desta maneira a afirmativa apresentada em cada narrativa deixa evidente que a implementação da Sociologia se estabeleceu inicialmente sem uma estrutura consolidada, mas foi ao longo do tempo ganhando uma identidade e uma significativa relevância ao conquistar um espaço de igualdade na grade curricular.

Os achados permitem prospectar um ponto de investigação interessante para pesquisas futuras, o de verificar como as ações formativas estão sendo estipuladas por área de conhecimento e qual espaço a Sociologia está ocupando nestas formações. Outra possibilidade é entender como a Sociologia será organizada no contexto do novo Ensino Médio, e se os agentes públicos envolvidos tiveram papel decisório para garantir um espaço equilibrado entre os componentes da área nos itinerários formativos, debatendo o novo formato da grade curricular e espaços de disputa ainda remanescentes dessa reforma.

Espero que o resultado desta pesquisa possa contribuir como estímulo e fonte de ideias para novas pesquisas em educação, em Sociologia, e principalmente, no que tange a educação básica. A proposta, além de abordar um pouco do histórico da Sociologia no contexto nacional, apresentou meios para pensar as relações humanas nas suas mais distintas variáveis, entendendo os meios necessários para amenizar conflitos, buscando por soluções para causas reais, olhando de alguma maneira para os problemas cotidianos.

Para lecionar Sociologia na educação básica é necessário deixar claro para os alunos quais são as inspirações que podem ser desenvolvidas a partir das aprendizagens propostas, partindo da possibilidade de desenvolver um ponto de vista técnico social instrumentalizado pela ciência. Ainda temos certas divergências entre os formados em Ciências Sociais, visto que apenas as universidades públicas oferecem conjuntamente o curso de bacharelado e licenciatura e por isso muitos sociólogos criticam a existência do componente na educação básica, por ser lido como uma redução do pensar sociológico.

No entanto, a educação básica se constitui numa trama de ricas possibilidades e pode ser um ambiente interessante para desenvolver um entendimento etnológico, ou seja, pode mostrar para professoras e professores, e aos jovens estudantes qual é de fato esse espaço social em que vivemos, ou recortes destes, e como ele é ocupado, quais são os ajustes sociais e quais convicções permeiam esses espaços e como estes vão estabelecer, se desdobrar em um entendimento seja, por exemplo, do que é desnaturalizar e/ou estagnar a realidade.

Olhando as produções acadêmicas, como dissertações de mestrado ou teses de doutorado, noto pontos de partida contundentes para fomentar ainda mais a política educacional e políticas públicas. Essa tem sido a melhor convivência para situar até mesmo propostas de novas pesquisas no que se refere à prática de ensino da Sociologia, como também de proporcionar novos estudos para a Educação em parceria com as Ciências Sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Antonio Simplicio de; CIAMPI, Helenice. A HISTÓRIA A SER ENSINADA EM SÃO PAULO. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 195-221, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698131383>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000100195&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982015000100195&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 26 abr. 2020.

ALMEIDA, Carlos Fernando. **As vicissitudes na Implantação do Componente Curricular Sociologia no Ensino Médio da Rede Pública do Estado de São Paulo**. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BALL, Stephen J. Intelectuais ou técnicos? O papel indispensável da teoria nos estudos educacionais. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas Educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 3. p. 78-99.

\_\_\_\_\_.; MAINARDES, Jefferson. Introdução. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas Educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 11-21.

BUKOWSKI, Charles. Conheci um gênio. In: BUKOWSKI, Charles. **Queimando na água, afogando-se na chama**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016. p. 147-147.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei PL 3.178/1997**. Altera dispositivos do art. 36 da Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=AE3C43826A98BC49100A97B7734B5C96.node2?codteor=1130709&filename=Avulso+-PL+3178/1997](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=AE3C43826A98BC49100A97B7734B5C96.node2?codteor=1130709&filename=Avulso+-PL+3178/1997)> . Acesso em 12 Jan. 2021.

\_\_\_\_\_. MEC/CNE. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. DCNEM - CEB/CNE. Brasília, DF, 1998a.

\_\_\_\_\_. MEC/CNE. **Resolução CEB nº. 3**. Brasília, DF, 26 de junho, 1998b.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei PL 1.641/2003**. Altera dispositivos do art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=127294>> . Acesso em 12 Jan. 2021.

\_\_\_\_\_. MEC. **Orientações Curriculares Nacionais**. Ciências humanas e suas tecnologias (Vol. 3). Conhecimentos de Sociologia. Ministério da Educação: Brasília, 2006. p. 101-133

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 11.684**, 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. MEC/CNE. **Resolução nº 1**, de 15 de maio de 2009. Dispõe sobre a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **MPV 746/2016**. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível em: <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1494234&filena me=MPV+746/2016](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1494234&filena me=MPV+746/2016)> . Acesso em 12 Jan. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 13.415**, 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis n ° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. MEC/CNE. **Resolução CNE/CP nº 2**, de 22 de dezembro de 2017 - Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN. 4.024/1961.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN. 5.692/1971.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN. 9394/1996.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

FERNANDES, Florestan. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 1., 1954, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1955, p. 89-106.

FREY, Klaus. Políticas Públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil: Um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**: PPP, Brasília, n. 21, p. 211-259, jun. 2000. Semestral. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/89/158>. Acesso em: 20 maio 2020.

GUERRERO, Rodrigo Flores. La entrevista como técnica de investigación social. In: GUERRERO, Rodrigo Flores. **Observando Observadores**: una introducción a las técnicas cualitativas de investigación social. Santiago: Ediciones Uc, 2009. p. 145-192.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

LASCOUMES, Pierre; GALÈS, Patrick Le. As políticas públicas a partir do topo do Estado. In: LASCOUMES, Pierre; GALÈS, Patrick Le. **Sociologia da ação pública**. Maceió: Edufal, 2012. Cap. 3. p. 101-133.

LIMA, Alexandre Jeronimo Correia. A utilização de teorias e métodos da Sociologia do currículo em pesquisas sobre ensino de Sociologia. **Pró-Docência**: Revista Eletrônica das Licenciaturas/UUEL, Londrina, v. 1, n. 1, p. 1-28, jan. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/NOVOS%20TEXTOS%2006%20a%2014/ALEXANDRE%20%20CIENCIAS%20SOCIAIS.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MAINARDES, Jefferson; FERREIRA, Márcia dos Santos; TELLO, César. Análise de políticas: fundamentos e principais debates teóricos-metodológicos. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas Educacionais**: questões e dilemas. questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 6. p. 143-172.

MATTOS, Sérgio Sanandaj. A implantação da Sociologia pela via Legislativa. In: MIRHAN, Lejeune (Org.). **Sociologia no Ensino Médio**: Desafios e Perspectivas. São Paulo: Anita Garibaldi, 2015.

MINTO, César Augusto; MURANAKA, Maria Aparecida Segatto. Educação: um processo à margem das prerrogativas legais: um processo à margem das prerrogativas legais. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela de. **Política educacional**: impasses e alternativas. Impasses e alternativas. São Paulo: Cortez, 1995. Cap. 3. p. 57-84.

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 5-20, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702003000100001>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12391/14168>. Acesso em: 15 jun. 2020.

\_\_\_\_\_; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: Secretaria de Educação Básica. MEC. **Coleção explorando o ensino**: Sociologia. Brasília: [s. n.], 2010. v. 15, cap. 2, p. 45-62.

\_\_\_\_\_. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cadernos Cedex**, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 359-382, set.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/04v31n85.pdf>> . Acesso em: 03 ago. 2019.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 2, p.184-189, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-623420140000800027>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt\\_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2019.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997. Cap. 1. p. 15-34.

REIS, Pedro Rocha dos. AS NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Nuances: estudos sobre Educação**, [s.l.], v. 15, n. 16, p.17-34, 10 mar. 2010. Anual. Nuances Estudos Sobre Educação. <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v15i16.174>. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174>>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Projeto de Lei 0343/1979**. Inclui as disciplinas de Sociologia, Psicologia e Filosofia no currículo escolar de 2º Grau. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=191965&tipo=1&ano=1979>>. Acesso em 12 Jan. 2021.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE-236 de 03-10-1983** - Dispõe sobre as Diretrizes para reorganização do ensino de 2º grau nas escolas da rede estadual.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE-92 de 19-12-2007** - Estabelece diretrizes para a organização curricular do ensino fundamental e médio nas escolas estaduais.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE-83, de 25-11-2008** - Estabelece diretrizes para a organização curricular do ensino fundamental e do ensino médio nas escolas estaduais.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE-76 de 7-11-2008** - Dispõe sobre a implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, nas escolas da rede estadual.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Proposta curricular do Estado de São Paulo** / Coordenação geral, Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Matrizes de referência para avaliação: documento básico**. SARESP. São Paulo: SEE, 2009.

SÃO PAULO (Estado). **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Secretaria da Educação; Coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. Ed. Atual. – São Paulo: SE, 2010. 152p.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE-81 de 16-12-2011** - Estabelece diretrizes para a organização curricular do ensino fundamental e do ensino médio nas escolas estaduais.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio**: Desenvolver a perspectiva sociológica: objetivo fundamental da disciplina no Ensino

Médio. Espaço Acadêmico, Maringá, out. 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/481/05sofia.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SARMENTO, George. Estudo introdutório: Políticas públicas como instrumento para a efetividade dos direitos sociais. In: LASCOUMES, Pierre; GALÈS, Patrick Le. **Sociologia da ação pública**. Maceió: Edufal, 2012. p. 9-30.

SAVIANI, Dermeval. Introdução. In: SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao Fundeb: por uma outra política educacional**. por uma outra política educacional. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 1-8.

SCHRIJNEMAEKERS, Stella Christina; PIMENTA, Melissa de Mattos. Sociologia no ensino médio: escrevendo cadernos para o Projeto São Paulo faz Escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p.405-423, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622011000300006>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622011000300006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622011000300006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 15 jan. 2020.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: Secretaria de Educação Básica. MEC. **Coleção explorando o ensino: Sociologia**. Brasília: [s. n.], 2010. v. 15, cap. 1, p. 15-44.

SOUZA, José Roberto de. **Título:** O conhecimento profissional sobre educação estatística que são revelados em narrativas de professores de matemática. 2019. Número de folhas 156f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2019.

WEBER, Max. **Ciência e política:** duas vocações. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

**ANEXOS**



## ANEXO A – TRANSCRIÇÕES

Informações sobre a pessoa entrevistada
<p>Professora Juliana foi a primeira técnica a atuar como responsável pela Sociologia dentro da SEE-SP, desenvolveu seu trabalho antes da implementação do currículo. Acompanhou a nova chegada da Sociologia na rede estadual e implementação do Currículo. Formada em Ciências Sociais foi professora efetiva de Sociologia na rede estadual.</p>

Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista
<p>Marcamos de nos encontrar no mesmo dia e local que havia combinado com o Jorge, e por ela também morar próximo da PUC-SP. A entrevistada se mostrou muito disposta e tranquila para realizar a entrevista, por se tratar de uma pesquisa que traz uma abordagem do contexto e embates da Sociologia na rede estadual. Mencionei que cheguei até ela pela indicação de um outro entrevistado, o qual também atuou como representante técnico logo após sua saída, o mesmo reforçou a importância da sua atuação. Ao tomar conhecimento de suas ações frente a Sociologia na rede estadual de São Paulo, consideramos de suma importância buscar conhecer um pouco mais sobre sua atuação a partir do ano de 2008, embora relate que as ações referentes a Sociologia vêm de longa data. Informei sobre a necessidade e importância de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e das recomendações propostas pelo programa da pós graduação.</p>

Parágrafo	Autor da fala	Narrativa
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?
1	Juliana	Tá. Bom, então eu vou iniciar um relato contando um período que antecede a... a... a lei de obrigatoriedade do ensino de Sociologia que é a visão anterior sobre o papel e... dessa equipe de Sociologia no que era chamado de CENP [Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas] isso no início dos anos 90 né?
2	Juliana	Então e... <b>no início dos anos 90 existia uma equipe de Sociologia, na CENP, que desempenhava um trabalho muito importante... de formação continuada dos professores existia os estímulos de participação né, os encontros eram presenciais sempre aqui na João Ramalho né, e a cada trimestre os professores do estado inteiro se reunião pra discutir suas práticas né, e uma equipe, tinha naquele período, uma equipe muito bem preparada composta de 3 professores da rede estadual, que contavam com uma assessoria de professores da universidade, a Maria Célia Paoli, acho que o Octavio Ianni, que davam um suporte mais teórico pra esse trabalho.</b>
3	Juliana	Então era um trabalho, nos anos 90 e... no início dos anos 90 e... (pensou um pouco) e... muito sério né, envolvendo a academia, os professores na... nas escolas né, e essa equipe que fazia essa intermediação né?

4	Juliana	Bom, a cri... com... com... a crise digamos assim do ensino da Sociologia depois de... não foi nem 96, não foi nem com a LDB, antes disso em 92, 93 e... o governo de São Paulo já estava... considerando que a Sociologia não era mais importante né, ela entrou... ela tinha conquistado um espaço no currículo nas lutas pela democracia né, em 92, 93 já não existia tanto esta... preocupação, e... isso, quando o governo perde o interesse, pelo ensino da Sociologia né, e... uma das primeiras medidas foi... acabar com essa equipe de Sociologia que existia nos anos 90.
5	Juliana	Então o primeiro passo pra acabar com o ensino foi acabar com essa equipe né, isso em 92 eu diria que essa equipe acabou, 93 teve um novo concurso foi quando eu fui efetivada, quando eu me efetivei no estado né, e durante, de 93 até 2008... (da um respiro e dá ênfase a informação) não... não existia uma equipe de Sociologia, não teve mais, eles nunca mais convocaram professores e... não existia nenhum tipo de trabalho voltado e... pra formação continuada dos professores da rede, levando-se em conta que ainda existia naquele período, mais de uma centena de professores efetivos do ensino de Sociologia e ela ainda tava presente na parte diversificada do currículo de muitas escolas né?
6	Juliana	E... então a reestruturação e... dessa equipe, que inicialmente não era nem uma equipe, era uma pessoa que fui eu, se deu em 2008 né, depois da... e... da aprovação da lei de obrigatoriedade do ensino de Sociologia né?
7	Juliana	Bom... então já tinham se passado aí mais 15 anos praticamente desde a última equipe. Bom, então e... quando, como que eu cheguei nessa equipe e... eu cheguei nessa equipe, porque eu participava dos movimentos pela... em defesa da obrigatoriedade do ensino de Sociologia né, tinha um grupo na APEOESP, eu tinha uma participação mais acadêmica na... na... SBS, e... daí a... existia dois mil e... a partir de 2006 de uma forma mais intensa uma... uma articulação grande em São Paulo envolvendo academia, envolvendo sindicato, sindicato dos sociólogos né, em defesa do ensino da Sociologia.
8	Juliana	E... as pessoas que participavam desse grupo, algumas delas consideravam que essa função... na CENP, seria uma função representativa do movimento em defesa, e... então, existiu... existiu um debate muito forte de quem seria a pessoa indicada pra ocupar esse lugar, como se fosse um atributo dos movimentos, escolher alguém pra ocupar um lugar na secretaria da educação.

9	Juliana	E... então, por exemplo, o Lejeune tinha... sabe quem é o Lejeune né? ele tinha, queria uma pessoa lá ligada ao sindicato ao partido dele né, e... porque se acreditava que a função seria, e... representar os interesses e... dos professores né, daqueles que defendiam a obrigatoriedade do ensino da Sociologia né?
10	Juliana	E... nu... nu... nos diálogos que existiam entre esse movimento e a secretaria da educação naquele período, a secretaria e... deu... digamos assim, deu voz, a... aos representantes da SBS, mas do que ao sindicato né, e quando efetivamente se colocou, o governo de São Paulo resolveu implementar o ensino da Sociologia, eles foram procurar a SBS pra que indicasse alguém né?
11	Juliana	E eu fui indicada pela SBS e... pra ocupar esse... esse... esse espaço, houve um problema político (fala pausada e espaçada) por conta da minha indicação, porque o Lejeune queria alguém ligado ao sindicato, alguns professores ligados a... ao grupo, que tinha um grupo, um coletivo em defesa da Sociologia na Apeoesp achavam que eu tinha... que eu estava representando os professores da Apeoesp.
12	Juliana	Mas... na verdade quando eu cheguei lá, <b>eu identifiquei que... que naquela conjuntura já de 2008 a... era uma função meramente burocrática, não é de representação política de ninguém... né, e... uma das primeiras... discussões e... que eu tive com a coordenadora da CENP naquele período né, que hoje é CGEB, é que ela disse o seguinte ‘olha se trata de um cargo de confiança do governo, então você fique nesse cargo enquanto você considerar e... que a política educacional desse governo tem que dar certo, nós estamos investindo tudo pra isso’</b> palavras dela né?
13	Juliana	<b>E foi o momento que efetivamente o governo investiu muito dinheiro na educação né, com a formulação do currículo né, do São Paulo Faz Escola, contratação lá da... Vanzolini e... já estava em curso a elaboração dos cadernos, das outras disciplinas do currículo né, é uma política que já no início de 2008 ela estava em andamento, pra Sociologia que foi 2009, então era um investimento financeiro... né, era... era uma interferência direta da gestão no currículo como não tinha ocorrido até então, da parte dos cadernos, das orientações aula a aula né?</b>

14	Juliana	<p>Porque essa gestão ela parte, ela tem como pressuposto de que o professor é o principal problema da educação né, então pra resolver os problemas da educacionais tinha que enquadrar o professor, ele tinha que ser um mero e... reproduzidor e... do que diziam os cadernos e... e pra elaboração desses cadernos foi a própria gestão, a direção da secretaria da educação que selecionou as pessoas que iriam fazer os cadernos né?</p>
15	Juliana	<p>Bom é nesse contexto que eu entrei, então a minha primeira impressão sobre o trabalho né, que era um cargo de confiança, que me deixou muito desconfortável né, e a outra questão que me deixou e... e... bem desconfortável que não era um cargo de confiança onde você tem poder né, era uma coisa assim muito figurativa né, porque quem efetivamente elaborou o currículo foram a... pessoas indicadas pela secretaria.</p>
16	Juliana	<p><b>No caso da Sociologia foi um caso um pouco diferente das outras disciplinas né, no caso da socio... e... e essa é uma das razões pelas quais o currículo de Sociologia ele... ele é melhor do que de algumas outras disciplinas que eu consegui acompanhar, porque quem elaborou, quem elaborou o currículo 2008? quem foram os sujeitos? Eram pessoas... o de arte, o de educação física, matemática, nas outras disciplinas escolares, eram pessoas ligadas e... a Maria Inês Fini que tem uma empresa de assessoria educacional que ela servia pra vários estados, ela tem uma equipe né, ela dava cursos de formação né, ela tem uma empresa, e quem elaborou o currículo de São Paulo foram essas pessoas ligadas a Maria Inês Fini.</b></p>
17	Juliana	<p>No caso específico da Sociologia como não era uma política... uma defesa daqueles... sujeitos e... o ensino da Sociologia eles não tinham ninguém pra colocar e a disciplina se tornou obrigatória, filosofia eles já tinham algumas pessoas, que a filosofia ela tem um caminho diferente, ela vem desde a gestão do... a... como que é o nome? Aquele secretário? [o Chalita] o Chalita! né, então o Chalita já havia constituído... ele tinha até um grupo interessante de pessoas da Unicamp que já vinham trabalhando no currículo de filosofia, agora Sociologia não tinha ninguém, e é por isso que eles vão chamar e... a SBS, pra elaborar o currículo né?</p>

18	Juliana	A... e é nesse contexto que a Professora Heloisa assumiu a coordenação né, não era uma coisa que ela queria muito, mas foi... se não fosse ela seria uma pessoa ligada a empresa da Maria Inês Fini né, que não tinha formação em Sociologia, era o pessoal da área de história né, que fazia o currículo de Sociologia, e já tinha apresentado uma proposta muito fraca né, porque um historiador e... por mais que... não faz um currículo de Sociologia né, porque não tem tanto domínio teórico e metodológico da Sociologia como quem é formado na área né?
19	Juliana	E... e a intenção daquele grupo que estava no poder ligado a Maria Helena era efetivamente fazer... eles estavam investindo muito dinheiro e... e eles queriam um currículo de qualidade eu não duvido disso né, por isso chamaram a SBS pra fazer esses cadernos né, o currículo e depois o desdobramento do currículo que foram os cadernos.
20	Juliana	Bom então isso é mais sobre a questão do currículo né, e... agora internamente né o que que... o que que era essa equipe de... dentro da CENP? naquele período ainda CENP, e... era uma equipe multidisciplinar, a equipe, era uma equipe de ciências humanas, era o pessoal de história, geografia, filosofia que já vinham trabalhando a algum tempo e cheguei eu representando Sociologia né?
21	Juliana	<b>E... a entrada da Sociologia no currículo em 2009 significou uma redução e... de aulas de história e geografia, me parece que eles tinham 3 horas/aula e passaram a ter 2 né, então dentro dessa estrutura burocrática da secretaria da educação já começa... foi o primeiro lugar que eu senti na pele... o que é um conflito por espaço dentro do currículo né, ou seja, a minha chegada representando uma disciplina nova no currículo, que ia tirar aulas de história e de geografia, foi super mal recebida, muito mal recebida né?</b>
22	Juliana	<b>Inicialmente pelos meus colegas, os meus pares da equipe de ciências humanas, ao longo do tempo eu consegui estabelecer uma relação mais harmônica né, mas inicialmente ninguém via com bons olhos a presença da Sociologia né, e nem a minha presença lá, eu personificava a disciplina que eles não queriam porque tirou horas/aula dos professores de história e de geografia e...</b>
23	Juliana	Bom, então... esse, essa foi uma coisa que eu senti de uma forma muito forte no início né, e... o trabalho na secretaria, nesse momento inicial em 2008 início de 2009 que foi o período que eu fiquei lá, ainda não tinha constituído um corpo de professores... que iriam ministrar essa disciplina, 2008 ainda, quando eu cheguei em 2008 era elaboração do currículo, a discussão do currículo, e... e o início da elaboração dos

		<b>cadernos né?</b>
24	Juliana	E... as ações que tinham eram tí...tímidas né, basicamente era de escolha de títulos pra bibliotecas né, foi um trabalho que eu me debrucei por um bom tempo, era que títulos deveriam ter nas bibliotecas? né, pra contemplar o ensino da nova disciplina.... e... eu não tinha muita autonomia pra escolha... também, que tinha um grupo de editoras selecionadas, alguns livros que eram imexíveis né, que teriam que estar mesmo por acordos que eu não sei de quem né, então a liberdade de escolha era muito pequena, né...
25	Juliana	E o contato com os professores da rede praticamente não existia, então a minha participação, ela se deu nesse período e... ah tá! e... eu participei do momento de seleção dos primeiros professores né, os professores tinham que fazer uma prova, pra poder dar aula, então eu participei da elaboração da prova e... (pensou um pouco) que foi um trabalho assim... extremamente desgastante né, na medida em que... e... essa prova foi elaborada pela equipe da Professora Heloísa né, quem aplicou essa prova, acho que foi a Fundação Carlos Chagas né, mas eu tinha que estar presente o tempo todo, eu representava a secretaria naquele processo, então tinha que ver se as questões estavam corretas né?
26	Juliana	E... (fala pausada e pensando) se tinha uma linguagem escolar, na época você contrata acadêmicos pra elaborar um programa principalmente pessoas que não tinham muita proximidade com a cultura escolar né, era uma questão que eles tinham muito medo né, muito medo de chegar um discurso muito científico, muito distante da linguagem comum, das escolas, dos professores e dos alunos né?
37	Juliana	E... então, eu sempre era questionada com relação a isso, se não dava margem a questões... as questões não davam margem a dupla interpretação, se não tinha um viés e... teórico único né, e... basicamente eram essas questões que eram cobradas
38	Juliana	Daí um participei da primeira prova de seleção de professores e... o que... o que eu percebia ali né, recebi todas as inscrições do estado inteiro, que a maior parte das pessoas que iam lecionar Sociologia, que se candidataram pra dar aula de Sociologia ... tinham formação em outras disciplinas né, tinha professor até de educação física de...

		(fala pausada) biologia né?
29	Juliana	Mostrando que a identidade da discipli... a... a... Sociologia ela tava voltando pro currículo sem uma identidade como disciplina escolar né, e... a secretaria, e... e quando eu discutia, tentei discutir isso me disseram não, ‘olha o importante é professor em sala de aula essa disciplina não é importante, vai ser bom que os professores que não conseguem completar a carga horária na sua disciplina vão dar aula de Sociologia’ né, professor de educação física, ele não conseguiu completar ele dava aula de Sociologia né?
30	Juliana	<b>Nesse sentido os cadernos foram muito importantes, se não esses professores dariam aula de qualquer coisa, você imagina um professor de educação física dando aula de Sociologia né, ele... vai... sei lá, discutir o que? né, então os cadernos serviram pra... pra... pra que a disciplina, pra que discussão sociológica chegasse na escola né?</b>
31	Juliana	Bom, e... chegou um momento... (pensou um pouco) principalmente depois dessa prova inicial né, essa prova de seleção de professores, eu tive que fazer coisas assim que eu julgava, que feriram muito assim meus principi... meus valores né, (fala pausada, transmitindo um pouco de emoção) então por exemplo, a prova era secreta, tinha todo um... uma coisa em torno daquela prova, que ninguém podia ver, e que efetivamente era um momento de se criar um... uma simbologia em torno daquela prova, era um momento de implantação dessa política das provas né?
32	Juliana	Então e... eu tive que ficar alguns dias na Imprensa Oficial, vendo os caras imprimirem as provas. (breve pausa na fala) o pessoal da gráfica, daí eu falava ‘meu que trabalho técnico é esse?’ né, eu não estou sendo técnica, eu não tô usando conhecimento sociológico né, e eu sempre recusa.... eu recusava veementemente essa condição de cargo de confiança, eu trabalhei pra implementa o ensino né, era assim que eu via, minha visão era essa, eu não era um cargo de confiança, nunca me vi, eu era funcionária pública concursada né, nunca me vi ligada aquilo, eu queria que desse certo né, a implantação, que os livros fossem bons, que comprassem livros pra bibliotecas, que recrutasse bons professores, eu queria que desse certo, mas eu não era... eu não me via como... como... cargo de confiança né?

33	Juliana	E... daí passou um... um... tempo deu... começou a dar problemas nos cadernos né, não sei se você vai se recordar dos problemas dos cadernos de... geografia que tinha dois Paraguais não era isso? né, aquele momento que surgiram os cadernos com dois Paraguais gerou um... uma tensão dentro da secretaria da educação muito forte, muito forte... porque eles não queriam que nada desse errado naquele projeto né, e de repente deu errado né, e daí a minha função era fazer a leitura, de todos os cadernos né?
34	Juliana	Qualquer erro eu... eu seria responsabilizada inclusive né, porque e... <b>os cadernos eram feitos pela equipe da Professora Heloisa né, você já deve ter lido aquele texto da Stella que ela conta como é que foi a elaboração super distante du... foi foi uma loucura fazer aqueles cadernos né, e... fizeram com uma grade, passaram uma grade horária, depois era outra, por isso que os cadernos do terceiro ano tinham tanto conteúdo né, e... o meu papel era fazer a leitura e identificar algum problema né, era uma equipe muito bem preparada, a equipe que a Professora Heloisa e... formou né, e... agora com um certo distanciamento do cotidiano escolar, da realidade escolar né, e... tinha algumas coisas que efetivamente e... e...(pensou um pouco) corriam risco de de... assim na minha avaliação, não dariam muito certo né, por exemplo no primeiro ano os alunos fazerem uma atividade de teatro na escola, poxa a realidade, meu conhecimento me demonstra que os alunos nessa idade tem um puta timidez, chegavam em escola nova isso não vai dar certo.</b>
35	Juliana	Então eram alguns detalhes né, mas ao mesmo tempo era uma equipe que tinha muita criatividade, ousadia de propor trabalhar com música, com teatro né, e... eu e... dialogava bastante com essa equipe, mas não tinha... mas não conseguia interferir muito também né, dos cadernos né?
36	Juliana	Então essa foi a minha participação, dos cadernos eu fui a leitora crítica, fui... e... o material só ia... só iria pra gráfica depois que fizesse um referendo tal, aí eu tinha um cuidado extremo de identificar algum erro, mas as vezes saia uma ou outra coisa errada né, pequenas mas tiveram alguns erros nos cadernos de Sociologia, tinha uma questão lá sobre Palestina que saiu errada, são pequenos detalhes né, e... bem menores se comparado com das outras disciplinas que tiveram... mais tempo pra elaborar né, Sociologia foi feito muito as pressas né?



37	Juliana	Então se fazia o caderno do primeiro semestre do terceiro ano, considerando que... sem te fe... (gaguejou um pouco) que o aluno teria um conjunto de conhecimentos que ainda não tinha sido escritos né, se baseava só no currículo né?
38	Juliana	(pensou um pouco) E... então assim e... da minha experiência eu senti isso que era... existia uma preocupação muito grande que desse certo né, e... mas não cheguei a ter contatos com professores, eu saí antes, eu saí da... da... fiquei quase um ano lá, eu saí porque o trabalho burocrático né, o excessivo controle que existia e a dificuldade de influir no processo me fizeram ver que não valia muito a pena ficar lá, que eu era... sabe... tinha um papel muito secundário lá dentro e eu preferi a sala de aula, acho que eu tinha um protagonismo maior né?
39	Juliana	Não tenho esse gosto pelo poder, pela proximidade com a burocracia né, no campo da educação gosto de uma coisa mais viva, conviver com aluno e tal... e foi por questões pessoais que eu saí, por não me identificar com o tipo de trabalho, era uma extensa jornada e... um sistema policialesco né, e... e... sem a capacidade de influir muito né?
40	Juliana	Só que eu saí né, pedi exoneração, saí daquele cargo tal, mas durante muito tempo eu ainda fiquei fazendo... sempre que tinha alguma coisa me chamavam né, quando teve concurso ler as questões do concurso, elaborar, depois o curso de formação né, mas aí eu já não fiz mais como técnica da... da... CGEB, daí já mudaram o nome pra CGEB etc... daí e... eles me chamavam pra fazer o trabalho ou pela Fundação Padre Anchieta ou pela Vanzolini né?
41	Juliana	Daí eu acompanhei de perto assim até o concurso de 2011, de 2013... nossa! vai cair uma chuvona... né, elaborando questões fazendo revisão”. (Fizemos uma pausa e trocamos de lugar por conta de uma forte chuva que começou a cair).
Questão 2	Celso	No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.
42	Juliana	A participação na elaboração dos cadernos eu acho que foi importante né, sendo muito clara assim, eu defendo a liberdade de cátedra, a autonomia docente, acho que a Sociologia como disciplina escolar ela se constitui na interação com os alunos né?

43	Juliana	A partir das situações cotidianas presentes na escola, então essa coisa de um currículo prescrito e... e... (olha ao redor e pensa) não funciona assim, não é o ideal para o ensino da Sociologia, mas e... mas sinto que aquele contexto exigia isso né, se não existisse aquele material pra nortear a ação dos professores né, porque naquele momento a gente não contava com nada né?
44	Juliana	E... as OCNs colocavam em linhas gerais os temas né, e... as teorias era uma discussão mais metodológica do que de conteúdo, e aquilo que os PCNs preconizavam e... era uma Sociologia anos 80 né, não era... eu defendo o ensino mais por temas, partindo da realidade né?
45	Juliana	E os PCNs eles vão pra uma linha que é muito distante da realidade escolar eu diria... então a implementação ... (se distraiu com a conversa de duas pessoas que estavam conversando do outro lado do corredor) a implementação do ensino da Sociologia ela necessitava daquilo naquele momento né?
46	Juliana	De ter um di... (se distraiu novamente) um direcionamento pra que as pessoas discutissem temas comuns pra ir se formando uma... (aumenta um pouco o tom de voz por conta da chuva e da conversa de duas pessoas próximas) uma unidade simbólica pra que fossem e... enfim, pra nortear o debate do que seria essa nova disciplina escolar, ela corria o risco de ficar presa ao senso comum né, e... e de ter uma... de ser uma disciplina totalmente e... sem nenhum referencial né?
47	Juliana	<b>Como eu te disse os primeiros professores estavam complementando carga horária das suas... de outras disciplinas, então tinha que ter algum referencial, por isso eu acho que os cadernos foram muito importantes né?</b>
48	Juliana	Então essa foi uma ação que eu acho que foi, foi importante, eu gosto muito de alguns cadernos, outros eu mudaria um pouco a sequência na qual eles foram feito né, e a participação no curso de formação também que eu acho que foi muito importante né?
49	Juliana	E... exatamente pelas características da disciplina, não basta o indivíduo ter só formação em Ciências Sociais, ter uma licenciatura né, é ter um conjunto de temas comuns que norteiam o debate.
50	Juliana	Evidentemente que nas escolas cada um usa a sua perspectiva teórica, enfatize os temas que tem maior familiaridade a trajetória dos professores influenciam muito no ensino , e isso foi uma coisa que eu percebi, na minha tese, até mesmo os valores dos professores influenciam né, mas tem que ter alguma coisa e... um referencial comum né?

51	Juliana	E... eu não estou sendo contraditória, o que eu tô falando é que tem que ter algum referencial comum, mas isso não significa um direcionamento como os cadernos queriam dar e de aula a aula, isso eu sou contra né, mas pra aquele momento era o que se podia com aquele governo né, então as duas ações mais importantes foram essas né, os cadernos e o concurso.
----	---------	--

#### Informações sobre a pessoa entrevistada

Professor César Silva foi o segundo técnico a atuar como responsável pela Sociologia dentro da SEE-SP, porém foi o primeiro a exercer a função com o currículo já em vigência. Formado em Ciências Sociais era professor efetivo de Sociologia na rede estadual.

#### Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista

Marcamos de nos encontrar no meu local de trabalho que também foi o local de trabalho durante algum tempo enquanto esteve em frente a equipe curricular. O entrevistado quis andar um pouco pelo lugar para retomar um pouco da memória do que vivenciou durante o momento que esteve respondendo como técnico responsável por Sociologia. Ele observou o lugar, foi até o local onde era a sala da equipe curricular de ciências humanas, ficou surpreso com as mudanças na estrutura e nova organização estabelecida na Escola de Formação. Pedi para ele aguardar um tempo para que pudesse me organizar, nesse meio tempo ele reencontrou alguns colegas da sua época e conversou um pouco. No momento da entrevista ele se mostrou muito feliz e empolgado, pelo convite em participar da pesquisa, além disso tive condições de explicar com mais calma a proposta de trabalho, a partir dessa minha fala o entrevistado ressaltou a importância de localizar os demais técnicos, pois de fato teria condições de dar um bom panorama do trabalho realizado na então chamada SEE-SP, até se dispôs a entrar em contato com alguém caso tivesse dificuldade para localizar. Mencionei da importância de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e das recomendações propostas pelo programa da pós graduação. O entrevistado fez uma fala bem pausada, por buscar sempre algumas lembranças que o levaram até a função.

Parágrafo	Autor da fala	Narrativa
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?
52	César Silva	Bom, e... primeiramente eu te agradeço pelo... pela oportunidade de contribuir com a pesquisa, acho que... <b>eu imaginava que esse momento um dia tivesse que chegar né, não é que pudesse, mas que devesse chegar, pra gente recuperar essa história</b> e... eu acho que vou começar falando um pouquinho de um ponto importante e... na minha formação e que resvalou na minha chegada nesse lugar né?

53	César Silva	E... eu cursei ciências sociais na Unesp de Marília, e onde tem uma licenciatura muito forte assim, e... na ciências sociais, na filosofia né, e também por ter um curso de pedagogia. E na ciências sociais a... as professoras que e... dão corpo mesmo pra licenciatura e... elas... sempre comentaram da proposta curricular da CENP dos anos 80, assim nas aulas elas falavam um pouco dessa construção de um currículo de Sociologia que... e da disputa que é né, é... a produção de um currículo por uma rede de ensino, e como nós não tínhamos ainda o retorno da Sociologia eu cursei ciências sociais de 2004 a 2007, a licenciatura.
54	César Silva	E... como até então nenhum dos alunos da rede pública até mesmo da privada tinham Sociologia, a gente não tinha muita dimensão enquanto estudantes do que era um currículo de Sociologia né, e elas então traziam pra... e... em algumas aulas em algumas discussões e... como foi a construção desse currículo e... e numa dessas aulas elas acabaram dizendo que, seria o sonho delas que algum aluno delas um dia se tornasse responsável pelo currículo de Sociologia do estado de São Paulo né?
55	César Silva	Eu achei aquilo e... curioso assim, e claro como uma fala de aula depois você esquece e tal né, você não se motiva por aquilo, mas de alguma forma isso e... ficou comigo né? Eu fiz uma licenciatura bem plena, assim com... fiz um... estágios em quantidade absurda porque, a gente desenvolveu um projeto e... de ensino de Sociologia por meio de imagens eu e um grupo de alunos da licenciatura, e das sei lá, das 30 ou 40 horas que a gente tinha obrigatória, a gente fez 400 na licenciatura, indo mesmo participando e produzindo coisa na escola.
56	César Silva	Então eu quis e... seguir na educação, foi durante o 4º ano da graduação que foi a licenciatura né, então foi decisivo pra que eu estivesse na educação e... até o terceiro ano das ciências sociais eu jamais pensaria em... em ensinar Sociologia por exemplo. E então eu devo acho que muito disso pela... pela presença dessas professoras que é a Sueli Felix e... Sueli Mendonça me desculpa e a Valeria Barbosa.
57	César Silva	E cara e... eu me formei portanto em 2007, aí 2008 eu fiz a o bacharelado na... no intercâmbio na USP, e a Sociologia volta em 2009 né, então eu vô a... como professor contratado em fevereiro de 2009 eu começo a dar aulas... em Sorocaba que é a cidade... da onde eu sou natural.

58	César Silva	Eu tô em São Paulo, mas eu opto em voltar pra Sorocaba pra viver essa experiência no bairro onde eu cresci né, e na escola, não na escola onde eu estudei, mas na escola do bairro, e... e fico lá <b>2009 e 2010 e... vivenciando esse currículo né, com o material do... os caderninhos de Sociologia né, e... e sentindo qual que é desse currículo, se rola, se não rola, eu já percebia que tinham coisas muito avançadas ali, e outras muito desconexas, do que a realidade da escola né, no Ensino Médio com uma aula de Sociologia por semana.</b>
59	César Silva	E... isso era nítido na experiência de ensinar né, e... diante disso e... em 2010 eu acabo sendo convidado pelo PCNP de filosofia na... da diretoria de ensino de Sorocaba, convidado não, convocado, pras oficinas e... na oficina... oficina de ensino acho que é o nome, onde tem os cursos de atualização né, na diretoria, e... eu participo acredito que de quatro encontros né, que o PCNP chamado Adão, ele fez, e nesses encontros a gente discutiu, raça, gênero, como trabalhar isso no currículo de Sociologia.
60	César Silva	Nesses encontros eles sempre nos falava, ó... e... na sede da secretaria não tem ninguém que cuide de Sociologia, não tem um responsável pela disciplina, e... quem cuida disso lá por enquanto é como eu aqui, alguém da filosofia, a gente tem que brigar pra que haja alguém em Sociologia responsável pelo currículo né, na... na sede da CENP que era o órgão.
61	César Silva	E... no final dessas quatro... encontros, dessas quatro oficinas né, orientações técnicas é o nome né, lembrei agora OT (falou sorrindo por ter lembrado do termo correto), no final dessas OTs e... a gente entrega um trabalho pra ele, e eu entreguei sobre a questão da... racial no Brasil, o branqueamento, como trabalhar isso o segundo ano de Sociologia né, na discussão sobre cultura e... na devolutiva que ele me faz, ele fala que gostaria de me indicar a equipe da CENP, a equipe de ciências humanas pra compor a equipe né?
62	César Silva	Ele falou 'olha na próxima oportunidade que eu tive de estar com esse grupo eu gostaria muito de dizer, olha tem um professor em Sorocaba que fez um trabalho muito bom e tals e eu gostaria de indicá-lo pra e... de repente fazer, parte da equipe' né?
63	César Silva	Eu tava assim, não tava cursando mestrado, e tinha concluído somente a licenciatura e o bacharelado, mas sentia que precisava fazer o mestrado né, em alguma área que fosse da Sociologia ou não, e... isso foi 2011 e... no começo eu prestei um processo seletivo em 2011, passei no mestrado em Estudos Culturais aqui na USP Leste.

64	César Silva	E... em fevereiro mais ou menos, em março ele se reuniu com essa equipe da CENP, a equipe de ciências humanas, e... e comentou... né, comentou que tinha um professor que foi aluno dele nas OTs, e que ele achou que daria liga, então ele me escreveu e falou ‘cara manda um currículo teu pra essa equipe, e... pra que eles possam eventualmente te entrevistar’, foi assim que chegou o primeiro contato né?
65	César Silva	E... eu eu fiz essa entrevista por volta de abril de 2011, e... em maio, no início de maio a equipe me deu um retorno dizendo que iria me convoca, né, pra fazer parte, e coincidiu que tinha começado o mestrado em São Paulo, então ficaria até viável pra que eu viesse pra cá, deixasse e... a escola em Sorocaba e... e... atuasse aqui né.
66	César Silva	Bom esse foi o percurso que eu cheguei né, uma coisa interessante que marca pra mim isso, e marca também o... a desestrutura que a Sociologia tava na secretaria da educação foi que no... no primeiro ou no segundo dia assim e... uma pessoa da equipe me levou pra conhecer as dependências do prédio na Caetano de Campos né, aí eu tô lá conhecendo algumas salas e eu pergunto ‘e que horas eu vou conhecer o responsável superior a mim, pela Sociologia?’, ela diz, ‘não, não vai’, ‘mas porque?’ ‘porque não tem né? é você! Tipo, não existe alguém que vai supervisiona o seu trabalho, digamos’, e aquilo me impacta demais assim, porque, eu tinha uma dimensão que era um cargo mais executor, da coisa, né, não um cargo de responsabilidade inclusive jurídica, sabe?
67	César Silva	E... então eu lembro disso assim nos primeiros dias me dá aquele frio na barriga, e fala ‘cara acho que não é isso não’. só que também me recupero a memória dessas professoras que eu comecei a fala, que... e... eu não ia compor junto a uma equipe que já tava extremamente estruturada, seria eu essa pessoa que teria que dá as rédeas nesse momento.
68	César Silva	Quando eu chego a Sociologia tá com a responsabilidade da... da técnica de filosofia né, e... (passa a fazer uma fala mais pausada) houve um período que com a saída da Juliana... a Tânia cuida disso né... de Sociologia... estabelece os contatos com as diretorias e tudo mais e com a minha chegada a gente anuncia então para as diretorias que a partir de... maio de 2011 eu seria o técnico responsável pela disciplina né?

69	César Silva	E... então... não sei se esse início te ajuda a fazer conexões... eu fiquei de maio de 2011 a... março e... de 2012, mas oficialmente até junho de 2012, assim, porque entre maio e junho eu fiquei transitando entre, a... a equipe de ciências humanas e o Núcleo de Inclusão Educacional, como não tinha... e... (volta a falar sem pausas) eu sou convidado em março de 2012 a sair né, e ocupar a direção do Núcleo de Inclusão, mas entre março e junho não se publica e oficialmente a minha transferência, então eu acabo trabalhando e com as duas frentes né, e... eu vou contar um pouco mais sobre o que foi basicamente esse um ano né, acho que... que é nisso que eu e... consigo colaborar né, a... tudo bem o ritmo de fala tal? [tá ótimo].
70	César Silva	Bom, quando eu chego como disse Celso e... em que pé que estava? né, a Sociologia tava em... cuidar da distribuição de cadernos e... ainda não se falava de revisão de cadernos a... eu cheguei com a chegada também de uma nova coordenadora na CENP que ficou pouco tempo, Professora Lurdes, não lembro os nomes e sobrenomes, mas isso é fácil de encontrar né?
71	César Silva	E... a gente tava vivendo um processo interno muito de mudanças assim, mudanças de prédio, nós vínhamos pra cá, eu cheguei e comecei encaixotar coisas, foi o meu primeiro trabalho né, e... nas primeiras... primeira semana pra mudar pro prédio da EFAP, mas aqui anda sendo CENP.
72	César Silva	E... e aqui, a direção, o direcionamento da política pública era, nós não vamos a... trazer mais os PCNPs pra... pra sede, a gente vai fazer visitas e formações desses PCNPs nas diretorias, as equipes curriculares vão e... fazer um plano de visitação, e de formação teórica nas diretorias né, primeiro o jornada que eu pego.. empreitada que eu pego no cargo foi esse, de estruturar um conteúdo e... de ciências humanas e não exclusivamente da disciplina, então... (dá uma pausa) eu achei contraditório porque, eles chamaram pessoas pra cuidar das disciplinas, pra dá mais gás, já tinha e, pessoas na Geografia composta por dois, na história, na Filosofia uma, nas ciências sociais com a minha chegada um.
73	César Silva	<b>E essa equipe teria que dar formações pros PCNPs nos... nos núcleos pedagógicos, na época chamados de oficinas pedagógicas e... mas um texto genérico das ciências humanas, e não evocando tanto a especificidade da disciplina né, o que me pareceu estranho porque enfim né, e... agora que a gente tava com uma equipe... formadinha digamos assim, a gente tratou de modo mais generalista.</b>

74	César Silva	E... essa experiência eu... achei que ela foi muito... incipiente assim, a gente e.. visitou... (deu uma pausa rápida na fala) tinha o plano de que e... ao longo do ano a... teríamos um X número de diretorias pra visitar, e a ideia é que, em quatro anos se visitasse as noventa e tantas diretorias de ensino... né?
75	César Silva	Mas as formações eram rápidas, eram de um dia, e eram poucas, e na verdade era muito e... protocolar... (breve pausa na fala) porque... às vezes você viajava muito cedo, chegava já na metade da manhã, ou já no horário do almoço se reunia e... quando ia no mesmo dia né, enfim... e já fazia ali uma discussão meio que ah de um texto tal, mandava o texto previamente né, essa foi uma decisão das ciências humanas.
76	César Silva	As outras equipes puderam fazer coisas diferentes, mas o encaminhamento que se deu foi de trabalhar um texto que eu me lembro que era sobre... e, criação de comunidades de práticas educativas, então pra que esses coordenadores, trabalhassem em comunidades de práticas educativas com os professores das escolas, era o texto de um de um cara português, que esteve aqui inclusive na EFAP ministrando um... uma palestra sobre o conceito.
77	César Silva	E... isso duro digamos que... até o fim do ano né, de... de maio até o fim do ano a gente visitou as diretorias, então essa foi a grande ação, no que que ela culminou? <b>ela culminou num seminário de ciências humanas na sede da... do Caetano de Campos né, lá foram acho que quatro dias e que... baseado nessas formações que a gente fez a gente trouxe aí sim discussões das ciências humanas, mas também disciplinares né... e... eu devo ter algum registro disso posso te mandar também flyer essas coisas, talvez você tenha participado não tenho certeza... é né? e... e nessa... então assim... essa foi a... a política de formação principal, e... das ciências humanas.</b>
78	César Silva	De Sociologia que que a gente fez? Em junho eu já... maio entrei, em junho julho férias e... eu e uma técnica de história a Edna a gente tava embarcando para o encontro de ensino de Sociologia, que ocorreu em Curitiba, então... eu já tinha enviado como professor uma proposta de oficina, e um... e um papper também pra apresentar, sobre práticas que eu tava utilizando na sala de aula e... aproveitei o ensejo a gente pediu autorização pra poder também e, irmos como representantes da secretaria da educação.
79	César Silva	A nossa participação e... enquanto secretaria não foi e... de destaque assim, foi mesmo de ouvinte né, a ideia era que a gente se apropria-se das discussões que estavam sendo feitas com o retorno da Sociologia né?



80	César Silva	Uma coisa muito importante de... de trazer eu acredito, talvez a Juliana tenha dito sobre isso (faz uma fala mais pausada, devido provavelmente ao contexto vivenciado) e... no cenário nacional o fato de São Paulo ter sido o último a... aprovar o retorno do ensino de Sociologia, isso pesou muito, nas críticas né, no momento nos GTs, nos encontros onde a gente se colocava como o responsável pela disciplina, eu né, porque a minha colega tava só acompanhando.
81	César Silva	E... a gente sentiu que... a... <b>inquietações né, mas por que? porque que vocês não aprovaram? quais foram as resistências? né? Qual foi o papel do Conselho Estadual de Educação nisso? e... em refrear essa recomendação do... do MEC? Sabe, e... nós aí ficávamos de certa forma atados porque... a gente não tinha como responder por um processo que se deu em 2008 2009 né, no entanto a gente sabia o peso disso assim, e... eu eu acredito que isso fez com que toda a formação se atrasasse né, o entendimento do currículo demorasse mais, a recusa até mesmo de... da rede né, dos professores que iam trabalhar aquele currículo, a... muitas vezes a gente e... entendeu que foi por conta dessa recusa institucional em... implementar Sociologia... né, isso deu pra sentir um pouco nesse encontro, nesse... o ENESEB ele precede o... a reunião da SBS, não sei se ainda hoje né, mas naquele ano foi assim.</b>
82	César Silva	E... bom, feito isso em... nesse meio tempo, eu também convidei pra compor a equipe o Antonio. O Antonio eu conheci ele na graduação, nós não éramos amigos, mas a gente compartilhava de alguns grupos de pesquisa e do... do programa de educação tutorial a gente era membro e... eu reencontro ele em São Paulo né, como professor, dando aula no EJA, visitava minha casa porque tínhamos amigos em comuns, e aí eu o convido, eu lembro que ele chega em junho e... ele não participa do ENESEB, porque aí e... já tinha sido acordado que haveriam duas participações minha e da Edna, ela fala 'não tô chegando agora as duas primeiras semanas, eu vou ficar por aqui pra me ambienta' né?
83	César Silva	E... mas o Antonio é parte... digamos fundamental e qualitativa pra essa implementação assim, e... a gente junto conseguiu entender que... e... a gente precisaria, primeiro cuidar do terreno, veja, a... equipe de Sociologia do estado não tinha livro de Sociologia, por exemplo, então a gente começou, e... a pensar em como a gente estrutura aqui pros próximos... né?

84	César Silva	Se tem material, se tem dados, quem são os nossos interlocutores nas secretarias, ou melhor nas... nas diretorias de ensino e... prospectar quem eram os sociólogos da rede, qual a formação, então, o Antonio ajudou muito em fazer pesquisa, questionário né, pra gente levantar dados e... de como se... como tava é estruturado e formado aquele momento.
85	César Silva	Nessa ocasião a gente percebeu que pouquíssimos eram formados em licenciatura e... em Ciências Sociais né, e... isso levantou muitos desafios porque daí a formação não... não podia ficar sendo feita especificamente pra um formado em Ciências Sociais, ela tinha que trazer também quem veio da história, quem veio da filosofia, tinha gente do direito... né, a gente e... precisou fazer esse... essa abordagem um pouco mais generalista na hora de trazer os PCNPs pras formações né?
86	César Silva	Eu me lembro que nesse ano a gente também apoio um encontro do ensino de Sociologia aqui na Unesp no... no campos São Paulo, e... foi um convite de uma associação né, de Sociologia, e... encabeçados pelas professoras da licenciatura também que eu comentei no início da entrevista, e a gente então conseguiu a... pedir que... houvesse a convocação dos professores e... pra que pudessem participar dessa, agora eu não lembro se eram professores ou dos PCNPs... tenho dúvidas ... eu acredito que PCNPs e professores né?
87	César Silva	E... garantindo a diária deles pra que eles pudessem vir tal, foi um ou dois dias de encontro... dois dias de encontro, e aí a gente então foi uma das primeiras ações que... de discutir mesmo o ensino de Sociologia, que tava implementada na rede desde 2009... né?
88	César Silva	O ENSEB era nacional então não tínhamos como garantir, ou fazer a convocação dos professores pra lá, isso não foi possível, na época a gente tentou mas não deu, mas no encontro estadual a gente conseguiu né? E... então esse foi um primeiro ponto interessante assim... que alí a gente ouviu muitas falas questionando tal... a negligência e... pra com a disciplina, e com formação e tudo mais, e então a partir disso a gente modulou pra 2012 algumas coisas.
89	César Silva	<b>Bom... em 2012, o que que a gente vai se centra? né, nessa experiência a... Antonio e eu a gente tem duas missões, ah! e nesse meio tempo muda a coordenação não tem mais encontro de formação nas diretorias tá, e... a gente vai se centrar na revisão dos cadernos e... e é uma revisão no sentido mesmo não só das atividades, mas do conceito né e afetando diretamente o que era o currículo, a gente começa a discutir o currículo pra depois ir pros cadernos de atividade né?</b>

90	César Silva	E... essa revisão, uma das primeiras ações que a gente fez... se precisar me interromper também fica a vontade, foi uma entrevista com as pessoa que escreveram o currículo do estado de São Paulo né, a gente conseguiu marcar uma reunião a... na USP com a Professora Luiza Martins e com mais duas autoras e... que agora eu não me recordo o nome a... tinha mais um... um autor mas ele não pode estar presente, e na conversa com essas três autoras do... currículo e dos cadernos, uma coisa se colocou muito forte entre a gente e... nenhuma delas fez licenciatura né?
91	César Silva	E... nenhuma delas tinha experienciado o ensino a... de Sociologia na rede pública e tão pouco na particular, e sim no ensino superior somente, ali me caiu muitas chaves de quando eu tava na sala de aula em 2009 né, na incompatibilidade as vezes de algumas propostas, como, por exemplo, naquela época no caderno pedia pra que o aluno lesse, ainda que com ajuda de um dicionário Raça e História do Lévi-Strauss... né, então e... não era condizente com... com o que dava pra fazer em sala de aula assim.
92	César Silva	E... uma das discussões que a gente fez a partir disso era da necessidade já trazida pelos professores no encontro estadual do ensino de Sociologia de ampliação pra duas hora aulas, e não mais uma, então essa foi a bandeira que a gente levantou em 2019 (o entrevistado se confunde com os anos, nesse caso foi entre 2010 e 2012) que era e... reformula com mais proximidade os cadernos de Sociologia e o currículo se fosse possível.
93	César Silva	E... ampliar pra duas horas aulas o ensino de Sociologia, as aulas de ... semanais, e... e promover mais encontros especificamente pra formação dos temas de Sociologia e não... sair daquela lógica das ciências humanas como um todo, porque ela ficava e... negligenciava um pouco as demandas dos professores pro ensino né, da disciplina.

94	César Silva	<p>E... bom, a gente então conversou com as criadoras do currículo, depois nós convidamos especialistas pra e... alguém que se propusesse a repensar o currículo né, e por fim a gente começou uma revisão dos cadernos com os PCNPs, com aquele grupo de trabalho que inclusive você fez parte e... tentando primeiro ver o que tinha problema, o que os professores nas... nas escolas e... se queixavam, o que eles gostavam, que não dava certo né, trazendo isso pela ótica também colhida pelos PCNPs, acho que me lembro muito de que isso foi um encontro muito forte assim, da gente pensar, não é preciso realmente algumas mudanças, e... a gente não sabe exatamente como vai fazer, quem pode fazer, havia o fato de que a Fundação Vanzolini é quem iria a... executar as mudanças, mas que a gente proporia né, e no final das contas não foi muito por aí né?</p>
95	César Silva	<p>Bom, e... em termos grandes... (dá uma leve pausa e sorri) eu já talvez tenha colocado os pontos no que foi possível eu atuar, porque e... eu fiquei mais concentrado no segundo semestre de 2011 e no segundo... no primeiro semestre de 2012 né, o Antonio deu continuidade, a... equipe ainda por bastante tempo, a gente quando em março eu fui convidado a... a deixar, a compor né, o Núcleo de Inclusão a gente fez um processo pra trazer outra pessoa pro meu lugar, e nisso é um processo muitíssimo interessante porque, a gente trouxe, a gente entrevistou cerca de... 46 candidatos, não a gente recebeu como currículo 46 candidatos e... todos formados em Ciências Sociais com licenciatura.</p>
96	César Silva	<p>Nisso a gente entrevistou cerca de 20 né, presencialmente, fomos até... algumas diretoria também entrevista, e... aí a gente trouxe pra compor a equipe no... meu lugar o Jorge, e... que tem formação, acho que a formação dele é na PUC, se não me engano PUC Minas, e... e foi ai quando eu deixo a equipe faço só a transição trago o Jorge e tal, a gente ambientaliza ele aqui e eu tô lá e cá né?</p>
97	César Silva	<p>Então foi uma... uma contribuição rápida, eu acredito, mas a gente... ah! lembrei de mais uma coisa! Desculpa, que me fugiu o raciocínio, nessa ações de 2012 também a gente também conseguiu selecionar livros pro... pro programa de livros, específicos de Sociologia né, a gente contou com um parecerista muito renomado e... e que fez um trabalho impecável de ler uma quantidade de obras que a gente previamente, as editoras enviaram né?</p>

98	César Silva	Não sei se ainda existe isso na rede, mas enfim, elas enviaram mostras de livros que elas trabalhavam pras áreas, a gente fez uma selecionada prévia, livros pros professores e livros pro aluno, pra biblioteca, e... a gente teve esse trabalho pela primeira vez também de... de material indo pra formação específica, lembro muito de um deles, que chama... diferentes e... me lembro muito dele, mas não lembro do nome, e... diferenças e igualdade alguma coisa assim, e... que foi muito bem avaliado pelos professores depois né, a... mas que foi umas das coisa que a gente conseguiu e garantir esse envio de livros agora sim pra Sociologia porque antes não tinha né, então enfim algumas ações que eu consigo lembrar, peço desculpas se eu não consegui rememorar tudo e... eu acho que é isso da primeira pergunta, já me estendi muito.
Questão 2	Celso	No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.
99	César Silva	Cara, eu acho que eu falei dela mas, pra mim é uma das principais... (pensou um pouco) e... ações, foi o nosso enfrentamento, a... interno com os agentes da política educacional, pra ampliação da carga de... de aula de Sociologia né?
100	César Silva	A gente coleteo, ainda no 2012 quando isso altera, eu já não tava mais na equipe, mais, interessado que tava nisso, é a percepção dos professores sobre... e... a carga de... de uma pra duas aulas né?
101	César Silva	Isso melhorou qualitativamente a experiência, óbvio com todos os percalços que tem, né, mas o fato é, e eu também quanto professor na escola sentia muito isso, (volta a falar pausadamente) e... <b>é uma disciplina que você precisa, apresentar o tema, desconstruir o tema, e... desnaturalizar como eles chama, estranha e desnaturalizar e, reconstrui com outras bases né, o conceito do senso comum é ali aquebrantado tal, questionado, posto em estranhamento, e você com uma aula, você não tem tempo hábil, e tem muitas interferências, em sala de aula, pra que você consiga ofertar pro aluno uma outra forma de pensar o assunto né, e... com... com base em dados, com base nos estudos que foram feitos nas pesquisas.</b>
102	César Silva	E... parece diferente, mas <b>o fato de ter duas aulas já auxiliava nesse processo e... quando a gente e... consegue essa mudança na... na matriz curricular, você tem professores que conseguiram ajustar melhor né, a sua forma de dar aula, ajustar melhor o uso, do material didático proporcionado, né?</b>

103	César Silva	Então muitas vezes o ele não cumpria, não queria... seguir uma sequência didática que... que tava ali no caderno, embora não fosse obrigatório, quero deixar isso bem claro (falou sorrindo) né, que era uma discussão gigante quando a gente assumiu a... e... o ensino aqui de Sociologia.
104	César Silva	(pensou um pouco) E... com duas aulas você podia planejar melhor, o momento que você ia fazer esse processo de... de aprendizado né, e... então essa foi um retorno que eu... tive quando, já... como diretor do do Núcleo de Inclusão eu visitava alguma diretoria, reencontrava PCNPs, eu sempre perguntava isso, como é que os professores tão achando, de agora ter duas? melhorou? não melhorou? ah melhorou tinha... tinha mais... e... respiro, do que 50 minutos ou as vezes 45 né, no noturno.
105	César Silva	E... esse foi um processo muito... que eu... me orgulho muito de ter feito parte como gestor né, e... era fundamental a gente ter mais espaço, dentro da matriz né, e... acredito que isso se deu com muitos embates né, a gente foi muito bom de briga nesse sentido aqui dentro, e... de mostrar a necessidade, de fortalecer isso, de... de garantir que haveria e... condições de... de ofertar duas... duas horas aulas né?
106	César Silva	Era... era uma coisa um pouco questionada talvez por... não sei se pela rede, mas internamente né, então isso acredito que tenha sido bom, e uma outra coisa que eu me orgulho e... de ter participado e... e... potencializado, foi trazer sempre mais e... a fala dos professores e dos PCNPs que estavam nas localidades, assim, não ter tomado atitudes e... no isolamento que o cargo... possibilitava né?
107	César Silva	Eu acho que... na medida do possível a gente tentou nos encontros que ocorreram aqui e... escuta, dá voz, e... e... e... ter um pouco de... ter muita referência na verdade, e... desse profissional que tava na escola ou na diretoria, uma das coisas que me lamento, e talvez fosse utopia, pra gestão... e... educacional aqui quanto política pública, é que eu sempre quis que a gente tivesse grupos focais com alunos, inclusive na revisão dos cadernos, essa era uma coisa que eu teimava, na minha proposta de... de como a gente vai executar a revisão e... de que a gente fosse fazer o... as escutas com os alunos mesmo assim.
108	César Silva	Muita gente achava isso desnecessário, obviamente que não, não o Antonio, não eu, não os PCNPs que fizeram o grupo de trabalho, mais outros gestores achavam que isso é inviável, que isso não mudava em nada, porque o aluno é passivo né, eles tem que receber o conteúdo, ele não é capaz de pensar sobre, o que eu sempre questioneei, e... então isso não foi possível de implementar.

109	César Silva	Mas... eu acredito que ter trazido pelo menos mais vezes pra cá [os PCNPs] foi muito válido e... por fim se... se couber também eu acredito que, ter feito a discussão sobre... marcadores sociais das diferenças dentro da Sociologia também né?
110	César Silva	Logo que eu... que eu chego na equipe de ciências humanas, eu meio que acabo me dispondo, ou me colocando a dispor pra cuidar das questões étnico-raciais, né?
111	César Silva	E... e isso... e... vai sendo incorporado né, ao ponto de que é o que vai me levar a cuidar de diversidade na... e inclusão educacional meses depois, porque enfim, as demandas começam a chegar, 'ah tem o César de Sociologia que cuida disso', aí até de... de... educação religiosa eu tive que responder, de ensino religioso.
112	César Silva	E... mas naturalmente as coisas foram se conglomerando no meu entorno e do Antonio, então a gente pode trazer pras formações de... pras OTs, questão de raça, gênero, sexualidade que eram demandas que os professores falavam, eu não sei trabalhar esses assuntos na escola... né, e aí acho que isso foi também um ponto positivo né, de... articular e... palestrantes, a gente contratou e... via FDE uma série de especialistas que puderam dar parecer, participar de... de formações, de orientações técnicas, então a gente não ficou só no diálogo burocrático com esse PCNP.
113	César Silva	Essa é a visão que eu tenho né, do que a gente fez obviamente, e... eu acho que é isso. (para e pensa um pouco para concluir) Obviamente que as coisas continuaram... continuaram de outras maneiras, mas a minha lembrança, talvez... já virou lembrança né!? (fala sorrindo do que lembrou) e... foi um pouco... passa um pouco por aí

#### **Informações sobre a pessoa entrevistada**

Antonio nessa cronologia foi o terceiro técnico a assumir as responsabilidades sobre a Sociologia, ao entrar atuou primeiramente com César, logo depois com Jorge e Marco na CGEB. Foi professor efetivo na rede estadual, também formado em Ciências Sociais.

#### **Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista**

A entrevista foi realizada em uma lanchonete indicada pelo entrevistado, até por ele considerar que seria um local mais tranquilo para realizar a entrevista, havendo a pouca possibilidade de alguma intervenção que viesse a trabalhar sua fala. A postura do entrevistado era de tranquilidade, apesar de ter horário um pouco justo devida o outro compromisso que teria algumas horas depois, mencionou se sentir contente pelo convite. Ao explicar o objetivo da pesquisa e a metodologia o entrevistado demonstrou mais satisfação, sorrindo, sabendo que iria contribuir para uma pesquisa que buscará trazer relatos sobre sua atuação na então Secretaria Estadual de Educação (SEE-SP) na equipe de sociologia, além de citar que a fala dos demais colegas que também atuaram na equipe poderia me auxiliar

com mais informações, contemplando um histórico do que foi realizado.

<b>Parágrafo</b>	<b>Autor da fala</b>	<b>Narrativa</b>
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?
114	Antonio	Tá! (pensou um pouco) Bom, acho que assim, a minha trajetória dentro da educação foi um pouco..., acho que foi bem mais, foi bem marcante por conta dessa passagem na secretaria e..., eu sempre tive mais haver com essa questão de política pública do que necessariamente com a questão do ensino né, então... eu comecei na verdade em 2010 como professor da rede e já em 2011, eu fui chamado pra CGEB né, que é a antiga CGEB, pra equipe de sociologia que tava sendo formada na CGEB e... eu assim, acabei aceitando rapidamente, porque eu sempre achei mais interessante trabalhar nesse, nessa linha de política pública.
115	Antonio	E aí assim, indo pra secretaria acho que assim foi... eu percebi que era realmente aquilo que eu gostava de fazer, assim, mais do que ser professor, vamos dizer assim né, eu sempre falo que eu nunca me considere um bom professor, apesar de nunca de ter tido muitos problemas com os alunos tal, e essas coisas... mesmo, né... eu passei por 3 escolas, em todas eu nunca tive problema com a direção essas coisas e tudo mais, mas foi que ali na secretaria de educação que eu me senti bem realizado profissionalmente, eu acho que convergiu muito com as coisas que eu estudei na faculdade de ciências sociais e tudo aquilo que me interessava dentro do... do que eu fui estudando ao longo da... do bacharelado e da licenciatura.
116	Antonio	Então assim pra mim ter feito parte da secretaria da educação né, a despeito de uma questão, vamos dizer assim, de posicionamento político que não não é o mesmo, vamos dizer assim, do ponto de vista pessoal, até mesmo por isso eu aceitei também trabalhar e testa o que seria o limite de uma burocracia estatal né, e eu acho que a gente teve bons frutos assim, e... ter conhecimento da rede, você conhecer o interior eu acho que isso foi uma das coisas que... que foi bastante enriquecedora, eu já fiz ciências sociais em Marília e já tinha tido contado com a rede lá por conta de um projeto de extensão, mas o fato de você tá em nível de política pública, você ter o contato com as diretorias eu acho que isso também, foi bastante... revelador no sentido de que... a gente não... quando a gente tá na sala de aula, a gente não tem a dimensão do que é a máquina pública né, então eu acho que isso foi bastante revelador nesse sentido.



117	Antonio	E... o fato de que assim, sendo um quadro técnico vai, vamos dizer assim, que não é aquele quadro técnico do alto escalão né, eu acho que a gente teve bastante autonomia até pra trabalhar, e isso foi uma coisa que me deu muito, muita satisfação assim... e... até o momento eu decidi sair eu sempre... eu sempre me vi muito respaldado assim e pra atuar do jeito que eu sempre tava de acordo com o que eu vejo de política pública né... então teve... teve vários momentos assim tipo, alguns momentos onde houve um atrito com hierarquias e tudo mais, mas eu sempre consegui manter o meu posicionamento e de alguma forma isso se resolveu em outras instâncias.
118	Antonio	<b>E eu acho que ter conseguido estruturar um pouco o que foi né essa implementação da sociologia nesse período de 2011 a 2015 que é onde eu tava trabalhando eu acho que foi... deu pra ver... assim a gente conseguiu perceber que teve algum resultado, teve algum impacto pelo menos na rede né... eu acho que... pra mim foi um momento que foi bastante e... marcante pra pensar o que que foi o resultado daquilo tudo, foi uma videoconferência que a gente fez que a gente articulou com os PCNPs que na época que você trabalhava na DE lá, que a gente tinha conseguiu articular com a convocação de professores né, participar na diretoria, isso acho que a gente tê conseguido mobilizar vai 400 professores da rede numa videoconferência, eu acho que isso é uma coisa... tipo mostra o resultado de algum trabalho que a gente tava desenvolvendo.</b>
119	Antonio	Então pra mim acho que isso foi... foi legal justamente porque assim, foi o momento, vamos dizer um ápice onde pra mim não importava se a cara da secretaria né tem muito aquilo de professor, a secretaria só tem um bando de pessoas que são pau mandado, que não entende nada de educação essas coisas sendo que ali eu acho que foi... e bem bem bem simbólico das discussões que tava lá.
120	Antonio	Eu não se esse vídeo ainda tá na rede tal, da Rede do Saber, eu lembro que ele não tinha sido colocado mas assim, a gente brigou porque que essa videoconferência não tá lá? (Fala sorrindo ao fazer esse questionamento) Mas eu acho que isso foi marcante pra mim assim e... pelo fato eu passei pela sociologia depois eu fui pro NINC né, participar da questão de direitos humanos e da Fundação Casa eu acho que isso também me fez sentir valorizado porque na verdade foi... um convite que fizeram pra mim e tal... e assim ... é aquela coisa da gente sempre querer não se acomodar né?

121	Antonio	Então eu acho que... eu senti que dentro da sociologia já tinha, sei lá... não que tinha acabado, mas eu acho que eu naquele momento tava sentindo que eu precisava de algo mais... alguma coisa mais desafiadora no sentido de e... fazer alguma coisa... que me desse mais tesão de trabalhar de novo, vamos dizer assim né?
122	Antonio	E... foi mais ou menos parecido com o que aconteceu um pouco com a sociologia quando eu fui pro NINC era mais ou menos pra reestruturar toda a questão da relação da Fundação Casa e... com a questão dos Direitos Humanos e também eu fiquei bem menos tempo né, eu acabei decidindo, decidi sair nesse momento, por várias questões e aí... eu fiquei pouco tempo lá, mas eu acho que... acho que eu fiquei 6 meses se eu não me engano no NINC, mas mesmo assim foi um tempo bastante interessante onde eu vi que, mesmo nesse curto tempo, essa relação com a Fundação Casa ela voltou a ser uma coisa menos tensa do que era antes quando eu cheguei assim.
123	Antonio	Então assim eu acho que pra mim foi bem interessante eu acho que né... (pensou um pouco) as vezes a gente não precisa, eu acho que as vezes a gente não precisa ter tanta modéstia, eu acho que a gente conseguiu marcar algumas coisas do do da secretaria da educação com o trabalho que a gente fez né, seja na equipe de ciências humanas, na sociologia, seja no NINC assim.
Questão 2	Celso	No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.
124	Antonio	Aí eu acho que tem... (pensou um pouco) tem duas coisas que eu acho que são bem assim importantes né... e... A primeira ação eu acho que... tem haver com o... a mudança da grade das ciências humanas e da sociologia e da filosofia e... se não me engano a partir de 2012 ou 2013 né... que antes era uma aula só, e aí a partir de 2012, passa a ter duas aulas de sociologia e filosofia no ensino médio.
125	Antonio	Eu acho que isso, assim não foi uma ação direta nossa, vamos dizer assim quanto equipe, mas... foi ali que eu acho que eu percebi que a política pública ela realmente vai além né, de um... de uma questão... meramente governamental e ali, eu percebi que... se os quadros né, que mandam de fato eles querem bancar uma política pública eles conseguem, então aquilo, foi aquele momento assim... e... a tomada de decisão de ampliar a carga horária de filosofia e sociologia é óbvio que assim a gente respaldou essa mudança e... a gente sentiu que isso se refletiu nos quadros de decisão, que principalmente, o principal defensor na época era o Padula o que era... o secretário adjunto.

126	Antonio	Então esse eu acho que foi uma primeira ação que foi assim, que alterou vamos dizer assim, o patamar da sociologia mesmo porque assim todo mundo questionava né? o que é ter sociologia filosofia uma vez por semana? assim... e... eu acho que isso deu respaldo pra gente atuar mais incisivamente assim.
127	Antonio	E... e segundo assim <b>foi uma coisa que como técnico a gente, quando a gente entrou principalmente eu e o César que a gente tava lá no começo né, primeiro o César depois eu entrei logo em seguida foi e... esse ponto de... da questão de formação dos professores e dos PCNPs né, PCOP, PCNP que na época houve uma alteração e... que quando a gente começou a trabalhar essa coisa da... da formação do PCNP... de tentar atingir o professor lá da... na ponta que a gente entrou numa postura, no começo um pouco vamos dizer assim... bem radical né, de fazer a gente precisa forçar com que a rede incluía assim os professores de sociologia não fazer um remendo com os professores de outras áreas né, isso a gente queria replicar desde o PCNP.</b>
128	Antonio	Então no começo a gente forçava a barra pra que assim fosse só o PCNP de sociologia pras formações, que acabou não acontecendo, primeiro porque tinha bem poucos... e aí (risos) e... foi uma coisa que a gente percebeu depois, tudo bem a gente tem que trabalhar com a realidade da rede e o que que isso acarreta né, vale mais a gente ter... e... alguém que consiga passar as formações pra frente né, ainda que de uma forma, sei lá, e... não da forma adequada, ou ideal como a gente tava pensando, mas assim conseguir fazer com que essas pessoas tenham... uma sensibilidade voltada pra sociologia né?
129	Antonio	Eu acho que isso também foi algo... acho que isso também foi algo que foi muito bem sucedido da ação de uma equipe técnica né... tanto é que assim eu acho que as ações de sociologia ela teve uma inserção, uma aceitação que foi... foi muito boa em nível das diretorias regionais né, eu acho que foi um trabalho que eles acabaram abraçando e... de uma forma que... não sei que como isso chega chegou na rede, mas quer dizer na verdade assim que depois eu fui trabalhar como professor, voltei na sala de aula, eu vejo que muito pouca chaga de fato assim.

130	Antonio	Mas... deu assim pra entender como que funciona novamente toda essa burocracia, essa máquina estatal, como as dificuldades, a realidade do dia-a-dia impõe muita coisa pras diretorias regionais assim, então eu acho que... seria um pouco isso assim, fora isso cara... é muito pouco enquanto trabalho de equipe técnica, eu acho que o alcance da gente é bem bem limitado assim né... isso deu pra perceber quando e... eu voltei na sala de aula, então principalmente no meu caso na minha experiência, que eu saí da sala de aula e fui pra secretaria, não passei por exemplo, na diretoria regional e voltei pra sala de aula de novo.
131	Antonio	Então eu fiz várias, fiz essa duas pontes né, das duas pontas pra ver o quanto esse alcance é muito limitado assim, acho que... pensando refletindo, acho que era isso assim, que mais marcou assim, porque essa questão de formação a gente acabou, mas eu não sei o quanto isso tem de impacto, teria a questão do... da revisão dos cadernos mas acho que isso nunca foi muito implementado na utilização na rede.
132	Antonio	Então eu acho que... <b>essa revisão, o material já era mal visto, então quando tem uma revisão não sei se isso se altera, vamos dizer assim... e mal visto em vários sentidos né, como a gente trabalhou nessa revisão, a gente sabe que são muitas das coisas e... do que tá no material de fato não se adequa, mas assim muitas vezes é uma resistência de um pré-conceito que os professores tem com o próprio material né, então acho que isso não daria pra avaliar assim, não sei se isso é o objetivo da pesquisa sua, e... isso não consigo acho que não teria um impacto assim que teve durante a minha participação na equipe de ciências humanas.</b>

#### Informações sobre a pessoa entrevistada

Jorge foi o quarto técnico a cuidar da Sociologia na CEGEB, também formado em Ciências Sociais e professor efetivo da rede. Acabou trabalhando durante quase 5 anos, sendo que atuou conjuntamente com Antonio, Marco e um tempo depois com Tatiana.

#### Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista

A entrevista foi realizada na PUC-SP conforme indicado pelo entrevistado, inicialmente ao conversarmos sobre a proposta da pesquisa, o entrevistado se mostrou um pouco receoso, se teria condições para contribuir com a pesquisa por fazer um certo tempo que se afastou da função de técnico da CGEB. Mencionei que o foco do trabalho e a proposta metodológica comportava a abordagem sobre aquilo que ele apresentasse de recordação. Fui indagado se havia algum tempo limite para realizar a sua fala, então comentei que a entrevista era aberta e temática, para contemplar a análise da narrativa em relação as recordações de sua atuação enquanto técnico. Conforme fui esclarecendo suas dúvidas ao mencionar a necessidade e importância de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o entrevistado foi ficando menos agitado e se sentindo mais a vontade para falar e apresentar um pouco do que havia vivenciado durante sua atuação como representante de sociologia da rede estadual de São Paulo.

Parágrafo	Autor da fala	Narrativa
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?
133	Jorge	Ahhh...(Pensou um pouco) Então assim... eu fui convidado a trabalhar na CGEB no ano de 2012 né, e... então assim a gente teve aí a inclusão da sociologia a partir de 2009, então assim eu estava em sala de aula, cumprindo até meu estágio probatório por ter passado no concurso, e assumido o cargo como efetivo que aí era um início de uma jornada que a gente vinha já lutando por isso e a gente acreditava muito e... que a sociologia é de grande importância no currículo da educação básica então, a gente vinha nessa.... nessas discussões quando foi aprovada a lei.
134	Jorge	Então assim, quando eu fui pra CGEB em 2012, em junho de 2012 já tinham por lá técnicos que estavam já trabalhando, então assim... na minha visão assim a expectativa era muito grande né, e... por se tratar de uma área nova que tava sendo e... fortalecida no currículo né, e... era importante fazer algo pra que isso se mantivesse.
135	Jorge	Então a nossa percepção era realmente essa de destacar a importância da sociologia, de mostrar que ela é importante para, digamos para a burocracia educacional, para o sistema de ensino, para os professores, para os próprios alunos e... é garantir que essa, que a sociologia permanecesse né, a ideia era essa, então assim a gente tinha aí e... um trabalho grande pra frente que já havia sido iniciado né?

136	Jorge	Então assim, a gente já tinha <b>quando eu cheguei já tinham passado pela CGEB uma técnica que era a Juliana né, que também desenvolveu um trabalho, veio o César né, o César Silva que iniciou após uma pausa que a Juliana ficou e saiu, e aí ela acompanhou bem a jornada inicial porque nós tivemos uma reestruturação curricular em 2008 então a gente teve aí o currículo sendo implementado né, ela veio na parte inicial junto com a professora Heloísa de Souza Martins que atuou na elaboração, na coordenação da elaboração do currículo e também do material didático que foi elaborado a partir do currículo, então a ótica era né?</b>
137	Jorge	Ela veio fez um trabalho inicial, junto com a professora Heloísa e aí assim era necessário montar a equipe na CGEB, foi quando o César Silva assumiu como técnico, veio a... o Antonio José que veio depois e nessa perspectiva a secretaria tava passando passando também por uma reestruturação né, que aí foi criada exatamente a CGEB que era uma coordenadoria de gestão da educação básica que iria atuar principalmente pra implementar o currículo né, pra definir as políticas curriculares.
138	Jorge	<b>Então era uma coordenadoria nova que aí assim eu cheguei todo mundo de certo modo tava também aprendendo, porque como se tratava de uma coordenadoria nova mudou a ótica de trabalho né, então assim havia uma outra forma de se trabalhar e aí houve essa reestruturação da secretaria que trouxe as coordenadorias né, separando a formação que é a EFAP, da da parte que a gente atuava que era a... prospectar o currículo, propor a política curricular e fazer né, essa implementação de materiais didáticos.</b>
139	Jorge	Então assim aí veio essa, pra mim foi assim né, algo que foi bastante relevante porque na época eu estava estudando sobre currículo né, fazia o mestrado na PUC em currículo, então trabalha com o currículo e com o currículo de sociologia vinha a somar muito já que inclusive a minha... o meu trabalho na pesquisa de mestrado era também sobre o ensino de sociologia, destacando o ensino de sociologia...
140	Jorge	Então a partir daí que eu entrei né, o César ele acabou tendo que sair, ele foi assumir outra demanda, foi ser diretor de um outro núcleo chamado NINC na época que era um núcleo da CGEB que cuidava da inclusão educacional e... e aí a gente foi trabalhar... assim eu e o Antonio José, e aí como o César saiu acabou vindo um outro técnico que foi o Marco Souza, e aí a gente formou um trio... meio um trio de sociologia que aí foi um período bastante vamos dizer... frutífero na CGEB acho que assim quando estava os 3 né, a gente acabou

		conseguindo fazer bastante coisa em relação as políticas que se esperavam pro currículo de sociologia.
141	Jorge	E... então assim a gente enfrentava um dilema que era: mas a CGEB não faz formação, quem faz formação é a EFAP, ah, mas e aí? a antiga CENP né, que é a Coordenadoria de Normas Pedagógicas fazia esse trabalho de formação, então a CENP virou a CGEB e o pessoal tinha essa dificuldade ainda de fazer essa leitura, qual era a função da CGEB já que tinha a EFAP que fazia a formação, então ficava essa dicotomia a CGEB faz formação não faz formação, ah não a CGEB faz orientação técnica, então assim a gente criou muito esse termo.
142	Jorge	Então assim e... o trabalho era realizado junto principalmente aos PCNPs né, e... de sociologia, na verdade e aí essa era a dificuldade também que a gente teve, nós tínhamos 91 diretorias de ensino né, e nem todas as diretorias de ensino havia um representante de sociologia né, então assim havia algum representante de ciências humanas que acabava cuidando da parte de sociologia.
143	Jorge	<b>Então a menor parte das diretorias na nossa época, acho que menos que 10 diretorias havia um PCNP específico, menos que 10, acho que 4 ou 5 né, havia que cuidava especificamente de sociologia, então meio que assim a gente tinha essa dificuldade, a gente formava fazia essa orientação técnica trabalhava a implementação do currículo e o trabalho com os materiais didáticos, mas acabava não não chegando muito até o professor, porque o profissional da sociologia que estava até conseguia fazer replicar isso fazer, mas outros não tinha a mesma digamos assim, a mesma.... (pensou um pouco) como posso dizer... não aderiu a ques... a importância de se trabalhar a formação dos professores em sala de aula, pra que essa formação chegasse até os professores.</b>

144	Jorge	Então muitos vinham faziam a formação mas acabava que não chegava tão ao professor né, por causa disso, por esses PCNPs de outra disciplinas, já terem uma série de outras demandas das suas respectivas disciplinas, seja história sociologia e... filosofia, mas assim eu penso que foi um momento muito frutífero que nós conseguimos fazer encontros regionais, nós conseguimos reunir PCNPs por área né, de ciências humanas, também a gente conseguiu fazer encontros em Serra Negra, a gente conseguiu fazer videoconferência, a gente conseguiu fazer OTs de grande nível aqui em São Paulo com... e aí que tá no início a gente tinha esse, esse apoio, havia um apoio porque o currículo, como o currículo tava em implementação, então a gente teve condições de contratar especialistas e... pra fazer formação nessas OTs né, havia um aporte financeiro pra isso, pra gente fazer esse encontros presenciais né?
145	Jorge	E... que ao longo do tempo que a gente, que eu senti que eu fiquei de 2012 até dois mil e... final de 2016 eles foram diminuindo esses recursos e essas possibilidades de trazer os respectivos PCNPs das diretorias de ensino para a capital e fazer esse trabalho de formação.
146	Jorge	Então assim... acho que foi muito importante a percepção que eu tenho é que a gente foi percebido né, mas o que eu percebo é que a gente foi percebido, pela burocracia educacional, porque assim a perspectiva do currículo é realmente de se integrar né, e na secretaria havia técnicos pra todas as disciplinas né, então assim e... e não havia pra sociologia, então a gente chegou lá, e aí gente começou a mostrar, ó estamos aqui, a sociologia é importante nisso, então e aí assim os temas que eram relevantes e... para o aluno estavam no nosso currículo né?
147	Jorge	E... e aí assim quando a gente apresentava, quando a secretaria apresentava uma demanda ah tem que trabalha cidadania, tem que trabalha a constituição, nós temos isso no nosso currículo, tem que trabalha a questão da mulher, da violência contra a mulher e aí assim essas demandas vinham da sociedade, essas demanda vinham da sociedade, e aí assim tava lá no nosso currículo, bastava que a gente impulsionasse isso lá na ponta né, pra que isso chegasse... essas temática chegassem no jovem.
148	Jorge	Então quando a Heloísa de Souza Martins ela elaborou o currículo ela... eu tive com ela fiz uma entrevista com ela, ela falou exatamente isso os temas que perturbam a vida do jovem né, então os temas que estão no nosso currículo eles são temas e... importantes para o debate da formação desses jovens né, então desde a questão da cultura, desde a questão do trabalho, do mundo do trabalho, a questão da violência né, então assim a questão da cidadania, então esses temas são de alta relevância pra discussão dessa



		faixa etária.
149	Jorge	Então acho que assim <b>a vontade nossa era que fossemos percebidos, e aí a gente acabou participando também de encontros que eram integrados com todas as disciplinas e eu acho que isso com o passar do tempo a gente foi meio que tentando fazer esse trabalho mais interdisciplinar possível né, dialogando com o pessoal das demais disciplinas, até de matemática a gente chegou fazer OT né, porque a sociologia trabalha bastante essa questão de estatística, então, assim a gente tentava dialogar com todo mundo, e principalmente dialogar com PCNP né, a gente elaborou ferramenta de pesquisa pra saber... qual que era a... necessidade desses PCNPs junto as Diretorias de Ensino em relação a formação do currículo.</b>
150	Jorge	<b>Então assim havia esse diálogo, havia esse contato, então a gente inaugurou uma outra forma que era assim, não só vir de cima para baixo né, não é só a demanda, não é só a secretaria que ia pauta né, então a gente passou a consulta... esses professores através de seus PCNPs, criamos então ferramentas on-line pra fazer esse diagnóstico, criamos grupos de e-mail, e... criamos depois grupos de Whatsapp, então assim, a ideia era que a informação circulasse e que a gente acolhesse essas demandas e... dos... PCNPs.</b>
151	Jorge	Então assim, eu acho que esse foi um trabalho efetivo, então com o passar do tempo a gente começou a ter mais dificuldade de reunir presencialmente né, e aí acabou prejudicando um pouco né, eu não sei como tá hoje né, e... a gente tá vivenciando uma reforma do ensino médio, então a gente tá em pleno vapor de mudança curricular, mas naquele momento que a gente tinha um currículo que era a nossa referência, a gente fez valer esses conteúdos né, fez valer esses conteúdos essa forma de trabalhar, a gente também tava muito atento as legislações né, porque assim, e... essa era a dificuldade... porque quando iniciou a sociologia havia inúmeras livros didáticos, assim cada um tratando de uma forma, abordando de uma forma e... havia... haviam currículos já, que já existiram né, desde a década de 80.

152	Jorge	<p>Mas aí o currículo que veio em 2008, ele veio meio que né, trazendo essa perspectiva nova né, trazendo a a... forma de trabalhar que vinha sendo discutido também em âmbito nacional, no âmbito das orientações curriculares nacionais e... que era a questão do trabalho por temas, teorias, conceitos... e aí a gente tinha também um... material didático que foi elaborado pela mesma equipe de sociologia, que toda a crítica que havia as vezes dos professores, tipo ser um material fechado e... mas ele, ele garantia que... que chegasse sociologia até a ponta, porque o que que a gente via qual o cenário, não tem esses números agora de cabeça, mas assim, nós tínhamos um alto número que tavam dando aula que não eram formados em sociologia, então essa era uma das dificuldades que a gente tinha, então, como é que a gente vai fazer chegar sociologia pra esse aluno? já que os professores os próprios professores não são formados em sociologia, havia uma infinidade de... de formações aí, que tavam atuando, principalmente história, principalmente pedagogia, principalmente filosofia.</p>
153	Jorge	<p>Então assim o objetivo nosso era fomentar esses PCNPs pra que eles conhecessem essas ferramentas da sociologia né, e... conhecessem essas orientações haviam já construída pra sociologia né, e... as concepções metodológicas que havia de currículo para esses professores usar né, então a gente tinha essa concepção da... da... do estranhamento, da desnaturalização, da construção do olhar sociológico né, e... da imaginação sociológica, eram concepções que tavam... que tavam nos documentos né, então assim a gente tinha o dever de tá... de tá mostrando essa perspectiva metodológica para... para esses professores, já que... em sua maioria não eram formados em... em sociologia, então essa era uma dificuldade.</p>
154	Jorge	<p>Então, todo, todos os recursos que a gente pudesse utilizar eram importantes, e o recurso da VC, da videoconferência era bastante utilizado que... que chegava até... até o professor mesmo né, o professor podia assistir também, mas a gente contava muito com esse apoio também dos PCNPs que eu acho que isso foi relevante sem dúvida, não sei se a gente conseguiu tudo que a gente gostaria, mas acho que assim naquele momento a gente conseguiu mostrar nossa importância e... e... e a necessidade de se manter acho que principalmente isso.</p>
Questão 2	Celso	<p>No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.</p>

155	Jorge	(Pensou um tempo, e fez uma expressão de surpresa em seguida exclamou) Caramba! Difícil heim!?! É que acho que todo, todo... todas as ações por menores que elas fossem e... elas foram importantes... né?
156	Jorge	E... e aí assim... o que a gente tentava fazer com que as diretorias de ensino, apresentassem boas práticas de sociologia né, e... os professores mostrando, participando nas... nas escolas com mais autoridade né, junto a equipe ali das demais disciplinas, eu acho que esse é um fator, que parece que não é relevante, mas eu acho que sim, é isso nós temos desde dois mil e... e... nove, que a legislação altero, então nós temos uma gama de... de... uma... já uma... uma comunidade (falou sorrindo) vamos dizer assim de alunos que fizeram sociologia, que saíram com a formação de sociologia nos 3 anos.
157	Jorge	Então assim o que que a gente observa é que esses alunos eles tiveram... uma boa formação pra fazer redação, por exemplo no ENEM né, e... eles tiveram... isso... isso... isso acabou aparecendo muito, nos projetos que as escolas faziam, então as temáticas da sociologia estavam muito presentes, assim ocupou espaço, acho que assim, acho que principal assim, parece que não é, porque assim a gente como técnico não tinha autoridade de mudar a legislação, ou de... de manter legislação, e... em muito embora a gente emitia inúmeros pareceres né?
158	Jorge	E... para a própria secretaria quando demandava, e... para a sociedade quando demandava, e... porque havia um ranço com relação as ditaduras da ditadura militar, a OSPB, moral e cívica, então uma infinidade de vezes, a gente tinha que, que mostrar, provar pra própria secretaria que, não precisava de moral e cívica ou OSPB, que sociologia já dava conta de fazer esse trabalho e... em relação a cidadania e... então assim, por inúmeros pareceres que a gente deu, também, que a gente mostrou, e a gente pesquisou, a gente ia, a gente e... fazia isso, eu acho que isso é um aspecto também.
159	Jorge	Então primeiro, o fato da... da sociologia ter ocupado espaço, essa temáticas elas apareceram na vida... na vida escolar, o aluno tinha mais embasamento para e... fazer uma redação, pra discutir temas e esse temas na sociologia eles realmente apareceram né, e... essa questão dos pareceres, que a gente tava sempre atento e... sempre municiando a secretaria, em relação a importância da sociologia né?

160	Jorge	Então assim... desconstruindo mitos, desconstruindo preconceitos e... o tempo inteiro a gente tava... tava atento a isso, e argumentando até internamente e... acho que esse é um outro aspecto, e... acho que assim, a formação a gente teve, a gente teve aí, e... formação de curso de ingressante pra professor, a gente teve e... a gente teve... a gente deixou um legado de formação né, (deu ênfase a essa informação) e... de forma de se trabalha a sociologia e... deixando ferramentas para esses professores.
161	Jorge	Então não era uma discussão vazia, como diz a... a... as orientações nacionais, não era conversa de butiquim né, havia um método, havia uma forma, havia uma ciência ali, que impunha um... um... uma forma de se trabalhar, não era, pôr o que o professor queria fazer, ou né, e... eu acho que é isso, eu acho a questão de mostrar o que é um método, que é uma ciência, isso a formação ajudou bastante né, desconstruindo mitos, desconstruindo... preconceitos em relação a sociologia.
162	Jorge	Uma infinidade de materiais didáticos que nós produzimos (deu ênfase na fala), e que nós revisamos né, aos olhos da sociologia, e... eu acho que isso é fundamental, porque assim, havia uma... uma... concepção assim... a sociologia é pra vida, assim não é uma imaginação da vida.
163	Jorge	Então assim, por vezes a gente precisava de mostrar isso, é pra vida, é pra vida social... né, então não é uma imaginação só, no sentido de... e de ser figurativa né, ela contribui de fato pra formação humana, pra formação cidadã, pra o aluno ter... ter embasamento, pra... pra participar da vida em sociedade, participar de modo mais efetivo, mais... mais racional.
164	Jorge	Então autores aí, acho que a gente também tava sempre remoendo mesmo, voltando, em Florestan Fernandes né, em pessoas que deixaram legados aí nessa... nessa discussão, e tava sempre trazendo isso em textos, em documentos que eram formados pra criar essa cultura né, essa cultura de que era necessário fortalecer a sociologia, mas não... não... como uma disciplina figurativa, mas como uma disciplina científica que tinha como contribuir de algum modo para a formação.

#### Informações sobre a pessoa entrevistada

Marco atuou junto com Antonio e Jorge, nessa equipe foi o último técnico a entrar compondo a equipe de Sociologia na CGEB. Foi o quinto técnico a passar pela SEE-SP, porém ficou pouco tempo retornando suas atividades como professor efetivo de Sociologia na sala de aula onde atua até a finalização desse trabalho.

#### Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista

A entrevista foi realizada na Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo, onde o entrevistado realiza uma série de oficinas e acaba dialogando com diversos coletivos do território. No ato da minha chegada estava acontecendo uma oficina de DJ em uma das salas, por isso o entrevistado estava na recepção do local e pode me atender para realizar a entrevista. Ao nos acomodarmos em uma mesa próximo a porta de entrada, foi possível explicar o motivo da entrevista que é de realizar uma análise das ações dos técnicos de Sociologia da SEE-SP, em relação as políticas públicas de educação. A princípio o entrevistado mencionou que talvez tivesse poucas informações para contribuir, devido ao pouco tempo de atuação na equipe técnica, mas a partir do momento que foi mencionado e explicado sobre a metodologia utilizada para a entrevista, sendo, feita de maneira aberta e tematizada, utilizando apenas duas questões, o entrevistado demonstrou clareza de como poderia contribuir para a pesquisa. Antes de iniciar a entrevista foi orientado e mencionado da importância de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e das recomendações propostas pelo programa da pós graduação.

Parágrafo	Autor da fala	Narrativa
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?
165	Marco	(Pensou um pouco antes de começar a responder) Cara e... eu acho que foi um período... em que... estava mais em alta né? a valorização principalmente da Sociologia, mas o pensamento de... de revisão e atenção ao currículo de humanas, o currículo como um todo tava em alta né, e a Sociologia gozou dessa... dessa fase aí.
166	Marco	Então... <b>foi acho que um período que a equipe técnica inflô né, conseguiu... conseguimos ter três representantes, e... da área né, o que é muito raro, pra... pro estado se você for ver as realidades de... de... dos PCNPs né, da... das diretorias de ensino, muitos as vezes nem são da... da área de ciências sociais, são de disciplinas aí dentro das ciências humanas, mas e... nesse período a gente conseguiu juntar os três e fazer essa potência pra... aproveitando esse... esse jogo ai que tava... em alta né?</b>
167	Marco	A visão, <b>o cuidado com o currículo como um todo, eu acho que a gente conseguiu pensar em rede né, articulando com PCNPs... você fez parte disso... e brevemente né, junto com outros que também eram da área e, pensa também a rede estadual, a gente fez um diálogo, mas e... eu acredito que não foi possível colocar muito isso em prática né, a gente meio que estabeleceu alguns planos e metas e... e aquilo tava muito ainda num processo de maturação.</b>

168	Marco	E aí a... a ideia de... de se pensa a ação da secretaria diretamente discorrendo pro... pro nosso público de professores né, acho que ficou um pouco a... pautado em ações mínimas como, videoconferências, algumas formações de forma e... mais geral que a secretaria fazia, então de certa forma a gente tentou fazer mais a coisa não saiu muito do papel ali do que a gente tava tentando planeja né, foi um período curto né?
169	Marco	Eu estive lá durante aproximadamente dois anos, um pouco menos que isso, e aí é... acho que... o período também que... de transição pra própria secretaria que envolveu muita muita questão de reestruturação e... e questões financeiras né, e... a partir do momento que não se tem uma valorização também dessa... desse corpo técnico e... específico de cuidar do currículo acho que... a coisa começou a se enfraquecer lá... e aí a... a própria equipe foi se disfigurando né?
170	Marco	E...não consigo comparar em outras épocas até porque também meu conhecimento da equipe técnica não era muito profundo antes da minha entrada lá... né, o contato que se tinha, por isso eu acho que foi um... um período de auge porque o contato que de disseminação dessa ideia do que era um professor coordenador ou do que era um técnico coordenador do... do... do currículo na CG... na então CGEB é muito escasso né?
171	Marco	Não tinha dentro da sala de aula, no campo de atuação a gente não tinha muita essa aproximação, que a gente priorizava, pensava, planejava pra atuar enquanto equipe curricular, mas não foi possível... então acho que... essa questão mesmo da da... implantação de projetos da políticas públicas voltadas pra Sociologia de, desse âmbito da equipe técnica pra pro campo de trabalho na sala de aula eu acho que ficou no plano das ideias.
Questão 2	Celso	No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.
172	Marco	Pode citar mais que uma? [Pode] Acho que primeiramente a... atenção ao currículo, a discussão de uma renovação de currículo de Sociologia e... foi importante, em diversos momentos a gente fez isso e, de pensar o que... o currículo de Sociologia assim como... construído na rede era novo mas muito potente, eu na minha opinião via ele com uma potência em relação, em comparação sempre as outras disciplinas principalmente das ciências humanas a Sociologia foi o que apresentava um... um menor problema né?

173	Marco	De... de... de realidade, enquanto professor também vi uma potência... assim da hora de.. de... desse currículo de aplicação mesmo, e inserção na... na... com os alunos, é lógico que uma remodelação acho que e... de forma geral e... era o que teria que ser feito uma adequação com a realidade de cada território e, enquanto fui professor fiz isso, na... na... enquanto técnico... na secretaria eu acho que... atuar pensando e revisando tanto os cadernos, quanto pensando uma revisão de currículo isso foi importante.
174	Marco	E aí as ações mesmo de... de... corpo a corpo como as formações técnicas né, a.. tanto na... na... nas diretorias de ensino com os PCNPs também quanto na... com outras ações mais gerais como... videoconferências... e as reuniões que se faziam em grupos de trabalho né?
175	Marco	<b>Acho que a Sociologia teve... uma importância, e uma visão de importância enquanto e... processo interno de discussão de grupo de trabalho quando se pensou inclusive a reforma do Ensino Médio nesse período a Sociologia foi importante pra pensar, uma estrutura dessa... dessa reformulação né, bem antes da... dessa... de emplacar mesmo essa reforma do Ensino Médio já se falava dentro lá, e a gente pensou, e a Sociologia teve um protagonismo nessa discussão, e aí eu também fiz parte dessa, fui um dos técnicos responsáveis por pensar isso, não foi pra frente por várias questões políticas né.</b>

#### Informações sobre a pessoa entrevistada

Tatiana atuou como técnica de Sociologia na rede estadual de São Paulo, sendo a sexta nessa sequência de profissionais que assumiram a pasta e dentre os técnicos anteriores ela trabalhou com Jorge enquanto esteve respondendo pelo componente curricular. É professora efetiva de Sociologia e até o final da produção deste trabalho estava atuando na sala de aula lecionando Sociologia.

#### Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista

A entrevista foi realizada no pátio interno da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EFAPE), a entrevistada se dispôs vir até o meu local de trabalho para realizar a entrevista. Ao analisar a postura da entrevistada durante a explicação da proposta de pesquisa e, esclarecendo suas dúvidas sobre a opção escolhida para desenvolver por meio da metodologia escolhida, além de mencionar a necessidade e importância de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a entrevistada demonstrou tranquilidade e também se mostrou empolgada na possibilidade de contribuir para a pesquisa. Ressaltou que ficou apenas 6 meses atuando como técnica da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), e talvez tivesse pouco a contribuir devido ao tempo que foi relativamente curto em relação aos demais membros da equipe que estiveram na função anteriormente, mas mencionou compreender a importância de relatar um pouco do contexto no qual vivenciou ao exercer a função.

Parágrafo	Autor da fala	Narrativa
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?
176	Tatiana	<b>A minha percepção foi que o período que eu atuei, foi um período mais de manutenção, é um período que a gente não tinha muita verba pra conseguir desenvolver projetos de formação de professores.</b>
177	Tatiana	É, eu acho que ficou mais falho pra mim com certeza foi essa questão, foi um período eu trabalhei por 6 meses, então um período que eu não tive nenhum contato com professores da rede, no máximo com os PCNPs né!? e mesmo assim foi muito pouco, então o que eu percebi foi um período de manutenção, eu peguei uma fase de atualização dos cadernos de sociologia, então fiz uma revisão, imagens e textos que já tinham vencido é o, como é que fala mesmo?
178	Tatiana	Esqueci! (risos) Direito autoral. Reposição dessas imagens, trocar as imagens, e foi mais isso assim acho que as ações talvez mais marcantes que eu tenha participado foi essa revisão dos cadernos e análise a primeira versão da BNCC, que a gente fez um comparativo com currículo do estado com essa primeira versão da BNCC de sociologia em específico.
179	Tatiana	E acredito que tenha sido as duas ações mais marcantes, no mais <b>a gente ficava ali cumprindo muitos protocolos, respondendo e-mails, projeto de lei que chegava toda semana de vereador de deputado querendo incluir educação moral e cívica, então eu já percebi que naquele momento existia já um movimento bem conservador assim né, nas entrelinhas ali que já tava começando a se manifestar e via a sociologia como culpada entre aspas por uma movimentação nas escolas públicas.</b>
180	Tatiana	<b>A gente pegou aquela fase da greve dos estudantes né, que o secretário e o governador queriam fazer a reorganização das escolas, então eu acho que isso também foi muito marcante de ver, o quanto naquele momento a secretaria teve que retroceder porque viu a atuação forte dos estudantes né e muita gente naquele momento já atrelava de alguma forma a presença da sociologia no ensino médio também né, claro que isso não era falado, não era declarado, mas eu acho que, eu que tava ali no currículo de sociologia e outros colegas da área de ciências humanas a gente comentava sobre isso, nesses 6 meses eu acho que foi mais ou menos isso.</b>
Questão 2	Celso	No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.



181	Tatiana	Eu acho que não teve nenhuma no período em que eu estive lá, é a manutenção dos cadernos assim acho que, hoje vendo que a retirada dos cadernos foi mais prejudicial do que positivo né?
182	Tatiana	Todo mundo, muitos, professores reclamavam dos cadernos que ele era engessante etc, mas eu hoje atuando como professora eu percebo que é muito pior né, não sei, não sei o que tá vindo por aí, se você sabe de alguma coisa o que vem pela frente, é mais a gente tem professor de outras disciplinas atuando em sociologia né?
183	Tatiana	Então assim acho que você não ter esse norte, não ter os cadernos é muito prejudicial, então acho que a manutenção dos cadernos talvez tenha sido uma coisa importante e acredito que esse diálogo com a BNCC também né, porque hoje ela tá vindo muito forte, mas naquele momento ela era só uma conversa inicial né, e foi bacana perceber também que o currículo do estado não tava muito longe, muito distante do que estava sendo discutido na BNCC, não sei o que vai vir hoje na BNCC né, porque todo esse texto já se modificou, mas na época essas duas ações.

#### **Informações sobre a pessoa entrevistada**

Rodrigo foi o sétimo a cuidar de Sociologia na CGEB, assume a pasta após um intervalo de tempo da saída dos técnicos anteriores. Assim como os demais também é professor de Sociologia efetivo e, até a conclusão desse trabalho estava atuando como vice-diretor em uma escola da rede estadual.

#### **Informações sobre como foi desenvolvida a entrevista**

A entrevista foi realizada na casa do entrevistado, que ao me receber se mostrou disposto e curioso para saber sobre como poderia contribuir para a pesquisa. Foi esclarecido que o foco do trabalho era tratar da inclusão da Sociologia na rede pública estadual de São Paulo, realizando uma análise da narrativa dos técnicos que foram responsáveis pelo componente entre os anos de 2008 e 2017. Neste mesmo contexto foi mencionado que a entrevista seria aberta e temática para oferecer aos participantes a possibilidade de expor sua visão enquanto agente público no exercício da função, independentemente do tempo que ficou exercendo a função. Durante a explanação do foco da pesquisa o entrevistado foi orientado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e das recomendações propostas pelo programa da pós graduação.

<b>Parágrafo</b>	<b>Autor da fala</b>	<b>Narrativa</b>
Questão 1	Celso	Como foi na sua percepção atuar enquanto representante técnico de Sociologia na SEE-SP realizando políticas públicas em educação?

184	Rodrigo Oliveira	Minha percepção né, e... <b>Bom, acho que eu tenho que situar você novamente, deixa eu pegar aqui... (pegou papel e uma caneta para fazer uma anotação) de 30 de maio até 3 do 10 de 2017 (conforme falou realizou a anotação no papel). 2017 é um período... bastante delicado pra... pra educação, como tantos outros né, e... delicado... especialmente pra Sociologia porque está em meio as reformas do Ensino Médio, então não vou conseguir precisar, e... a você aqui, mas depois você pode colocar isso e confrontar com os dados né, eu não lembro, se eu não me recordo se... se... eu não tô esquecido foi em 2017 a reforma do Ensino Médio, 2017 a reforma do Ensino Médio, ali no contexto do governo Michel Temer correto?</b>
185	Rodrigo Oliveira	<b>Então, vai ser um momento muito delicado porque esta se discutindo né, e... para o Ensino Médio também o lugar da Sociologia, o lugar das ciências humanas, a discussão sobre os itinerários formativos, a possibilidade de um novo Ensino Médio, em que o Ensino Médio também implicaria algum tipo de escolha desse percurso formativo para os estudantes, ou concentração em ciências humanas, ou concentração em ciências da natureza, ou linguagens e... é o momento que por exemplo, e... vai ser revogado aquele dispositivo que foi incluído na LDB, sobre a obrigatoriedade de Sociologia e Filosofia.</b>
186	Rodrigo Oliveira	Então e... não sendo mais disciplinas obrigatórias eu creio que também entra nessa conta Educação Física né, deve entrar Educação Física, não sendo obrigatória, qual que seria o lugar da Sociologia? Então... foi... um momento, mais um momento eu diria na... agora citando isso na minha trajetória profissional, de embate... de embate e disputa interna, disputa no significados daquilo que estava sendo posto, e... isso fica muito claro, que boa parte desse... desse período também, e... a secretaria tá num vácuo de iniciativas e... um contingenciamento gigantesco. financeiro, impossibilidade de formação de professores, dificuldade para, pra... construir estratégias formativas, e... muitas alterações, mudanças do ponto de vista de chefia, trânsitos internos, enfim.
187	Rodrigo Oliveira	Coincide com o... a gestão... da Valéria de Souza né, na... na CGEB, nesse momento, e... a Valéria por exemplo, ela foi uma das... e.. das pessoas que tinha uma relação interessante ao mesmo tempo ela esteve muito envolvida nessa construção de um novo Ensino Médio, de uma nova matriz curricular e tudo mais, que vai desembocar agora, nesse momento atual que a gente tá conversando correto? Da... da... desse novo Ensino Médio que vai incorporar esse conjunto de questões.

188	Rodrigo Oliveira	(parou e pensou um pouco) E... me recordo, de uma certa situação, por exemplo, num seminário... um seminário, realizado pelo MEC, para a construção desse Ensino Médio e da Base, e... e.. mais adiante né, um pouco antes na verdade, um pouco antes, e ainda prosseguindo né, antes era gestão da Gislene um pouco a diante, Valéria de Souza e aí, também esse debate não se encerrou totalmente que era do debate da Base e... Curricular Nacional Comum, e... (pensou um pouco e começa fazer uma fala pausada) os técnicos do MEC tentando... dialogar com os técnicos de secretaria de estado, para a construção desse currículo.
189	Rodrigo Oliveira	E... usarem de... subterfúgios, e... de uma maneira não muito clara, porque não havia clareza de fato qual que seria o impacto da reforma do Ensino Médio, e da segurança, da permanência da Sociologia, não sei se tô sendo claro, mas era basicamente o seguinte, ao se discutir itinerário, flexibilização, diversificação do currículo, tudo dava entender inclusive da posição dos técnicos que conversavam conosco, que Sociologia não era mais uma disciplina obrigatória, e Sociologia naquele momento corria de fato o risco, risco... de ser uma disciplina excluída do currículo... do currículo do Ensino Médio.
190	Rodrigo Oliveira	<b>Então foram embates de disputa mesmo de posição, o que que significa isso que vocês estão querendo dizer? Que tipo de orientação nós vamos ter aqui, internamente quanto secretaria de estado? e... em relação a esse aspecto, pra onde caminha a Sociologia, eram questões que a gente se debatia naquele momento, que a gente encontrava naquele momento, e... não sei se eu tô sendo organizado, mas isso me recorda um outro aspecto, por exemplo, no bojo disso tudo se a gente observar as perdas né, sem consulta a equipe técnica, e de uma perspectiva muito autoritária, de uma perspectiva muito vertical, e... reformas já estavam ocorrendo, Educação de Jovens e Adultos é um exemplo, só pra você ter dimensão dos embates internos que significava permanência ou não de Sociologia.</b>

191	Rodrigo Oliveira	E... na Educação de Jovens e Adultos naquele... naquele período foi publicado uma nova resolução que definia qual era a matriz curricular, (breve pausa onde pensou) pois bem! o corte ocorreu em Sociologia. (dá ênfase na fala) Para um processo de educação que tem como centralidade o mundo do trabalho no universo dos adultos, então era ter... era o diálogo interno, era o diálogo com os gestores, mas era também... com os outros centros e essa perspectiva um tanto fragmentada da própria secretaria da educação né, o que é... a equipe técnica e... da EFAP, da CGEB né, o antigo CEFAF, Centro de Ensino Fundamental e... Anos Finais e Ensino Médio.
192	Rodrigo Oliveira	A equipe curricular de Sociologia tinha que disputar legitimidade na área de Sociologia com outras áreas como por exemplo, um outro centro que era responsável pela Educação de Jovens e Adultos, que por sua vez e... tinha legitimidade de algum modo pra definir o que seria a matriz curricular da Educação de Jovens e Adultos, e naquela oportunidade Sociologia caiu, então havia um... parecia pelo menos um período... o período que eu trabalhei, foi um período justamente desses enfrentamentos, as reformas a gente vai observar agora, ainda que, né, vários recuos e... a sociedade se mobilizou, os estudantes se mobilizaram, essa mobilização eu fui observar depois na própria escola com os debates, por exemplo, o dia de consulta da Base Curricular Nacional Comum, isso em 2018, já no segundo semestre de 2018, e... tentando garantir uma certa legitimidade a esse processo né.
193	Rodrigo Oliveira	E... consulta sobre o que seria essa Base, o governo e... anunciou determinadas mudanças, mas teve que recuar em relação a elas né, tanto o governo federal, o governo estadual um tanto né... no aguardo né, do que seria essa comanda federal e... em relação a permanência de Sociologia e... tanto é que eu me recordo, de alguns... num desse momentos nesse processo e... do pronunciamento da permanência de todas disciplinas que consta... que contariam na Base Curricular Nacional Comum.
194	Rodrigo Oliveira	Então foi um certo alívio e... e um momento de acomodação, esse é o momento também que vai surgir a... algumas instituições como a ABECS se não me engano a ABECS vai surgir nesse momento, então que é Associação Brasileira de Ensino em Ciências Sociais, ou de Sociologia alguma coisa assim, não sei se você esteve envolvido na... na formação, então... é um contexto em que... se discutia muito o que era permanência de Sociologia, tudo bem?

195	Rodrigo Oliveira	Então... a percepção minha e, estando naquele espaço, com poucas ferramentas, pouco espaço na verdade porque depois eu posso entrar em outro... em outro aspecto porque meu trabalho, ali permaneceu e... eu carreguei na verdade uma série de atribuições que eu tinha enquanto eu trabalhava no Núcleo de Inclusão Educacional, a política de gênero e tudo mais, permaneceu sobre a minha incubencia.
196	Rodrigo Oliveira	Então eu... minha responsabilidade, então eu tinha que tocar aquilo também ao mesmo tempo e isso tinha alguma conexão com Sociologia, depois a gente pode explorar um pouquinho mais, e... era um momento de inquietação... era um momento de... de... de... defesa, e de... luta ao mesmo tempo... pra permanência da disciplina, e de justificativa da sua importância né, tentar construir algo que... que... e... (ficou em silêncio e pensou um pouco) diante né, das pessoas que tomavam decisão, garantir essa permanência da... da disciplina... no Ensino Médio...
197	Rodrigo Oliveira	Quer fazer alguma pergunta porque se não eu vou me alongar? (sinalizei com a cabeça dizendo que não ao responder seu questionamento, o entrevistado ficou novamente em silêncio e pensou mais um pouco antes de continuar, e volta a falar pausadamente) Tá. Se... se... eu fosse recompor assim... tudo que... nesse curto período de tempo foi possível fazer, de verdade... do ponto de vista estrutural, de iniciativa pra área, pouca coisa a gente conseguiu fazer de fato (dá um tom triste a fala ao se referir o que foi realizado), e... além disso que consumia muito, as tratativas, os planejamentos internos, ter que lidar com centros, ter que recepciona a coisa da Base... a da Base, da própria reforma do Ensino Médio...
198	Rodrigo Oliveira	Como eu disse, o... <b>a gente tinha uma orientação muito clara... da impossibilidade de fazer muitas coisa pra... pra área ou.... pra qualquer política pública né, desde formação de professores, então, formação de professores... formação e... dos PCNPs e... das equipes das diretorias de ensino que é era também uma responsabilidade que o órgão central tinha né, e... isso tudo ficou muito paralisado, então, eu me recordei quando logo que eu cheguei, eu tentei me situar e saber qual era o cenário...</b>

199	Rodrigo Oliveira	Então eu não tenho mais esses dados, eu não consigo recordar pra você, como era esse... esse cenário, eventualmente... pode ser algo interessante pra você pesquisa, mas a gente fez um levantamento e... foram feitos outros levantamentos nesse sentido, qual era o perfil, do PCNP, se as diretorias de ensino contavam com módulos completos, com PCNP de Sociologia, por exemplo, e o cenário que a pesquisa vai... vai... que foi um processo tanto de apresentação, sabe, olha agora tem um novo técnico, teve um... um vácuo muito grande, e... da saída do Antonio pra... pra minha chegada no... no... no CEFAF teve um tempo, um lapso temporal em que Sociologia, não existia ninguém responsável.
200	Rodrigo Oliveira	Embora permanecia ali na equipe de ciências humanas né, o pessoal de geografia e de filosofia, se inculbindo né, tocando... tocando a... disciplina e também de história, história também não tinha uma pessoa, ficou um vácuo, quando... eu entrei no CEFAF, durante todo o momento que eu permaneci no CEFAF, a disciplina de história não contava com um técnico, para lidar com a disciplina, acho que depois da minha saída que, alguém foi convidado pra... pra assumir essa... e... esse trabalho.
201	Rodrigo Oliveira	E... (pensou um pouco sobre sua fala) porque que eu tava falando isso mesmo? Agora me deu branco. [você estava retomando o contexto] Tava retomando o contexto... (voltou a pensar novamente) Tá, mas eu tava retomando o contexto, contando das pessoas, e o curto período, e o levantamento dos PCNPs, (pensou um pouco e exclamou) Tá! Criou um diagnóstico que qual era o cenário, quem eram os interlocutores... e qual era a demanda, né, então, vai prevalecendo pra demanda de formação, mas também essa... essa... essa coisa de, quem a gente vai formar né, bom, a gente vai lidar diretamente com o professor na sala de aula? Então o experimento seria educação a distância? Seria demandar a EFAP ou construir algo com a EFAP, que fortalecesse ou que desse algum tipo de direcionamento para a implementação do currículo, que estava naquela oportunidade vigente, ainda com a possibilidade de, alterações, que estavam postas naquele momento? Tá! Esse era um ponto.

202	Rodrigo Oliveira	E... colaborar com o trabalho do Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico, com algumas diretrizes e também com formação? Que tipo de formação, seria essa? Que tipo de necessidade existia? O que que estava posto? Qual é esse cenário? Qual era a formação desses PCNPs? A gente vai descobrir que, em grandes medidas as diretorias de ensino tinha se organizado e não existia aí... boa parte... e... acumulava Filosofia com Sociologia, mas a formação era da área de Filosofia ou era História... o PCNP lá no nível de diretoria de ensino era formado em História e também estava com Filosofia, Sociologia e Geografia, cada diretoria de ensino tinha um contexto, e um módulo... deficitário mesmo de... de PCNPs, módulos... módulos incompletos e com impedimento.
203	Rodrigo Oliveira	Veja, então isso esbarrava diretamente em qualquer tipo de proposta, porque... estava posto o impedimento de afastamento de professores... (parou pensou um pouco) a... mas, dali adiante é muito engraçado porque... o órgão central também tem um pouco essa perspectiva tarefista né, é muito tarefista, então vão aparecer planilhas e... mirabolosas feitas né, por cabeças brilhantes (sorri em um tom de ironia) pra você... pra você responder o tempo, de N questões, des né... do São Paulo Faz Escola, a possibilidade de continuidade ou não, ou... o planejamento que você vai fazer e que você não vai conseguir rea... que você planeja, e aquilo que você não conseguir realizar ou conseguiu, enfim, todo esse acompanhamento, até o conjunto de iniciativas que a própria secretaria constrói e que demanda da equipe curricular.
204	Rodrigo Oliveira	Então o que tava posto naquele momento, muito fortemente, fortalecer o Currículo +, o que que é o Currículo + né, Currículo + era... uma plataforma na internet que disponibilizava objetos educacionais, pra apoio ao currículo, pro uso do professor em sala de aula, então objetos digitais e tudo mais e a curadoria, então essa foi uma demanda que surgiu, engraçado que o Currículo + morreu né, hoje ninguém fala mais de Currículo +, e a plataforma era um tanto obsoleta, ainda que, interessante como um, ela tinha mais cara de um repositório né, de um repositório que facilitava ou conectava com algumas situações de aprendizagem pra apoio ao currículo, então tinha o Currículo +.

205	Rodrigo Oliveira	E... a outra questão que tava posta, por exemplo e... a... a... (pensou um pouco) as próprias... acho que além disso o Currículo + foi uma questão central e... naquele momento parecia que a... que a... que ia revolucionar a educação da perspectiva dos gestores, tinha os percursos formativos, porque é uma história que a própria EFAP é um tanto responsável, eu acho que ainda tem, tá disponível... tá disponível no site.. da... EFAP ainda ou não? Tá não, tá Celso? Tá né!?
206	Rodrigo Oliveira	E... a... construção dos percursos formativos... (breve pausa) longo debate do que significava... currículo... o que significava grandes temas da educação... né, o que que era interdisciplinar e o que não era, e... o que se podia discutir ou não discutir nesse negócio todo né, como construir essa bendito percurso formativo? Então era um dos temas que também se tava posto naquele momento... a... eu cheguei a colaborar um pouco com essa... com essa discussão, mas também não vi, não vi e... efetivamente isso chegar a um... a um resultado, sabe? Consistente e... com material realmente interessante, e... que facilitasse o processo e... e ampliasse o repertório dos professores, enfim... essa... essa é uma observação talvez muito pessoal.
207	Rodrigo Oliveira	E... as inovações nas plataformas também caminhava nesse sentido né, então... a... tem um nome pra isso que eu não me recordo mais, uma plataforma que apresentava resultados de aprendizagem, não sei se você... consegue e... Foco Aprendizagem! Plataforma Foco Aprendizagem! (breve pausa, pensou um pouco) Então, a Plataforma Foco Aprendizagem ela é muito interessante, mas isso mostra também qual que é o lugar marginal das ciências humanas ainda hoje, tá posto! né, quando você pensa avaliação de educação e qualidade da educação.
208	Rodrigo Oliveira	Então tem um debate sobre, tinha um debate ali posto, veja eu sinto que o... que estava, ou quem assume essa posição no órgão central tem que tá, tem que ter essa disposição, as vezes não vai ver de fato as coisas acontecerem na prática... mas vai poder abrir caminha pra que elas aconteçam... na disputa mesmo de significado das coisas, disputa por palavras, é disputa por termos né, eu lembro muito bem do... da... da... pedagogia da presença, a coisa vazia que significa pra mim até hoje, a pedagogia da presença né, tanto é que eu vou patentia e é uma brincadeira pedagogia da presença virtual (fez a fala sorrindo ao mencionar esse termo), tá patenteado já, tudo bem? (dá uma gargalhada ao falar que está patenteado) a pedagogia da presença virtual! (fala sorrindo e dando ênfase a essa ironia) né?



209	Rodrigo Oliveira	Porque o que significa pedagogia da presença, só pra você ter uma... eu tô brincando contigo né, da pedagogia da presença, porque... era isso né, é disputam também por... palavras e significados, as palavras são polissêmicas era o que eu falei lá pra técnica do MEC quando ela quis me corrigir o que significaria e... eu não lembro mais e... itinerários ou percurso!
210	Rodrigo Oliveira	Eu usei uma das duas palavras... e aí a técnica do MEC queria saber o que que significava percurso e itinerário, a menina e o menino vão ter que escolher, se eles só tem uma escola disponível no seu município? Que possibilidade de escolha que o Estado vai garantir a ela? Ou seja, naquela escola nós teremos as três matrizes de escolha? Ciências humanas, ciências da natureza e linguagens? Qual que vai ser o núcleo comum? Nesse núcleo comum vai ter Sociologia? né, isso... em público, eu estou falando de um seminário, com muitas pessoas, com PCNPs e tudo mais, e com os técnicos do MEC, e aí a palavra surge e, eu faço lá a provocação do que significava isso e... e aí eu me permito a réplica né, a tréplica, pra... dizer pra convidada que as palavras são polissêmicas... elas adquirem vários significados e os significados estão relacionados a disputa de poder.
211	Rodrigo Oliveira	Então, é um pouco isso também, que era o papel, eu me via um pouco nesse cenário sabe? De disputar o... a linguagem... a linguagem que a instituição... vai adotar, ela produz ressonâncias, e ela é um tanto performática, no sentido de que ela vai fazer as coisas acontecerem ou não.
212	Rodrigo Oliveira	(deu uma pausa e pensou) E... e eu estava falando pra você sobre Foco Aprendizagem, porque eu falei isso né, porque... e, isso remete a esse lugar marginal, e também essa disputa, um pouco como eu vejo a visão que tá lá né... o lugar também da Sociologia... e... a disposição por disputar isso e... e... tentar de algum modo... é claro e... e... mostrar a importância do que seria ter essa disciplina, ou, o olhar dessa disciplina para educação seria essa contribuição.
213	Rodrigo Oliveira	(Para e pensa um pouco) E no Foco Aprendizagem qual o lugar das ciências humanas? <b>A gente pode refletir que as ciências humanas, por exemplo, elas colaboram muito né, eu estava agora em planejamento escolar, e... a professora de língua portuguesa estava inquieta com o nível de maturidade dos alunos com relação a produção de textos dissertativos, na língua portuguesa, esse é um tema do 9º ano, esse é um tema do 1º ano, do 2º e 3º ano, ok!</b>

214	Rodrigo Oliveira	<p><b>Pra ela misturar e agrupar questões do 2° e do 3° que a gente estava no debate sobre as eletivas etc. não era algo legal porque são distintas modalidades de e... níveis de... compreensão e etc. mas, o texto dissertativo enquanto estive em sala de aula sempre foi uma... usei e abusei, eu sempre demandei muito que os meus estudantes produzissem... e vejo que, por exemplo, se a gente pensar em termos de repertório, qualidade, contextualização dos grandes temas que são debatidos, nesses processos de avaliação de larga escala, ou, por exemplo, o próprio ENEM, se o estudante não tem um... uma percepção apurada do que é a vida social e, como que, as relações se põem, um conjunto de leitura, de repertório que as Ciências Sociais vai oferecer, certamente ele não vai ter tanta qualidade assim na construção de seu argumento, ele pode ter técnica, tá certo?</b></p>
215	Rodrigo Oliveira	<p><b>Que a língua portuguesa vai dar muito bem, mas o... o repertório pra argumentação, por vezes não tá vindo do... não vem da... da... das linguagens né, porque ainda persiste essa... ainda tem uma visão propedêutica, digamos assim, de formação, mas também persiste uma coisa da técnica na língua portuguesa, e o repertório fica com... um conjunto ou outro de... de disciplinas e ciências humanas colabora muito pra isso.</b></p>
216	Rodrigo Oliveira	<p>Então disputar, e pensar Foco e Aprendizagem demandar das ciências humanas que se envolvam na... no Foco e Aprendizagem primeiro significa colocar quem está nessa posição de técnico, uma posição bastante ambígua né, de disputar, mas qual o lugar das ciências humanas nas avaliações de larga escala? Que que significa qualidade da educação quando, por exemplo, se marginaliza e pensa qualidade da educação apenas como níveis de proficiência em língua portuguesa e matemática?</p>
217	Rodrigo Oliveira	<p>Quando há uma série de outras coisas que podem compor qualidade da educação, e é um componente a mais nessa disputa tinha também o componente não só de pensar Sociologia, como parte integrante desse processo, como também as políticas outras que eu estava conduzindo, que era a questão de gênero, então pensar qualidade da educação significa também, lançar o olhar pra questão das distintas proficiências de meninos e meninas.</p>

218	Rodrigo Oliveira	Então a gente também lá e... e quem estava em ciênci... e quem... eu acho que isso deve permanecer, é uma coisa que eu observo também na escola, e... não sei se isso tem haver com os inti... com as... com a formação, com o repertório, com a própria configuração que é as Ciências Sociais ou as ciências humanas de uma forma geral no Brasil, o lugar da formação em ciências humanas, a trajetória de quem vai pra ciências humanas né, as várias composições, as escolas que formam e... os professores por aí vai, porque o... o pessoal de ciências humanas de um modo geral se coloca um pouco nessa posição, e acaba contribuindo um pouco pra isso, até mesmo pra formar os colegas, pra questioná-los né, pra... pra trazer essa coisa da inquietação, pra problematizar, então é o pessoal problematizador né? (fala sorrindo).
219	Rodrigo Oliveira	O pessoal das ciências humanas contribui também, mesmo que não tenha nada pra fazer vai contribuir, era um pouco essa sensação, a gente ao menos contribui trazendo essas questões né, pro debate, porque se não é uma maquinaria que silencia mesmo né, ela... e... o que tá legitimado, o que tá legitimado é a reprodução, desse tipo de perspectiva de avaliação e de entendimento de qualidade da educação.
220	Rodrigo Oliveira	(fez uma breve pausa) Lugar da contribuição das ciências humanas então pensar porque, meninos e meninas, tudo bem, todo mundo tá discutindo proficiência em língua portuguesa, mas porque meninos e meninas meninas tem mais proficiência em língua portuguesa e os meninos não? Porque se a gente observar os dados de 2013, porque a secretaria deixou de fazer esse tipo de avaliação e só retomou agora né? Num questionário socioeconômico e... agora com a pesquisa de clima escolar e etc. ainda que não aborde só os temas, porque esses temas estão silenciados mais uma vez né?
221	Rodrigo Oliveira	É recorrente. (fez uma breve pausa) Porque não produz indicador, e não avalia e... a partir do olhar dos marcadores sociais da diferença que um dia teve coragem de fazer? né? Se você observar o relatório de de 2013 do SARESP você vai observar que os meninos tem indicadores e... em alguns contextos, superiores em matemática, que as meninas... e as meninas mais em língua portuguesa, meninas negras e meninos negros, os meninos negros especialmente com muito menos né, nesses dois componentes, isso não é inquietante? (fez uma breve pausa) Muito!

222	Rodrigo Oliveira	Então a resposta não tá no cérebro da menina, na disposição biológica do menino negro ou e... da... e... da disposição dos meninos pra exatas e as meninas pra linguagens, tem uma questão... estruturante, estrutural aí por trás de reprodução, de uma série de relações de poder, então, era isso que a gente conversava, tá certo? (fala sorrindo) Dos encontros na... nas reuniões, então vai se discutir SARESP, a vai se discutir um banco de itens, sai se discutir a... a... e a gente era envolvido de algum modo né, ainda que aparecesse como língua portuguesa e matemática apenas, tá certo? (sorriu)
223	Rodrigo Oliveira	A gente tentava influenciar de algum modo nessa coisa. Então a... avaliação, como que o estado chama hoje? a gente vai fazer semana próxima aí... mas tem avaliação em processo né, as... as avaliações que de algum modo deveriam contribuir pra que o... o docente soubesse, ou que escola tenha um... saiba qual é, como se as escolas não soubessem, como se os professores não tivessem competência pra isso também, e... como que tá o processo de educação né, e de aprendizagem, melhor dizendo a aprendizagem dos estudantes e... a gente era chamado a fazer, por exemplo, colaborar com a revisão da prova de língua portuguesa pra saber se existia ou não consistência ou inconsistência em algum aspecto, porque de algum modo, quando você olha pras questões de língua portuguesa, sobretudo as mais interpretativas, então as vezes vai aparecer uma questão de gênero, uma questão que aborda algum aspecto social, uma questão que aborda racismo, da onde vem repertório pra isso?
224	Rodrigo Oliveira	(fez uma breve pausa) E um mundo de coisas acontecendo ao mesmo tempo né, então tinha o debate da educação em direitos humanos que era uma linha de frente que de algum modo o Antonio começou a construir e que precisava avançar né, e que tinha descontinuidade porque o governo Michel Temer né, descontínuo, essas questões junto do ministério da educação e a gente não tinha referência, e no contexto da secretaria da educação era um incumbência da área de Sociologia, fazer propostas para educação em direitos humanos...

225	Rodrigo Oliveira	<p>E tudo que mais me consumiu acho que não vou entrar nisso, não sei se eu tô me alongando, se você quiser faça alguma pergunta pra eu não me perder, porque de modo geral... é isso, <b>a secretaria tinha seus programas, ela demandava pro técnico de Sociologia, mas também pra área, então era uma coisa muito de área, e eu vivenciei isso muito muito forte, porque era o debate sobre a área, não tem como não discutir isso... porque o que se discutia naquele momento era, uma educação, que se formaria ensino médio que se formaria em área... era possibilidade colocada inclusive, de acabar com as disciplinas né, formação de área, então professor de área inclusive (dá ênfase na fala), era uma coisa que se colocava francamente, literalmente um professor, pensa em uma nova estratégia de formação de um professor que desse conta de uma área de ciências humanas, não ter mais disciplina de História, Geografia, Sociologia e Geografia né, mas um professor de área.</b></p>
226	Rodrigo Oliveira	<p>Hoje a gente tá aí enfrentando a política de um ATPC de área e de repente a gente possa ter aí adiante um tutor de área e os desdobramentos disso, de uma... de uma lei que ainda né, nós estamos em 2020 ela não foi efetivada, a reforma do Ensino Médio, nenhum sistema conseguiu fazer isso ainda que eu... que eu sabia né, acompanhando não consegui criar os itinerários e os percursos pra que os estudantes escolham as áreas né?</p>
227	Rodrigo Oliveira	<p>A... a Base ela ainda traz esse olhar pra... pra algumas... pras disciplinas de algum modo o que ainda permite a gente trabalhar assim, mas é um cenário que tá posto e era isso, o trabalho de área... o trabalho de área era poluído o tempo por essa... pirotecnia também, as vezes sem um fundamento legal, sem muito fundamento e... estratégico, sem muito repertório e consistência... e consistência... efetiva... pra direcioná né, esforços assertivos, sabe? Tem que ser feito pra garantir qualidade da educação, como por exemplo, Currículo +, então surge Currículo +, surge a plataforma Foco e Aprendizagem, surge... e... os percursos formativos, a reforma do Ensino Médio, tudo isso vai sendo poluído e retira energia substanciais daquilo que a gente poderia tá fazendo de melhor, tá certo?</p>

228	Rodrigo Oliveira	Que era colaborar de fato com a rede, e... ouvir a rede, saber as necessidades da rede, enfrentar os problemas estruturais por exemplo da forma... dos Núcleos Pedagógicos né, já que tem essa visão um pouco de escala né, do que seria órgão central, administração regional e efetivamente na escola, era por exemplo, a falta de professores de Sociologia em algumas regiões, como lida com essa questão né? Que professor é esse que tá lecionando? Qual é né o seu repertório né de conhecimento? Do que que esse professor precisa pra aplicar esse currículo? Qual o entendimento desse currículo? Esse currículo vai caminhar pra que sentido, né?
229	Rodrigo Oliveira	Ainda não tava posto uma série de questões que a equipe curricular vai prosseguir, com a BNCC e com as mudanças políticas, vem por exemplo a construção de um material de transição, né um currículo que vem de 2008 e... até hoje né? o currículo do Ensino Médio permanece né, de um certo modo... mas com um material de transição... avaliação da qualidade desse material, eu não vivenciei isso com e... tão fortemente, mas eu colaborei ainda que de um outro lugar né, por exemplo, a discussão de gênero de algum modo... a sua inclusão... ela remonta a... a... no material do São Paulo Faz Escola 2008, né, no currículo né, no currículo de modo geral, e... não sei se São Paulo Faz Escola... um pouco adiante talvez.
230	Rodrigo Oliveira	E... mas depois vai passar por revisão... (fez uma breve pausa e pensa um pouco) há um momento, por exemplo, do São Paulo Faz Escola então isso é muito grave, porque também tem esse olhar, a secretaria quando tinha muito forte isso, de valorização do seu quadro né, então e... do ponto de vista de formação... eu estava concluindo o doutorado e concluí o doutorado em Ciências Sociais naquele momento, então... tinha um professor doutor, tinha uma professora doutora em Filosofia né, e... graduados especialistas na... na área de... de Geografia e também na Filosofia.
231	Rodrigo Oliveira	Mas o pessoal que tinha uma certa expertise, que já tinha acompanhado isso a longa data, e... também se ressentia um pouco dessa visão terceirizada, que é um pouco isso né, essa demanda pro parceiro fazer algo, porque você acha que aqui dentro você não tem né, o gestor central, você não tem cabeças pensantes capazes de fazer melhor, e que cometem... uma série de erros, então, por exemplo, material de Geografia não sei se você se recorda disso, com mapa, não sei se foi o mapa do Paraguai, alguma coisa assim né? Dois mapas apareceram equivocados, quem vai se deparar com isso e corrigir é a equipe curricular...

232	Rodrigo Oliveira	Assim como né, e... e de algum modo, quer dizer, a equipe curricular acabou avançando depois da minha saída, teve que enfrentar mesmo pela falta de recursos a construção de um material de transição, com múltiplas mãos né, contando com PCNP, gente que foi convocada e etc., pra formar uma coisa assim, a toque de caixa também né, mas era... era também esse olhar, antes de estar no CEFAF, eu colaborei um pouco com a revisão do material de Sociologia mas na parte que tocava em gênero né, apurando aquele negócio todo, e... fazendo uma seleção, então teve uma contribuição também nesse momento.
233	Rodrigo Oliveira	Então é uma responsabilidade muito grande né, de quem assume essa... essa posição um tanto central, é uma posição, de quem tem que compreender o cenário da política nacional e transpor pro estado, disputar essa política no contexto, eu tô falando disputar né, porque eu vejo um tanto assim mesmo né, como uma relação que é atravessada pelo... é uma relação de força... relação de poder, você tá ali em meio uma relação de poder, não é um espaço pacífico ainda que a paz e... é muito aquilo que Michel Foucault faz e fala quando a... a... inverte o aforismo Clausewitz né, a... a... a paz é continuidade da guerra, então a política é continuidade da guerra em outros tempos, tem que ter essa disposição pra fazer política mesmo”.
Questão 2	Celso	No período de atuação enquanto técnico relate uma ação que considere importante para a consolidação da Sociologia na rede estadual de São Paulo.
234	Rodrigo Oliveira	Essa sua pergunta é uma pergunta difícil pro contexto histórico em que eu... que eu me situei né, neste trabalho, porque... era tudo menos consolidação, que estava posto naquele momento. (dá ênfase na fala) Nossa perspectiva estava uma perspectiva reativa a um processo, que se mostrava ainda, ele não terminou, ainda que a contagotas, e... ele acenava, ele flertava, era um contexto que flertava com a retirada de Sociologia do Ensino Médio.
235	Rodrigo Oliveira	Então, e... (pensa um pouco) certamente você vai se deparar com esse contexto histórico desde da e... institucionalização né, de Sociologia, <b>a obrigatoriedade de Sociologia no Ensino Médio, a dificuldade que foi a implementação da Sociologia no estado de São Paulo, que demorou um bom tempo né, e... e... (pensa novamente) um processo muito curto que não permitiu, digamos assim, um amadurecimento, inclusive um... um balanço, de fato que significou, o que significa essa disciplina no currículo, quais são suas contribuições, e... pra um cenário que, dada todas as coisas reacionárias que estavam colocadas né?</b>

236	Rodrigo Oliveira	<p><b>A gente chegou a conversar antes das Escolas sem Partido, a... o policiamento diante do professor e da política, dando a entender que não há educação, não existe educação politicamente neutra, educação é uma tomada de posição, não é? É necessário tomar uma posição pra ter uma política educacional e esse limbo né, e... esse discurso que vai virando força, Escola sem Partido, e... policiamento do professor, a... discussão sobre quantidade de disciplinas, reforma do Ensino Médio, Base Nacional Curricular Comum, tudo isso foi um cenário que foi pondo uma perspectiva reativa, ou defensiva, eu diria, melhor! Defensiva para manter aquilo que, ainda que precário, capenga né, precisava avançar.</b></p>
237	Rodrigo Oliveira	<p>(para e pensa novamente) Sua pergunta também... e.. você me perguntou... já o consistente que foi feito para... Você quer repetir a pergunta novamente? Porque... (Aparentemente se perdeu um pouco na linha de raciocínio) [No período de atuação enquanto técnico, relate uma ação que considere importante para a consolidação da sociologia na rede estadual de São Paulo.]</p>
238	Rodrigo Oliveira	<p>Então, aí, Celso, muito francamente, enquanto equipe técnica... de Sociologia, esse era o cenário... acho que a minha primeira... primeiro momento que eu explanei, ele, ele dá conta um pouco desse processo e contexto, ao consistente pra disciplina, eu diria que não existiu, não ocorreu. Pela perspectiva mesmo defensiva... foi defender a manutenção, foi defender o lugar da Sociologia.</p>
239	Rodrigo Oliveira	<p>Talvez isso... tenha, de fato, a sua importância, era necessário fazer isso, né? (fala sorrindo) Se posicionar dessa maneira, mas o meu trabalho, eu acho que eu posso entrar pra esse aspecto, se me permite, porque... o meu trabalho tinha uma particularidade, (passa a fazer uma fala pausada) eu entrei na secretaria em 2013, como professor de Sociologia no estado, em 2011. (para e pensa um pouco para relembrar sua trajetória) Eu devo, bom, acho que eu faço parte da primeira ou segunda leva de professores do estado concursados... acho que o primeiro concurso foi um pouco antes, ou não? 2010... 2010? Foi isso? 2010, 2011? Não! Eu entrei em 2011... Não, não, não. Eu faço parte do primeiro concurso de Sociologia.</p>
240	Rodrigo Oliveira	<p>Bom, eu vou ter que depurar um pouco essa narrativa, você depura, porque é um pouco isso. Eu pedi... prorrogação de posse, porque eu estava terminando meu mestrado, né? Eu proroguei... o máximo que eu pude, que era, acho que foi em torno de quatro meses, por isso que eu assumi em 2011, lá nos meados de 2011, e... final de abril de 2011.</p>



241	Rodrigo Oliveira	E... fiquei pouco tempo no... na sala de aula... mais por conta do que eu fazia, que era... que estava relacionado à questão de gênero e... e... pesquisa acadêmica, era focada na questão das travestis e... e... engajamento mesmo, como pessoa, eu levava a... adiante uma associação LGBT e uma série de outras ações e isso, e... com o segundo plano de enfrentamento à homofobia, o estado tinha que dar algum tipo de resposta, e uma dessas respostas, uma dessas linhas estratégicas era ter um técnico pra educação pra diversidade sexual e de gênero.
242	Rodrigo Oliveira	Que, é uma coisa que vai se inaugurar mesmo... com a minha ida pra secretaria, porque a secretaria não tinha, alguém que respondesse por essa questão, por todas as políticas que estavam postas no papel desde o primeiro plano até o surgimento do segundo, nada saiu do papel, embora, e com todos os adendos que eu possa fazer, pode-se dizer, com toda segurança, que não existia nada posto em relação a essa temática, existiu muita coisa relacionada a essa temática, a rede já tinha discutido vários aspectos sobre, isso com material didático, programas e projetos, aí eu fiquei de 2013 até 2017 no Núcleo de Inclusão Educacional.
243	Rodrigo Oliveira	Fui responsável, diretamente, pela implementação do uso do nome social, para travestis e transexuais, naquele momento, também, pela construção de uma estratégia de formação de professores na área de gênero e de sexualidade e diversidade sexual. Uma série de outros projetos conexos e relacionados a essa temática.
244	Rodrigo Oliveira	Quando eu vou pro CEFAF, eu carrego essas questões, porque foi um pouco também, e... não só da minha vontade, porque eu sabia que ao sair do Núcleo de Inclusão eu iria conduzir essa questão, era... foi algo que foi negociado, mas essa negociação da própria parte dos gestores, eles entendiam, “olha, tem um vácuo na sociologia, você também tem que fazer um trânsito”, por exemplo, questões, que eu vou me permitir aqui a discricção, mas as tensões que eu vivenciava no próprio espaço do Núcleo de Inclusão Educacional me exigiu tomar essa... essa... atitude de sair do núcleo e ir pro centro, e no centro eu continuei... com essas políticas na área.
245	Rodrigo Oliveira	Então... e... engraçado observar que, hoje, quando, por exemplo, se discute e... a... a inclusão de uma discussão de diversidade sexual num material de ciências do ensino fundamental, está relacionado diretamente à existência de um sociólogo, numa equipe curricular, tá certo? que vai dialogar com diferentes áreas, porque ele não tem só a Sociologia como objeto de trabalho, mas, também, as questões de gênero.

246	Rodrigo Oliveira	E é engraçado especialmente que, quando a secretaria se posiciona, ela menciona isso né, o conselho estadual da educação, quando e... o governador João Dória decidiu, o recolhimento, de maneira autoritária do material, e que depois o Ministério Público né, nesse episódio, mais recente, o Ministério Público vai tomar a frente dessa discussão, e várias instituições e organizações vão mencionar que isso é ilegal, tá certo? E exige que o Governo recue, inclusive ele manda uma nota, um adendo. O que que diz esse adendo?
247	Rodrigo Oliveira	(Levanta para procurar o documento emitido na ocasião citada para ler) É um material, acho que do... oitavo ano. Esse adendo, ele vai falar... que... essa adaptação suprimiu a informação, então o Texto 1 (lendo e fazendo referência ao material do São Paulo Faz Escola) publicado nas páginas 29 e 30 da área de ciências da natureza, foi adaptado de sua fonte original, então ele tá dizendo que adaptou algumas coisas de fonte original, que fontes são essas? Um é o documento orientador que eu construí, Diversidade Sexual e de Gênero, e... metodologias pro Escola da Família... documento CGEB, (volta a olhar algumas pastas para encontrar o referido documento) acho que tá aqui alguma coisa, deixa eu ver pra me situar porque de repente você pode querer também na fonte, que é Diversidades Sexuais e de Gênero Guia e Metodologias e Atividades Programa Escola da Família, que é produzido por um sociólogo, tá certo?
248	Rodrigo Oliveira	Então a perspectiva de sexualidade sempre foi vista como algo da área das ciências da natureza, mas o tema da sexualidade também é um tema também da Sociologia, e o tema de gênero é um tema da Sociologia. Tradicionalmente a área de ciências da natureza lidou com o tema de uma perspectiva da prevenção né, mas a prevenção como algo que iria ser abordado de uma perspectiva fisiológica, de uma perspectiva da doença né, ou de como utilizar, ser mas ainda, instrumental como utilizar preservativo ou não, e a perspectiva sociológica vai falar: bom, não adianta só discutir isso, é preciso discutir as concepções, os medos, as ansiedades, as inquietações, as relações de poder que permeiam, a configuração dessas relações entre meninos e meninas, que vai fazer favorecer ou vai tornar mais difícil o uso de métodos de prevenção, por exemplo.

249	Rodrigo Oliveira	Então é engraçado que aí a secretaria publica isso em 16 de setembro de 2019 dizendo assim: 'esta adaptação suprimiu a informação de que se tratava apenas de uma abordagem sociológica'. Apenas de uma abordagem sociológica. Então a abordagem sociológica, então acho que esse é um dos feitos que acho que eu posso ter colaborado (fala sorrindo da sua ação sobre esse material), não propriamente com a Sociologia, mas com uma abordagem sociológica pra áreas, que, tradicionalmente, não consideravam uma abordagem sociológica e ela se tornou central, pra fundamentação das suas próprias políticas, então era o tratamento nominal, era a publicação de materiais, era a formação dos professores e uma série de projetos, inclusive, com ressonâncias no material das demais áreas, como por exemplo, o material de ciências da natureza, né? A área de prevenção.
250	Rodrigo Oliveira	No contexto da minha atuação no centro de ensino fundamental e médio, como equipe de Sociologia, e... acho que um dos acompanhamentos importantes foi a consolidação mesmo da política de nome social, então acho que vai ser esse ano que a gente vai chegar na casa dos 544 estudantes e... com nome social, travestis e transexuais com nome social na rede de ensino. E se observar (procura mais alguns documentos para citar a fonte do que foi produzido, vai folheando o documento) eu só tenho os relatórios técnicos o nome social ele quando começou, em 2014, e... o que tinha de início era algo em torno de 20 estudantes, 24 estudantes, algo assim.
251	Rodrigo Oliveira	Então foi... uma espécie de consolidação, mas ainda com muitos desafios, agora acho que já chegou na casa dos 700 e pouco pra 800 estudantes né? Então era a consolidação do uso do nome social, mas isso exigiu uma abordagem sociológica para o entendimento do que é gênero, identidade de gênero, experiência e tudo mais. Então esse foi um aspecto. O outro aspecto, desde o Núcleo de Inclusão educacional eu estava na construção de um curso de formação de professores, que era o curso... Gênero, Sexualidade e Diversidades Sexuais: Desafios para a Escola Contemporânea. Acho que a Marina, inclusive, pode te dar o texto, foi publicado com os dados e acho que é legal, porque isso mostra um pouco o que é a abordagem sociológica, porque o curso foi orientado por uma abordagem sociológica né, não era a abordagem tradicional das ciências da natureza (fala sorrindo novamente).

252	Rodrigo Oliveira	Só que o curso só vai sair depois do meu trânsito do CEFAF, mas ele se consolida ali, ainda numa disputa se ele vai ou não, porque isso é um processo que eu encaro desde 2014. A minha mudança de cenário tem a ver também com o meu posicionamento estratégico para algumas políticas saírem do papel, depois eu conto um pouquinho mais disso, (faz uma fala pausada) e... então foi o curso, e... a colaboração de uma abordagem né, o repertório de uma abordagem sociológica para outras áreas... Acho que a maior contribuição que eu dei mesmo foi pra área pra discussão de gênero, acho que, pra discussão de gênero naquele momento, e que era um, é um dos fantasmas que pairam até hoje né, um dos fantasmas que param, fantasmas pairam... até hoje... e... na área de Sociologia, que é a acusação dela ser uma área ideológica do currículo né (deu ênfase na fala).
253	Rodrigo Oliveira	É um momento, também, que essa coisa desse sintagma 'ideologia de gênero', ideologia de gênero (fala mostrando o documento emitido pela secretaria) quando a secretaria publica isso "apenas" numa abordagem sociológica em 2019, em setembro de 2019, ela tá dizendo que e... de um outro modo, que a área de Sociologia não é ciência, não é saber.
254	Rodrigo Oliveira	(para pensa um pouco e retoma a fala) Ela tá falando que o saber tá em outra área, e que a... a... Sociologia é ideologia, e que isso tem que ser matizado, considerado por outros aspectos tal tal, é uma visão e... com uma linguagem politicamente correta, embora eu não mencione ideologia de gênero, reforça a ideia de ideologia de gênero como uma produção da Sociologia.
255	Rodrigo Oliveira	Então... foi um pouco essa, acho que digamos assim, a contribuição maior que eu dei, e... foi pelo trabalho no momento histórico... em que não se discutia isso, e isso vai criar ressonância em vários aspectos tá, e... por exemplo, no sistema de proteção escolar, na abordagem do sistema de proteção escolar hoje chamado né, Conviva.
256	Rodrigo Oliveira	Não era incomum eu ser demandado antes no NINC, como... parte da equipe de Ciências Humanas ou no gabinete, posteriormente a fazer vídeo educativo, formação ou lidar com o tema de uma abordagem sociológica para a questão dos conflitos, não só na área de gênero mas até mesmo a coisa das mídias digitais. Então... Safernet, que hoje é uma grande parceira, por exemplo, na EFAP foi uma construção que esteve relacionada diretamente à minha atuação, ao enfrentar, por exemplo, umas das questões da internet, não pode se dizer, não é diferente disso, é a questão de gênero né, (faz a afirmativa sorrindo e dando ênfase) é a discriminação de gênero, e a afetar meninos e meninas, é o sexting, e o nudes, é sexualidade.

257	Rodrigo Oliveira	Esse é o momento também posterior às ocupações, e esse momento das ocupações também demandou um certo... talvez mais e... eu vivenciei isso com... mais forte, mais fortemente, no momento mesmo do CEFAF, mas depois no gabinete, porque eu vou trabalhar justamente nessa área, que é a questão de uma democratização da escola... né? e... (pensa um pouco) de uma gestão democrática...
258	Rodrigo Oliveira	E essa questão da gestão democrática, dar voz aos jovens, a questão dos grêmios estudantis... era algo que... pra um olhar, talvez, ou talvez pelo próprio posicionamento dos sociólogos (fala sorrindo) e aí eu vou ampliar, não é o Rodrigo pessoa né, e... acho que a gente tá conversando, sua própria trajetória se confunde também com isso, e a minha também no órgão central, ser demandado a dar colaborações para desenvolvimento do que seria a gestão democrática, né?
259	Rodrigo Oliveira	Qual que seria a política da secretaria para a gestão democrática? Qual o olhar da secretaria para a questão dos grêmios estudantis? Da... do simples ato técnico ali de fazer um vídeo educativo isso para discutir isso a desenvolver mesmo as linhas e as diretrizes dessa conversa toda. E... isso vai me levar a um determinado momento, e essa foi uma veia, um caminho que eu explorei, (volta a fazer uma fala pausada e pensativa ao falar da saída e da relação com os colegas) e... que foi uma saída inteligente, mas também foi o início do fim da minha trajetória no órgão central...
260	Rodrigo Oliveira	Durante todo esse processo eu sempre tive uma conexão... que assustava os colegas, 'como pode você falar de gênero e conseguir conversar com o secretário, e ter esse acesso ao secretário de Estado?'. Então eu tive acesso ao Herman, eu tive acesso ao... Dr. Nalini, e eu tive acesso, também, aos secretários adjuntos, no último secretário que foi secretário de São Paulo também eu esqueço o nome dele, não sei se você se recorda... isso já na gestão Marcio França, ou até mesmo o governador do Estado, correto? por conta dos tensionamentos que essa política também geraram.

261	Rodrigo Oliveira	<p>Porque, ao mesmo tempo que a secretaria se apresentava progressista né, e que havia uma disputa de um discurso, e eu encarava também como isso né, eu estava lá pra disputar um determinado discurso institucional... se aquele discurso institucional caminhasse pra outro sentido, eu ia sair... eu sabia disso... eu ia sair por vontade própria, porque enquanto eu estivesse ali, eu queria garantir que aquele discurso institucional e das políticas que poderiam surgir, eventualmente né, daquele discurso institucional, e... caminhassem no sentido do reconhecimento da diversidade, reconhecimento de gênero como componente importante para pensar a qualidade da educação... pra pensar as discrepâncias educacionais, então era muito sério pra mim, não só... não era 'gênero', 'discutir identidade' né?</p>
262	Rodrigo Oliveira	<p>É... gênero como uma categoria analítica mesmo, que permitia abrir uma série de questões pra pensar educação, da... do acesso à permanência, à proficiência educacional. (foi feita uma pausa com a chegada do irmão do entrevistado) Celso, voltando à discussão né, e... Isso me abriu as portas pra ir pro gabinete... Wilson Levy, na época, era chefe de gabinete, e como chefe de gabinete ele precisava ampliar... Estava em discussão, naquele momento, gestão democrática, e eu, convidado, muitas vezes, pra ir colaborar com gestão democrática: 'Ah, a gestão democrática vai fazer uma roda de conversa sobre o uso da internet, chama o Rodrigo Oliveira, porque ele vai trazer um olhar né, da sociologia, vai trazer um olhar das questões de gênero'.</p>
263	Rodrigo Oliveira	<p>Então, aos poucos... 'Ah, tem um problema de gestão democrática por conta das meninas. Qual o lugar das meninas... nos grêmios estudantis?', 'chama o Rodrigo Oliveira, pra conversar ou pra colaborar com a gente em relação a isso'. E eu vi uma oportunidade. De fato, o que eu usei, eu acho que eu usei bem, porque o meu último feito foi garantir, e... além da consolidação do concurso Vozes pela Igualdade de Gênero.</p>
264	Rodrigo Oliveira	<p>(pausa, amiga do entrevistado chegou para visitá-lo, ele ficou de ajudá-la fazer a inscrição no ProUni). Desculpa a interrupção e... Como eu estava falando pra você, foi um momento de gestão democrática. No Gestão Democrática, eu enxerguei, na oportunidade de ir pro gabinete, a oportunidade de tirar do papel muitas coisas que estavam postas desde 2014.</p>

265	Rodrigo Oliveira	O curso: estando no gabinete, era outra conversa. Agora eu não estava mais na posição de um técnico que demandava as coisas, pra um... veja como que é, também, a coisa hierárquica dentro da secretaria: você, como técnico, você demanda para o seu diretor de centro, o diretor de centro vai pro diretor de departamento, o diretor de departamento tem que se reportar a... ao coordenador, e o coordenador tem que se reportar ao gabinete, tudo bem?
266	Rodrigo Oliveira	E dentro do gabinete, tem os assessores que respondem a determinadas questões, tem por sua vez, as disputas internas dentro do gabinete, do gabinete tem o secretário, tem os assessores com o secretário, tem o secretário com a Casa Civil, tem o secretário com o Governador do Estado, era uma escala, eu também já estava numa posição privilegiada pra fazer determinadas tratativas com as coordenadorias que antes, como técnico, eu não tinha.
267	Rodrigo Oliveira	Então um curso que estava pronto desde 2017, se eu não me engano... 2018... Um curso que estava pronto, desde 2017 esse curso estava pronto, desde a minha saída do NINC, ele só saiu em 2018... porque eu estava no gabinete, porque eu consegui, agora numa posição que era legitimada pelo lugar que eu estava ocupando, demandar e encaminhar mesmo: “olha, esta é!”. Claro que isso implicava, eu também garanti dentro, no lugar que eu estava ocupando, garanti que aquilo ia ter um apoio, legitimidade e... e apoio, e concordância da minha chefia imediata que era o chefe de gabinete.
268	Rodrigo Oliveira	O chefe de gabinete aceitou e a gente conseguiu colocar o curso de Gênero, que teve mais de 6000 inscritos e um aproveitamento que eu acho interessante e, como nós sabemos, é um curso que, a despeito da sua qualidade, porque envolveu uma série de pesquisadores, não é o Rodrigo Oliveira, porque o Rodrigo Oliveira, que tem determinada formação, que fez. Foi feito com muita colaboração, envolvimento de muitas instituições, e de gente de peso que tá contribuindo academicamente e politicamente com o assunto há muito tempo.
269	Rodrigo Oliveira	Então... o curso ele foi sucesso, mas ele foi garantido naquele momento. E... o concurso Vozes pela Igualdade de Gênero, o concurso Vozes pela Igualdade de Gênero foi muito importante, foi estratégico, ele surge, começa, se inicia da minha trajetória no NINC; ele se consolida um pouco né, e... ele ganha corpo, no meu trabalho enquanto eu estava como técnico de Sociologia, e ele vai ganhar mais legitimidade na minha ida pro gabinete e especialmente porque agora nós estamos falando do controle das demais instituições sobre a política educacional, e das disputas também que, às vezes, tem nesse controle, porque também existem ‘n’ disputas né?

270	Rodrigo Oliveira	E tem uma ala progressista, interessante, importante, que é representada pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, que tem um núcleo de gênero que pensa essas questões né, de promotoras engajadas com a discussão de violência doméstica, violência contra a mulher e... que vão fazer com que esse concurso permaneça mesmo com a minha saída né, e que isso é muito bom. Isso é muito bom porque, veja... a minha saída da secretaria também significou a interrupção de determinadas coisas né?
271	Rodrigo Oliveira	Não ter alguém que compreenda a discussão, que tenha disponibilidade pra travá-la e fazer esse tipo de tratativa e... (pausa, se distrai pegando o cigarro e o cinzeiro para a amiga) fazer esse tipo de tratativa, e também é claro que isso nunca é isolado, porque sempre existiu, nesse complexo, uma série de instituições, e de atores, e de agentes que garantiam a... que davam sustentação à permanência desse tipo de política e... não existe.
272	Rodrigo Oliveira	Então nós nos observando e processo mesmo de... recrudescimento, na minha perspectiva tá muito claro isso, e... recrudescimento da política educacional nessa área, e na área de garantia de direitos, de reconhecimento das diferenças e diversidade. Um sintoma disso e... é dizer que isso é mera abordagem, ou ‘apenas’ abordagem sociológica, ou acusar isso né, de ser uma criação da Sociologia e... a discussão de gênero.
273	Rodrigo Oliveira	A minha trajetória como sociólogo e antropólogo ela tá intimamente ligada a isso, e o meu trabalho, se eu pudesse sintetizar pra você qual é a contribuição de um técnico... de Sociologia e, também, de um sociólogo, antropólogo na secretaria da educação, na minha perspectiva e falando pra você da minha trajetória na secretaria, foi ter abordado esse estudo de gênero. Acho que é isso. Sabe, gênero foi aquilo que permeou toda essa conversa, mesmo no gabinete, mesmo estando agora, nesse contexto, falando de gestão democrática, eu sempre tentei, e incluí, essa perspectiva na minha tratativa.